

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Fabiane Bortoluzzi Angelo Munhoz

PERSPECTIVAS PARA EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE:
UM OLHAR CRÍTICO-FILOSÓFICO À INTERVENÇÃO ASSISTIDA
POR ANIMAIS EM AMBIENTE ESCOLAR

Santa Maria, RS

2022

Fabiane Bortoluzzi Angelo Munhoz

**PERSPECTIVAS PARA EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE:
UM OLHAR CRÍTICO-FILOSÓFICO À INTERVENÇÃO ASSISTIDA
POR ANIMAIS EM AMBIENTE ESCOLAR**

Tese apresentada ao Curso/Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Linha de Pesquisa I como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutora em Educação**.

Orientador: Amarildo Luiz Trevisan

Santa Maria, RS

Agosto, 2022

Munhoz, Fabiane Bortoluzzi Angelo

Perspectivas para educação contra a barbárie: Um olhar crítico-filosófico à intervenção assistida por animais em ambiente escolar / Fabiane Bortoluzzi Angelo Munhoz. - 2022.

169 p. : 30 cm

Orientador: Amarildo Luiz Trevisan
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2022

1. Educação Assistida por Animais (EAA) 2. Intervenção Assistida por Animais (IAA) 3. Programas de IAA na escola 4. Aletheia 5. Teoria Crítica I. Trevisan, Amarildo Luiz II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFV. Dados fornecidos pelo autor(A). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Fatta CJP 10/1728.

Declaro, FABIANE BORTOLUZZI ANGELO MUNHOZ, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Fabiane Bortoluzzi Angelo Munhoz

**PERSPECTIVAS PARA EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE:
UM OLHAR CRÍTICO-FILOSÓFICO À INTERVENÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS
EM AMBIENTE ESCOLAR**

Tese apresentada ao Curso/Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Linha de Pesquisa I como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutora em Educação**.

Aprovada em 26 de agosto de 2022.

**Amarildo Luiz Trevisan, Prof. Dr.
Presidente da Banca/Orientador – UFSM**

Edna Gusmão de Góes Brennand, Prof^a. Dr^a. (UFPB)

Geraldo Antonio da Rosa, Prof. Dr. (UCS)

Maurício Cristiano de Azevedo, Prof. Dr. (IFFar)

Leandra Bôer Possa, Prof^a. Dr^a. (UFSM)

Ercília Maria de Moura Garcia Luiz, Prof^a. Dr^a. (UFSM)

Caroline Mitidieri Selvero, Prof^a. Dr^a. (UFSM)

Santa Maria, RS
2022

Dedico àqueles que mais me ensinaram, em vida e na morte:

Meu pai *Sady Rocha Angelo*,

Minha cadela *Anita* e

A todos os cães de *IAAs*.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, Vinicius Munhoz, o amparo para as dificuldades da caminhada e a certeza da existência do amor;

Meus pais pela vida;

Meus cães, o motivo para esta tese existir;

Minha psicóloga Natalia Seitz que acolheu minhas dores e vulnerabilidade diante dos momentos mais difíceis e me ajudou a calçar os sapatos para seguir a caminhada;

Aos mestres: meu orientador Prof. Dr. Amarildo Trevisan e à Prof^a. Dr^a. Adriana da Rocha Veiga que claramente sempre acreditaram em mim mais que eu mesma;

Minha mentora, sócia, amiga e entrevistada desta tese, Andrea Lorenzon Petenucci, sem ela não teria sido possível;

Às amigas Denise Santos da Cruz e Neiva Viera Trevisan pela amizade, parceria e inspiração;

Aos amigos Marcelo Ilha, Heitor Pina Jr. e colaboradores da Marcelo Ilha Espaço Pet e Best Bicho pela incansável parceria desde o início da minha trajetória nas IAAs;

Às Terapeutas Ocupacionais Luisiana Onófrío e Natiely Lange pela dedicação, confiança, profissionalismo e determinação na implantação da IAA no HUSM.

Minha Tia Marília Bortoluzzi minha referência de vida;

Meu irmão Guilherme Angelo pela fraternidade cada dia mais intensa;

À Família Munhoz, nas pessoas do meu sogro Antônio e da minha sogra Rosseliane, pelo apoio, cafés e torcida de sempre;

Minhas sócias, Janaina Ganzer e Vanessa Piana pelo apoio constante;

Ao colegiado do PPGE pelo acolhimento nos momentos tortuosos.

À banca examinadora meu sincero agradecimento;

Enfim, juntos conseguimos!

Generosos e sinceros agradecimentos.

*“Nem a sociedade, nem o homem, nem nenhuma outra coisa deve
ultrapassar os limites estabelecidos pela natureza.”*

Hipócrates

RESUMO

PERSPECTIVAS PARA EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE: UM OLHAR CRÍTICO-FILOSÓFICO À INTERVENÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS EM AMBIENTE ESCOLAR

Autora: Fabiane Bortoluzzi Angelo Munhoz

Orientador: Prof. Dr. Amarildo Luiz Trevisan

Esta tese insere-se na Linha de Pesquisa 1 – Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A pesquisa aborda a Intervenção Assistida por Animais (IAA) em ambiente escolar como uma perspectiva possível, capaz de contribuir para uma educação contra a barbárie. Dessa forma, nos questionamos se a IAA em ambiente escolar pode ser uma referência para a criação de processos educativos que perspectivam a educação contra a barbárie. Percorremos a questão através do olhar crítico-filosófico estabelecendo um eixo teórico por meio das contribuições da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, em especial nas contribuições de Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento*. No que tange a IAA realizamos uma entrevista com especialista, bem como utilizamos a literatura científica apropriada para o estudo e documentos norteadores da área. Portanto, nosso objetivo centra-se em fundamentar a IAA em um marco teórico de caráter filosófico e humano e promover debates com bases nos documentos consultados para propor aperfeiçoamentos. Identificamos a necessidade da conscientização da atenção ao bem-estar de todos os envolvidos em um programa de IAA em ambiente escolar e discutimos a IAA como adjuvante à educação contra a barbárie. Direcionamos o olhar à compreensão didática do papel do cão na IAA, na qual cunhamos o termo recurso incremental. A abordagem utilizada para o estudo segue a perspectiva da pesquisa qualitativa, com eixo teórico nas contribuições da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, especialmente na compreensão de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Como instrumentos foram utilizados a análise bibliográfica e a entrevista semiestruturada com especialista para geração de dados. Os capítulos têm como pressuposto a garantia da One Health (saúde-única) e One Welfare (bem-estar único), dois conceitos caros à IAA e considerados pilares das boas práticas na Intervenção Assistida por Animais. Ainda, com a intenção de colaborar para a conscientização acerca da introdução de cães em ambiente escolar em programas de IAA foi proposto um protocolo elaborado a partir da experiência da entrevistada e da pesquisadora. Portanto, consideramos possível a percepção das Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) como perspectiva contra a barbárie e valemo-nos da alegoria *Alethéia* para sua contextualização.

Palavras-chaves: Educação Assistida por Animais (EAA). Intervenção Assistida por Animais (IAA). Programas de IAA na escola. Alethéia. Teoria Crítica.

ABSTRACT

PERSPECTIVES FOR EDUCATION AGAINST BARBARISM:

A PHILOSOPHICAL CRITICAL LOOK AT ANIMAL-ASSISTED INTERVENTION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Author: Fabiane Bortoluzzi Angelo Munhoz

Mentor: Amarildo Luiz Trevisan, PhD.

This thesis is part of the Line 1 Research – Teaching, Knowledge and Professional Development, of the Education Graduate Program (PPGE), at Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). The research addresses Animal Assisted Intervention (AAI) in the school environment as a possible perspective capable of contributing to education against barbarism. The approach used for the study follows the perspective of qualitative research, with a theoretical axis in the contributions of the Frankfurt School Critical Theory, especially in the understanding of Theodor Adorno and Max Horkheimer. The study is philosophically based on the diagnosis of the times made by Adorno and Horkheimer in the work "Dialectics of Enlightenment" with the education against barbarism as the horizon. The instruments used were the literature review and the semi-structured interviews with specialists to generate data. The chapters presuppose the guarantee of One Health and One Welfare, two dear concepts to the AAI and considered pillars of good practices in Animal Assisted Intervention (AAI). Initially, we launched a critical philosophical look in order to discuss the main issue that motivated our study, which centers on two aspects: the awareness of the necessary attention to the well-being of all those involved in an AAI program in the school environment and the didactic comprehension of the dog's role in AAI, which we propose as an incremental resource, as it is a thesis in the Educational field, an intellectual space conducive to proposals for comprehending the identified gaps. Still, with the intention of collaborating to raise awareness about the introduction of dogs in the school environment in AAI programs, a protocol elaborated from the experience of the interviewee and the researcher was proposed. Therefore, we consider to be possible the perception of Animal Assisted Interventions (IAAs) as a perspective against barbarism, and we use the allegory Aletheia for its contextualization.

Keywords: Animal Assisted Education (AAE). Animal Assisted Intervention (IAA). AAI programs at school. Alethéia. Critical Theory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IAHAIO- International Assosiation of Human-Animal Interaction Organizations

AAII – Animal Assisted Intervention International

IHA – Interação humano-animal

IAA _ Intervenção Assistida por Animais

IAAs – Intervenções Assistidas por Animais

AAA – Atividade Assistida por Animais

EAA – Educação Assistida por Animais

TAA – Terapia Assistida por Animais

CAA – Coaching Assistido por Animais

CCIH – Comissão de Controle de Infecção Hospitalar

UFMS – Universidade Federal de Santa Maria

HUSM – Hospital Universitário de Santa Maria

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 BIOGRAFIA INTERACIONAL: UMA VIDA EM PARCERIA COM OS CÃES	24
2. A HISTÓRIA DA IAA E POSSÍVEIS DESAFIOS PARA A ATUALIDADE	38
2.1 BREVE RESGATE HISTÓRICO DA INTERVENÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS	38
2.2 INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS (IAAS) NA ATUALIDADE.....	45
2.3 O CÃO COMO RECURSO INCREMENTAL NA IAA.....	58
3 TEORIA CRÍTICA COMO BASE TEÓRICA CRÍTICO-REFLEXIVA ÀS IAAS	64
3.1 A DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO COMO LENTES ÀS IAAS.....	74
3.2 O HOMEM E O ANIMAL AOS OLHOS DE ADORNO E HORKHEIMER.....	89
4. PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA A EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE ...	96
4.1 A INTERVENÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS EM AMBIENTE ESCOLAR COMO ADJUVANTE À EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE	96
4.2 IAA EM AMBIENTE ESCOLAR COMO ALETHÉIA DA EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE.....	111
4.3 PERSPECTIVAS E LIMITAÇÕES DA IAA EM AMBIENTE ESCOLAR	115
4.4 SABERES DA <i>ALETHÉIA</i>	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	133
ANEXOS	137
ANEXO A: PROTOCOLO DE INTRODUÇÃO DE CÃES EM AMBIENTE ESCOLAR	137
ANEXO B: ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM ESPECIALISTA	145
ANEXO C: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ESPECIALISTA	146
ANEXO D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)	170

INTRODUÇÃO

Esta tese insere-se na Linha de Pesquisa 1 – Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A pesquisa está ligada ao desenvolvimento do projeto de pesquisa “Teorias da Violência na Educação: Formação de Professores para atuar em situações de conflito”, registrado no Gabinete de Projetos do CE/UFSM sob nº 045847, aprovado na Chamada MCTIC/CNPq – Edital Universal nº 28/2018 - faixa C com tempo de execução previsto de 18/02/2019 a 17/02/2025 (prorrogado pelo CNPq em função da pandemia da COVID-19) e registrado sob o CAAE 49293021.5.0000.5346.

A tese aborda a Intervenção Assistida por Animais (IAA) em ambiente escolar como uma perspectiva possível, capaz de contribuir para uma educação contra a barbárie. Dessa forma, nos questionamos se a IAA em ambiente escolar pode ser uma referência para a criação de processos educativos que perspectivam a educação contra a barbárie. Para tanto, lançamos um olhar crítico-filosófico em primeira instância estabelecendo um eixo teórico por meio das contribuições da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, em especial nas contribuições de Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento*. No que tange a IAA realizamos uma entrevista com especialista, bem como utilizamos a literatura científica apropriada para o estudo e documentos norteadores da área. Portanto, nosso objetivo centra-se em fundamentar a IAA em um marco teórico de caráter filosófico e humano e promover debates com bases nos documentos consultados para propor aperfeiçoamentos.

Para contemplar o objetivo nos detemos a identificar a necessidade da conscientização da atenção ao bem-estar de todos os envolvidos em um programa de IAA em ambiente escolar. Nessa perspectiva, discutimos a IAA como adjuvante à educação contra a barbárie. Por tratar-se de uma Tese em Educação, espaço intelectual propício às propostas de compreensão a lacunas identificadas, o olhar também foi direcionado à compreensão didática do papel do cão na IAA, na qual cunhamos o termo recurso incremental. A ideia de comparar o cão a um recurso não é no sentido instrumental, da racionalidade administrada, mas sim perceber que a sua presença em sala de aula não é fator determinante de sucesso da atividade pedagógica, permanecendo a centralidade sobre a relação professor e estudante, pois

essa é insubstituível. Com a intenção de colaborar e despertar a conscientização acerca da introdução de cães em ambiente escolar propomos um protocolo elaborado a partir da experiência da entrevistada nesta tese e da pesquisadora.

Fundamentada filosoficamente pelo diagnóstico de época realizado por Theodor Adorno e Max Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento* e tendo como horizonte a educação contra a barbárie. Os capítulos desta pesquisa terão como pressuposto a garantia da saúde-única (*One Health*) e bem-estar único (*One Welfare*), dois conceitos caros à IAA e considerados pilares das boas práticas na área.

Nesse sentido, ressaltamos dois marcos no campo da IAA: justamente a introdução dos conceitos mencionados na revisão do *White Paper* da *International Association of Human-Animal Interaction Organizations* (Iahaio) e o *guideline* exclusivo para utilização de cães em IAA proposto pela *Animal Assisted Intervention International* (AAII), organização a qual a autora deste estudo é membro por meio da certificação de sua empresa Afago & Afeto, assim como a entrevistada.

A abordagem utilizada para o estudo segue a perspectiva da pesquisa qualitativa, tomando como eixo teórico as contribuições da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, especialmente na compreensão de Adorno e Horkheimer. Como instrumentos elegemos a pesquisa bibliográfica e a entrevista semiestruturada com especialista para geração de dados. Nossa entrevistada é a Pedagoga especialista em IAA e Mestra em Fonoaudiologia Andrea Lorenzon Petenucci, referência nacional na IAA com mais de uma década de atuação em diferentes ambientes e públicos distintos, especialmente em Educação Assistida por Animais (EAA)¹.

A respeito das bases teóricas escolhidas para ancorar o estudo, uma delas já mencionada, a *Dialética do Esclarecimento*, de T. W. Adorno e M. Horkheimer, centralizamos nossas reflexões sob a ótica da dominação da natureza pelo homem e a preocupação da relação humano e animal que os filósofos apontaram. Para o despertar de um olhar crítico-filosófico da Intervenção Assistida por Animais em ambiente escolar dialogamos com pesquisadores da área da Antrozoologia, bem como pesquisas dedicadas ao bem-estar animal na IAA. Temática a qual a área passou a ocupar-se nos últimos anos. Seguindo a trilha do diagnóstico de época,

¹ EAA é uma modalidade inserida no conceito guarda-chuva Intervenção Assistida por Animais (IAA), o qual abordaremos no capítulo IAA na atualidade.

desembocamos na referendada educação contra a barbárie apoiados pela estudiosa desta temática, Sonia Kramer. Neste sentido, propomos a percepção das Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) como perspectiva contra a barbárie e valemo-nos da alegoria *Alethéia* para contextualização.

Intencionamos ainda, a definição do termo recurso incremental para uma compreensão didática e ampliada do papel do cão na IAA, com base segura e ética. Tal proposta ampara-se nos estudos de Andrea Filatro e Carolina Costa Cavalvanti, referências em pesquisas em torno das metodologias inovativas.

Uma vez que o estudo recorre à entrevista com especialista, a fim de reconhecer em sua biografia a experiência acumulada de mais de uma década nas IAAs, registramos também o percurso da pesquisadora, ao longo de seis anos de atuação na área no primeiro capítulo, intitulado “Biografia interacional: uma vida ao lado dos cães”. Isto exposto, levando em conta o fato de a metodologia de geração de dados pressupor também possíveis trocas de conhecimento ao longo da entrevista com especialista, de acordo com FLICK (2009).

Ressaltamos ainda uma das problemáticas enfrentadas nas IAAs, a utilização inadequada da nomenclatura, uma vez que ainda percebemos termos não técnicos sendo usados por profissionais e veículos de comunicação, colaborando largamente para a disseminação de um entendimento distorcido no contexto de atuação e pesquisa na área. Na esteira destas questões que ainda demandam atenção de profissionais e pesquisadores nos contextos possíveis de atuação, propomos uma revisão no conceito de IAA, bem como apontamos a necessidade de referendar os animais participantes sob um consenso terminológico.

Uma vez que, atualmente o cão é uma das espécies mais utilizadas, sugerimos a utilização do termo cão de IAAs² para referência quando a opção é por esta espécie. Com isso, a nossa intenção é colaborar para o despertar de posturas éticas e técnicas na área, facilitando assim a implementação de programas de IAA e a compreensão de profissionais e instituições interessados, bem como o entendimento do público em geral a respeito.

A proposta de pesquisa está distribuída em quatro capítulos com seus respectivos subcapítulos, contemplando a opção metodológica da pesquisa

² No Brasil a Afago & Afeto iniciou este movimento utilizando o termo cão de IAAs.

apresentada na sequência da introdução. O primeiro capítulo é dedicado a biografia da pesquisadora a fim de situar o leitor os motivos da opção do tema de pesquisa. O segundo capítulo abrange a história da IAA e os possíveis desafios, etapa que apresentamos um breve resgate histórico da IAA e refletimos sobre a atualidade da área. Dessa forma, é neste capítulo que apresentamos nossas propostas reflexivas a respeito do conceito de IAA, da compreensão do papel do cão como recurso incremental e da necessidade de trazer à tona a discussão a respeito da terminologia utilizada para os animais. Visto que, o cão é uma das espécies mais utilizadas na IAA e muitos termos são utilizados para referi-lo, sugerimos o termo cão de IAAs. Na sequência, o capítulo três é dedicado ao embasamento teórico desta tese, assim como, o diálogo possível com a IAA. É neste capítulo que centralizamos a preocupação de Adorno e Horkheimer com o domínio da natureza pelo homem e as consequências desse empreendimento humano, bem como o olhar dos filósofos à relação homem e animal. O quarto capítulo está focado nas perspectivas possíveis para a educação contra a barbárie, tomando como norte o imperativo de Adorno para que *Auschwitz* não se repita. Para tanto, sugerimos a IAA como adjuvante à educação contra a barbárie, discutimos as perspectivas e limitações da IAA em ambiente escolar e apresentamos os saberes da *Alethéia*, detalhando a alegoria por meio do poema de Parmênides, o qual entre tantos detalhes sensíveis vimos que o poema enobrece o próprio ser humano. Aspecto que perpassa a educação, bem como a própria IAA.

Cabe o registro sobre a alteração de rota desta tese provocada pela pandemia da covid-19. Inicialmente a proposta de estudo era a de analisar se a interação de crianças e cães em um programa de IAA na escola seria colaborativa com a educação contra a barbárie defendida por Adorno. No entanto, a pandemia obrigatoriamente desviou a rota em decorrência da impossibilidade da geração de dados devido as medidas de segurança. Apesar disso, acreditamos que em alguma medida alcançamos uma proposta capaz de despertar a reflexão e de ser útil aos nossos pares. Pois, para a autora a pesquisa além de ser um movimento intelectual próprio também deve acontecer sob a perspectiva de sua utilidade ao outro. Portanto, a caminhada foi árdua e com momentos de quase desistência, por inúmeros motivos pessoais, mas a ideia de poder colaborar com as pessoas e os cães envolvidos apaziguava a angústia e manteve a caminhada. Daí surgiu a proposta do protocolo de introdução de cães de IAAs em ambiente escolar que está disposto no final da tese

propositalmente, pois para a atuação e implementação de programas de IAA acreditamos que anterior a aplicabilidade está a compreensão e a reflexão da IAA.

Nesse sentido, podemos recorrer as discussões em torno da teoria e prática na formação de professores, já que programas de IAA em ambiente escolar demandam a participação ativa dos docentes. Por um bom tempo, a IAA ficou restrita a prática, tendo o olhar direcionado aos benefícios ao humano (este apontamento não desqualifica a importância dos benefícios, mas deseja promover a reflexão e ampliação para todos os envolvidos na IAA). De fato, a IAA é pautada pela aplicabilidade, no entanto há teorias e orientações que embasam a prática, daí que enfatizamos quanto a clareza acerca da intencionalidade da IAA. Não se trata apenas de levar o cão à escola para brincar com as crianças, se trata de uma metodologia ativa que propõe uma inovação incremental como identificamos nos estudos de Filatro e Cavalcanti (2018). Sobre a discussão teoria e prática que acompanha a formação de professores e, uma vez que esta tese está alicerçada na Filosofia da Educação, encontramos em Trevisan (2022) reflexões pertinentes ao considerar que:

A filosofia da educação não é prescritiva, mas sim orientadora do processo de ensinar e aprender. Enquanto as políticas educacionais e o currículo se preocupam com “o que ensinar” e as metodologias e técnicas buscam as melhores alternativas de “como ensinar”, a filosofia da educação se pergunta sobre o “para quê” fins, metas ou horizontes estamos querendo educar. Os fins incidem sobre os outros componentes do processo educativo, facultando com que a educação tenha a intencionalidade como característica do ato educativo, deixando para trás os fantasmas do voluntarismo, da doutrinação, do espontaneísmo e da sua própria instrumentalização. Por isso a filosofia da educação atua no sentido disruptivo, em relação aos preceitos meramente instrumentais ou ingênuos no trato do conhecimento pedagógico, para auxiliar no autoesclarecimento (pedagógico) de educandos e educadores. Assim, entre as possíveis contribuições da filosofia da educação está a de revisar o pensamento pedagógico no seu relacionamento com o passado, fazendo a crítica da ideia de arquivo como algo ultrapassado ou fossilizado no seu acontecer. E sim, entendendo-o como algo vivo, que precisa ser contextualizado no seu devir histórico. (TREVISAN, 2022, p. 9)

Desse modo, como supracitado, trataremos de questionar, utilizando as ferramentas filosóficas fornecidas pela Teoria Crítica, as abordagens instrumentais ou ingênuas que se fazem no campo da IAAS, procurando nortear a sua compreensão sob o viés de educação contra a barbárie. Dessa forma acreditamos que conteúdos, métodos e técnicas derivados desse objetivo ou intento venham a ter como

preocupação central, não apenas a contemplação do ser humano, mas também o bem-estar do animal participante.

Há um vídeo disponível no *You Tube* chamado *Como lobos mudam rios*³ que trata da reintrodução dos lobos no Parque Nacional de Yellowstone nos EUA após 70 anos de ausência. Este vídeo norteará metaforicamente nossas reflexões. Em resumo ele apresenta, como a reintrodução dos lobos não só facilitou o retorno de outras espécies como alterou o ambiente físico mudando o curso dos rios do parque de Yellowstone.

O vídeo alerta para a influência recíproca entre as espécies e o desequilíbrio que causa quando há a alteração ou desaparecimento de uma delas, ou seja, inevitavelmente, pelo que demonstra o vídeo haverá um desequilíbrio no ecossistema. Aqui reside o convite à reflexão que propomos, a ampliação do olhar das IAAs através da lente da *Dialética do Esclarecimento*, concernentes a relação do homem com a natureza. Além de ser útil para nossas reflexões nas IAAs, desde os conceitos de bem-estar único e saúde-única, a atuação interdisciplinar prevista na IAA, tem valor sentimental para esta tese. A pesquisadora teve acesso ao vídeo durante o período mais importante de sua carreira nas IAAs ao fazer mentoria com a especialista que entrevistou. Ele ilustra o quanto é possível ser realizado mesmo que com poucos lobos e essa leitura alude ao movimento dos últimos anos por parte de pesquisadores e profissionais da área da IAA em prol do bem-estar dos animais envolvidos.

Somamos esforços ao movimento, por meio deste estudo, valendo-nos das reflexões propostas motivadas pela entrevista que relata a biografia de mais de uma década de atuação nas IAAs com a especialista e a experiência da autora, como já foi mencionado. O vídeo também mostra a relação disfuncional e distanciada do homem com a natureza desenvolvida ao longo da caminhada evolutiva tão alertada na *Dialética do Esclarecimento*. Quem sabe esta tese possa somar esforços para a mudança do curso das IAAs, especialmente em ambiente escolar, pois, como discutimos, pode ser um dos espaços mais estressores para os cães.

A escrita desta tese se demonstrou tarefa complexa, no que tange à aproximação das IAAs com as preocupações de Adorno e Horkheimer quanto aos

³ Vídeo *Como lobos mudam rios*. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=VQIbQy-uR-g>>. Acesso em 04 de outubro de 2021.

rumos da humanidade. Ao mesmo tempo que a teoria dos filósofos da primeira geração da Escola de Frankfurt clareava as dificuldades enfrentadas pela área das IAAs como uma ótica filosófica possível, a escrita tomava-se de angústia e suor (literalmente). Um desafio intenso para uma profissional oriunda da prática e que tem como característica ser pragmática. Mas uma tese caracteriza-se, entre outros aspectos, pelo desenvolvimento intelectual. Registramos, então, que o orientador deste estudo e o apoio do grupo de pesquisa GPFORMA – Grupo de pesquisa Formação Cultural, Hermenêutica e Educação (o qual vou detalhar melhor no início do capítulo três) tiveram papel fundamental em alertar e orientar tais reflexões. Esta tese é pautada por inúmeros afetos da vida e é eminentemente dialógica, portanto, apesar de ter sido refletida, sentida e organizada por sua autora é fruto de muitos olhares.

A seguir, apresentaremos detalhadamente a opção metodológica para a pesquisa mencionada no início desta introdução.

CAMINHO TRAÇADO: OPÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Os estudos recentes apontam que a área das Intervenções Assistidas por Animais está crescendo e reunindo profissionais e voluntários interessados em atuar de forma assistida por animais com cães, assim como aumenta o interesse de organizações em receber programas de IAA. Percebemos também um crescente interesse na IAA em ambiente escolar. Algumas iniciativas passam a ser de conhecimento público por meio dos veículos de comunicação. No entanto, pesquisadores da área apontam para um crescimento relativamente desordenado. É recente a inclusão dos conceitos de saúde-única e bem-estar único no escopo das IAAs. Até então, o olhar esteve mais direcionado aos benefícios humanos advindos da interação humano-animal (IHA) nas IAAs.

Assim, Simonato et.al (2020) apontam que ainda há um “vazio” na literatura a respeito do impacto das IAAs nos animais. Portanto, este por si só já deveria ser um indicativo de cautela na introdução de cães em qualquer ambiente. Nossa intenção aqui é despertar à reflexão desta situação para a promoção de práticas éticas e seguras, baseadas nos estudos disponíveis no momento e não numa decisão unilateral de ajudar o outro, apenas. No estudo citado no início deste parágrafo, é

feita uma revisão sistemática de literatura que analisou os riscos da presença de animais em ambiente hospitalar. A utilização de cães em programas de IAA em hospitais já conta com alguns anos de prática, no entanto, ainda carece de mais estudos, como apontaram as autoras. Em ambiente escolar, acontece a mesma situação, com um número de pesquisas ainda menores.

Em revisão sistemática sobre a EAA, Correa Duque et. al (2019) conseguiram analisar vinte e quatro (24) artigos, de acordo com critérios estabelecidos para a revisão, como relatam a seguir:

A nivel internacional, se seleccionaron artículos de reflexión y resultados de investigación indexados en revistas científicas, además de otras fuentes secundarias nacionales como artículos periodísticos, los cuales abordaban, principalmente la categoría de Educación Asistida con Animales (especialmente con perros). Estos fueron revisados teniendo en cuenta los siguientes criterios: focos poblacionales, contextos de estudio, principales hallazgos y variables asociadas. (Idem, p.06).

A EAA é a mais jovem modalidade das IAAs, sendo reconhecida em 2014 pela Iahaio. Esta organização conceituou a modalidade desligando-a da Terapia Assistida por Animais (TAA)⁴. Fato que faz muito sentido, visto que a educação tem como objetivo o ensino e aprendizagem e a formação humana. Sendo assim, é compreensível que ainda sejam necessários estudos robustos dedicados à EAA.

A identificação de possíveis limitações e orientações são relevantes para que novos estudos aconteçam. Por isto, esta tese objetiva agregar forças, abordando dois aspectos: (1) reconhecendo as dificuldades que enfrentamos em âmbito nacional oferecendo um caminho de reflexão na linha filosófica e educativa, bem como (2) a elaboração de um protocolo para a introdução de cães de IAAs em ambiente escolar.

Para tanto, esta pesquisa situa-se como abordagem qualitativa, sendo a metodologia pautada no viés da Teoria Crítica. A geração de dados procede da pesquisa bibliográfica e de uma entrevista semiestruturada com especialista, como procedimentos. Lüdcke e André (2014) contextualizam essa opção, ao considerarem que:

⁴ Modalidade de Intervenção Assistida por Animais (IAA).

É preciso dar um “salto”, como se diz vulgarmente, acrescentar algo ao já conhecido. Esse acréscimo pode significar desde um conjunto de proposições bem concatenadas e relacionadas que configuram uma nova perspectiva teórica até o simples levantamento de novas questões e questionamentos que precisarão ser mais sistematicamente explorados em estudos futuros. (p. 58).

Seguindo as orientações de Lüdcke e André, na mesma obra supracitada, destacamos que “o papel do pesquisador é justamente o de servir como veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento construído na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa” (p. 5). Neste sentido, ressaltamos que o protocolo foi construído a partir da experiência da entrevistada e da pesquisadora, com base no *guideline* da AAll, instituição como já referido, na qual ambas são membros. Cabe ratificar que esta tese se baseia empiricamente na experiência, de mais de uma década de atuação nas IAAs, especialmente em EAA, da Pedagoga Andrea Lorenzon Petenucci, a qual contribuiu com nossa pesquisa ao consentir, de modo livre e esclarecido, ser entrevistada e ter a sua identidade revelada.

Lüdcke e André (2014) corroboram a opção metodológica utilizada a respeito da pesquisa qualitativa, uma vez que ela alcança elementos obtidos em contato direto da pesquisadora com a situação, corroborada também por Trevisan e Trevisan (2021), pois enfatizam que são pesquisas apoiadas em uma metodologia mais compreensiva e dialética. Os autores ainda discorrem considerando que a “pesquisa qualitativa aprofunda-se naquilo que não é aparente, ou seja, estuda as particularidades e experiências de determinado sujeito, não tendo como propósito contabilizar resultados, mas sim a partir da compreensão da realidade que nos cerca” (TREVISAN E TREVISAN, 2021, p. 49).

Optamos pela entrevista semiestruturada devido ao caráter interacional entre pesquisadora e entrevistada, sendo considerada uma técnica indicada para complementar a pesquisa bibliográfica e encontrar dados para corroborar ou refutar as intenções de pesquisa. No caso deste estudo, a entrevista, além de contemplar o acima mencionado também vai ao encontro das propostas da Teoria Crítica de estreitar teoria e prática. Na mesma via encontra-se a relevância desse instrumento para aproximar a teoria da prática e vice-versa, visto que este é um eixo básico da formação de professores.

É importante atentar para o caráter de interação que permeia a entrevista. Mais do que outros instrumentos de pesquisa, que em geral estabelecem uma

relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, como na observação unidirecional, por exemplo, ou na aplicação de questionários ou de técnicas projetivas, na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira natural e autêntica. (LÜDCKE E ANDRÉ, 2014, p. 39).

A escolha pela realização da entrevista como instrumento de geração de dados é também corroborada por Trevisan e Trevisan (2021). ao listar possibilidades de instrumentos para a realização da pesquisa qualitativa, tais como: coleta de dados, observação participante, entrevistas, histórias de vida, análise de conteúdo, entre outros. Além disso, nossa opção também encontra guarida na orientação quanto à análise dos dados, uma vez que, para os autores citados, a pesquisa qualitativa busca a essência dos fenômenos e “a interpretação é realizada de acordo com o contexto” (p. 50).

Justificamos a realização de uma entrevista semiestruturada com especialista, a partir da explicação de Flick (2009) apoiado em Meuser e Nagel (2002), quando discutiram as entrevistas com especialistas como uma forma específica de utilizar entrevistas semiestruturadas. Ainda de acordo com Flick (2009) “as entrevistas são integradas ao estudo não como um caso único, mas representando um grupo (de especialistas específicos)” (p. 158).

A entrevista com especialista tem como característica a necessidade de o entrevistador esclarecer ao entrevistado que também é familiarizado com o tópico em questão, sendo considerada uma condição para o êxito na condução de entrevistas neste formato, de acordo com Flick (2009). Essa orientação foi respeitada na condução da entrevista e bem aproveitada para a realização de questionamentos pertinentes ao esclarecimento dos tópicos abordados. Da mesma forma, facilitou o diálogo entre entrevistadora e entrevistada.

No que se refere à geração dos dados consideramos relevante contextualizar o cenário. A internet tem assumido um papel colaborativo na facilitação da geração de dados em pesquisas qualitativas por meio das entrevistas *online*, modalidade que foi escolhida para esta pesquisa. Vivenciamos a intensidade dessa situação no período acometido pela Pandemia da Covid-19, em escala mundial.

Conforme um dos autores que norteiam o estudo da metodologia em questão, “a pesquisa qualitativa não escapa da revolução digital e tecnológica do início do século XXI. Os computadores são usados para analisar dados qualitativos” (FLICK, 2009, p. 239). O autor aponta dois formatos para a realização da entrevista online, podendo ocorrer de forma assíncrona e síncrona, sendo que optamos por este segundo:

A entrevista online pode ser organizada em forma síncrona, que significa que o pesquisador entre em contato com seu participante em uma sala de bate-papo (chat), na qual pode trocar diretamente perguntas e respostas enquanto ambos estão *online* ao mesmo tempo. Isto fica muito próximo da troca verbal em uma entrevista cara a cara (FLICK, 2009, p. 240).

O processo para agendamento da entrevista consistiu em enviar uma mensagem via aplicativo *whatsapp* para a especialista com o objetivo de combinarmos o melhor horário compatível com a sua agenda. No dia agendado foi enviado o link de uma sala de reunião na Plataforma Zoom. A entrevista foi gravada com a autorização da participante via Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), constando no Anexo D, para posterior transcrição por meio do software Sonix⁵ e análise do conteúdo ao longo do estudo como permite a opção metodológica. Seguimos as orientações de Lüdcke e André (2014) para a análise da entrevista, visto que as autoras consideram que ela está presente em vários momentos da pesquisa como explicam:

Tomamos então várias decisões sobre áreas que necessitam de maior exploração, aspectos que devem ser enfatizados, outros que podem ser eliminados e novas direções a serem tomadas. Essas escolhas são feitas a partir de um confronto entre os princípios teóricos do estudo e o que vai sendo “aprendido” durante a pesquisa, num movimento constante que perdura até a fase final do relatório (p. 53).

Uma vez que nosso objeto de estudo ainda é pouco explorado e nosso embasamento teórico para as reflexões é a Teoria Crítica, buscando unir teoria e prática, a nossa escolha valeu-se dos relatos da especialista ao longo dos capítulos para colaborar com as reflexões crítico-filosóficas as quais nos debruçamos. Lüdcke e André (2014) orientam relacionar as descobertas identificadas ao longo do estudo

⁵ <https://sonix.ai/>

com a pesquisa bibliográfica realizada para embasar as tomadas de decisões a respeito dos encaminhamentos que valham a concentração de esforço e atenção.

Desse entrelaçamento também surgiu a proposta de dois possíveis saberes docentes para a implementação de programas de IAA em ambiente escolar. Cabe ainda reforçar que tornamos público o nome da entrevistada com a sua devida autorização e, também, isso se dá pelo caráter biográfico da sua atuação e colaboração com a história das IAAs no Brasil.

1 BIOGRAFIA INTERACIONAL: UMA VIDA EM PARCERIA COM OS CÃES

Este capítulo visa abordar a biografia da pesquisadora, a qual é permeada pelo vínculo com os cães, decorrendo o título *Biografia Interacional: uma vida em parceria com os cães*. Este capítulo do estudo será escrito em primeira pessoa do singular e justifico o motivo. Apesar da escrita ser de minha responsabilidade ela só pôde acontecer pelas interações vivenciadas ao longo da minha vida. Interações estas com humanos e cães. Cada linha aqui registrada é composta de erros, aprendizados e dos afetos da vida. Considero a primeira pessoa do plural uma forma de reconhecer a presença destes afetos, os quais foram indispensáveis para que eu chegasse até aqui, por isso a opção para os próximos capítulos.

Gostaria que este momento fosse mais íntimo, tal como um cafezinho no intervalo de um evento acadêmico. Aquele momento em que descontraímos entre as reflexões das temáticas propostas. Então, desde já peço a devida licença para a quebra de protocolo da escrita acadêmica. Uma vez que neste capítulo relato a minha história com os cães e a minha biografia nas IAAs, chamei-o então de biografia interacional. Abordo alguns anseios e reflexões em relação à área das IAAs advindos da experiência que foram alicerce para o empreendimento deste estudo.

Antes de seguir a biografia interacional, cabe-me situar as Intervenções Assistidas por Animais desde já no seu campo de estudo, a fim de também justificar o título proposto. Ao passo que o escopo da tese foi desenvolvido em torno da proposta de uma reflexão crítico-filosófica das IAAs, especialmente quando utilizadas em ambiente escolar, pois ela está ancorada na Filosofia da Educação. Encontrar o entrelaçamento das IAAs com a teoria que embasa a tese foi uma tarefa inundada de muitos sentimentos.

As IAAs situam-se no campo de estudo chamado Antrozoologia, o qual dedica-se a compreender a Interação Humano-Animal (IHA) e os vínculos entre animais humanos e não-humanos, um campo de estudo ainda jovem. Mas, que registra intensa dedicação à pesquisa a fim de propiciar conhecimento científico e com isso promover relações saudáveis entre humanos e animais.

Atualmente, contamos com literatura dos benefícios da IHA bem relatados, sendo revistas com publicações revisadas por pares. Nas palavras de Diaz Videla e Olarte (2021, p. 2) sobre a Antrozoologia:

se erigió como el estudio científico de las interacciones y los vínculos humano-animal, poniendo su foco en las relaciones interactivas y recíprocas. Este enfoque contrasta con la investigación psicológica y médica previa, en la cual los animales ocupaban un rol más instrumental, para abocarse a un amplio dominio de la actividad humana que hasta el momento parecía poco visible para la ciencia: cómo interactuamos y nos relacionamos con los animales. La antrozoolología conecta una amplia gama de disciplinas y ciencias que incluyen: psicología, medicina humana y veterinaria, sociología, etología, antropología, derecho, arte, literatura, educación, historia y filosofía. Inevitablemente su investigación resulta multidisciplinaria conforme el alcance de sus estudios resulta de interés para un amplio espectro de áreas académicas. Además, la disparidad de contextos - clínicas, hogares, laboratorios, zoológicos, salvajes— en los que se despliegan las interacciones humano-animal se liga a diversos campos disciplinares.

A Intervenção Assistida por Animais (IAA) é uma área de atuação necessariamente interdisciplinar, de acordo com os *guidelines* internacionais que norteiam a prática. Ao contrário do que uma parcela importante das pessoas ainda pensa, a IAA não se resume somente à promoção da interação de humanos com cães mansos. Falando em cães, vou registrar desde já que minha atuação é exclusivamente com eles e por isso não abordo em nenhum momento desta tese outras espécies. É prevista pelas organizações internacionais a utilização de outras espécies, por isso a área é denominada Intervenções Assistidas por Animais. O cão não é a única espécie participante, apesar de ser atualmente, uma das mais utilizadas.

Feita esta contextualização volto ao propósito deste capítulo. Quando me perguntam sobre os cães na minha vida, sempre respondo: não lembro da minha vida sem eles. Eles estiveram presentes desde sempre. Tive a oportunidade de crescer ao lado deles. A presença deles em minha história colaborou para o meu aprendizado sobre as emoções, respeito e empatia para com o outro. Sou de família “cachorreira”, hoje reconhecida como família multiespécie, tendo vários cães ao longo da vida.

Naturalmente, por diversos motivos, uns marcaram mais do que outros, visto que cada um deles participou de fases distintas da vida, desde a infância à vida adulta. Lembro claramente da minha primeira cachorrinha, chamada Kity, assim como da sua morte prematura. Como estamos no cafezinho, vale um trocadilho para descontraír.

Popularmente, costuma-se dizer *Freud explica!* Mas hoje podemos dizer também que em relação ao vínculo humano-animal, a Antrozoologia explica!

A perda da Kity é uma das lembranças mais remotas da minha infância, senão a mais remota delas, creio que devia ter quatro ou cinco anos. É viva a lembrança de chorar a sua perda sentada na cama, sendo consolada pelo meu pai. Foi uma perda precoce e dolorosa. Da mesma forma, lembro da vez que minha mãe acolheu um cão que estava perdido na frente de casa. Nessa época já devia ter uns dez anos. Assistir ao filme *Benjie* também foi algo marcante na minha infância. Até hoje tenho dificuldade para assistir filmes com cães. Neguei-me a ver *Marley e eu*, assim como *Sempre ao seu lado*. Não adiantou muito, pois em uma viagem a Porto Alegre para participar de aula da pós-graduação, o filme no ônibus na ida foi o primeiro e na volta o segundo. A minha poltrona era bem na frente da TV, tentei dormir, mas não foi possível com o choro das demais pessoas a bordo. Desde então, passei a cuidar na hora da compra da passagem o número da poltrona, ou seja, os cães e suas histórias me “perseguem”.

Há outros momentos marcantes na minha vida com os cães: vi o meu pai aos prantos pela primeira vez diante da morte de uma das minhas cadelas, uma linda beagle chamada Afrodite, com a qual ele desenvolveu forte vínculo. Pude ainda vivenciar a realização do último sonho dele antes de morrer, ter um cão da raça labrador. Nesse momento foi que chegou a Kaica Maria em minha vida. Como este capítulo não é um livro e a sua existência neste estudo surge exclusivamente para situar o leitor em relação à origem do meu interesse de pesquisa, partimos para a minha trajetória nas IAAs. Nela, necessariamente aparecerão outros cães e momentos marcantes.

Sou formada em Psicologia há vinte e dois anos e há mais de dez a ideia de atuar nas Intervenções Assistidas por Animais me acompanha. Lembro, claramente da primeira vez que tive contato com um artigo em uma revista de Psicologia sobre o trabalho com animais na terapia, ficando encantada (sensação comum de quem se interessa pela área, mas longe de ser a baliza para a atuação). A vida acontece e nem sempre é possível realizar nossos sonhos nos momentos em que foram despertados. Anos se passaram e o abandono de um cão em frente à residência dos meus pais reascendeu o encantamento.

A história do meu primeiro cão parceiro de trabalho corrobora que o encantamento não é suficiente para a atuação, como acima mencionado. Além disso, foi um dos grandes ensinamentos que tive com um cão: optei por aposentá-lo

precocemente em benefício do seu bem-estar. No decorrer do capítulo a história do Pierrot vai fazer sentido. Eu não tinha conhecimento algum na área, nem imaginava que um cão precisaria ser treinado. Estamos falando do ano de 2016. Só tinha à vontade, o sonho e o encantamento proporcionado pelo amor aos cães e o artigo lido. Foi então que comecei a pesquisar cursos na internet e quais seriam os passos necessários para trabalhar em parceria com cães. Na época pensava somente em atuar na psicologia clínica no meu consultório.

Os cursos que encontrei disponíveis foram realizados. Morar no interior do RS torna o acesso um pouco mais complicado. Para quem tem cães, então, se deslocar para fazer cursos torna o investimento mais alto, pois precisa incluir as despesas deles, como uma boa hospedagem com segurança e bem-estar garantidos (esta era a minha realidade e hoje percebo que se repete com outros colegas). Ao mesmo tempo que me fascinava a ideia de introduzir um cão no consultório, mais anseios surgiam.

Anteriormente, mencionei a história do meu primeiro cão de trabalho, chamado Pierrot, carinhosamente conhecido como Pi. Vamos para esta parte da biografia. Pi foi abandonado na frente da casa dos meus pais ainda filhote. Foi acolhido e a ideia inicial era cuidá-lo para uma futura adoção responsável. Sempre me questiono sobre a necessidade de incluir a palavra responsável após adoção, pois teoricamente toda a adoção deveria preceder responsabilidade, amor, segurança e bem-estar. No entanto, não é bem assim que acontece na vida dos cães. São inúmeros os relatos de adoção e devolução, ou abandono, que as ONGs revelam. A propósito, a pandemia desvelou isso de forma grave. Em muitos países um considerável número de pessoas comprou ou adotou cães para suprir as dificuldades impelidas pela pandemia e os abandonaram após a flexibilização das medidas de segurança. Temos muitos cães que sofreram o impacto da pandemia também. Notícias circularam nas mídias, não foi algo isolado no Brasil. No entanto, este não é o tema central da tese, apesar de valer este registro.

Decidi pela adoção do Pi. Inicialmente, não pensava na possibilidade de trabalhar com ele, o adotei consciente da minha responsabilidade em todos os sentidos. Vale lembrar que um cão demanda responsabilidade financeira (este aspecto é igualmente importante para a atuação nas IAAs, apesar de não ser amplamente mencionado como deveria).

À medida que os primeiros meses passaram, a família multiespécie ficou maior com a chegada dele, concomitantemente seguia estudando sobre as IAAs (na época ainda conhecida por uma terminologia desatualizada, Pet Terapia, aliás até hoje menciono com veemência a importância da utilização da nomenclatura técnica nas redes sociais, tanto particular quanto da Afago & Afeto).

Estudar nos abre caminhos e foi então que comecei a procurar um adestrador que trabalhasse com a metodologia positiva⁶ em Santa Maria/RS. Nem ele, nem eu, sabia sobre treinamento de cães para a atuação nas IAAs. Este ponto da história é importante ser mencionado, pois esta é a realidade de muitos profissionais que desejam atuar na área. Realidade esta que tenho a oportunidade de contribuir para a mudança, por meio dos cursos de formação promovidos pela empresa em que sou sócia, desde 2021.

Inicialmente, o objetivo era socializar o Pi nos passeios, assim como os outros cães da família. Foi a adoção dele que despertou o meu interesse em aprender sobre manejos de bem-estar, adestramento. A próxima fase do Pierrot é importante, pois apesar de investirmos em sua socialização ela não foi direcionada para a atuação no trabalho. Foi importante, mas não suficiente. Talvez algum leitor se pergunte: mas porque falar sobre o que não foi realizado da melhor forma? Explico: por que um dos meus propósitos na vida é colaborar para que os cães que atuam nas IAAs tenham seu bem-estar preservado e os profissionais mais acesso ao conhecimento. Dessa forma, a realização de um trabalho pautado pela segurança, ética e técnica é importante e o Pi teve participação importante nesse aprendizado. Além disso, erros são inerentes à humanidade.

Seria maravilhoso se não errássemos, mas a humanidade falha. Esta tese não objetiva um mundo ideal, longe disso. Ela foi escrita pautada na realidade, como uma contribuição para àqueles profissionais que, assim como eu, passaram ou passam por anseios e sonhos na área das IAAs. Registrar aqui os equívocos, de fato não é tarefa fácil, pois abro caminho ao julgamento. No entanto, os ensinamentos que a relação com o Pi me trouxe podem ser úteis a outras pessoas e cães e isto fortalece a caminhada. Isto é mais importante que qualquer possível julgamento. Parece-me

⁶ De acordo com a AAIL o treinamento dos cães deve ser com protocolo Least Intrusive Minimally Aversive (LIMA), método menos intrusivo e minimamente aversivo.

interessante abrir esse caminho para que outras pessoas possam se sentir confortáveis em olhar para a sua prática, analisar e perceber que é possível alinhá-la, caso perceba necessário. Assim o fiz e contínuo, pois atualmente, já contamos com padrões de práticas que orientam a atuação, onde também está prevista a educação continuada dos profissionais.

Com a presença de um adestrador na nossa vida, e o Pierrot em socialização, fui me sentindo um pouco mais segura para atuar. Havia lido que o cão precisaria de adestramento básico. Então, confidenciei a minha vontade de trabalhar nas IAAs ao adestrador. Onde está o equívoco? Hoje, por conta dos estudos da área e o maior conhecimento que adquiri sei que isto deveria ter sido feito desde o início, havendo necessidade de direcionar a socialização e treinamento do cão para a demanda na qual atuará.

Começamos a simular as sessões no consultório, as quais correram adequadamente. Pierrot estava com a socialização em dia e com adestramento básico. Cumprimos com aquilo que havia aprendido até então. Na época, eu mantinha o adestrador junto comigo muito mais pela preocupação com o Pierrot do que devido ao conhecimento técnico da área.

Costumo dizer que as IAAs podem provocar ansiedade em alguns profissionais. Falo por experiência própria e há de se ter cuidado com as antecipações, no que se refere à introdução dos cães em novos ambientes. Não é simples como parece, pelo contrário, é complexo e demanda tempo, dedicação, treino e paciência.

É importante ter em mente que assim como qualquer outra área, a atuação nas IAAs necessita formação, investimento, dedicação, tempo, treinamento e paciência. Aqui reside o meu segundo equívoco com o Pi. Hoje consigo reconhecer as falhas e, por isto, os meus outros cães receberam outro direcionamento nos seus treinamentos. Apesar de doloroso revisitar essa época, ela é fundamental para o meu crescimento e condutas adequadas, e mais assertivas com os outros cães. A sorte é que os cães são seres resilientes, mas saber disso, não deve nos conduzir para atuações simplórias.

Pierrot ia bem no trabalho no consultório até o momento em que o introduzi em ambiente que ele ainda não estava pronto e talvez nem fosse ambiente para ele trabalhar. Aliás, nem todos os cães atuarão em múltiplos ambientes e saber disso é fundamental para modular a ansiedade e garantir o bem-estar deles. Nesta época, infelizmente, eu não sabia.

Fomos realizar a modalidade das IAAs chamada Atividade Assistida por Animais em uma turma de graduação na universidade. Em uma das sessões, o inusitado aconteceu. Ele levou um choque nos fios do computador da sala, ao se aproximar de mim. Foi um acidente, de fato não temos o poder de controlar tudo, mas temos o dever de antecipar os riscos e para isto é necessário conhecimento. Alguns manejos são importantes para a prevenção, como por exemplo a utilização de caixa de transporte (neste caso, poderia ser desmontável para facilidade de locomoção). É impossível garantir que não fosse acontecer, mas registro este episódio como alerta. Hoje, com a atuação baseada em padrões de prática, sei que preparar o ambiente para receber o cão é indispensável em qualquer local de trabalho nas IAAs.

Como mencionei, registro aqui os equívocos como forma de compartilhar a trajetória e convidar os profissionais que desejam atuar ou já atuam nas IAAs a refletirem sobre o seu percurso. Estes aprendizados colaboraram, juntamente, com os estudos e a entrevista realizada, para anexar a esta tese um protocolo de introdução de cães em ambiente escolar para a realização de programas de Intervenções Assistidas por Animais com cães.

O resultado disso foi a aposentadoria precoce do Pi, a decisão mais acertada que fiz na nossa vida. Hoje ele é um cão pet feliz e vive super bem. Decidi pela aposentadoria dele, pois passou a manifestar o seu desconforto no consultório. O adestrador seguiu acompanhando-o, mas percebemos que o melhor, de fato, seria retirá-lo do trabalho. Essas decisões também fazem parte da atuação, porém nem sempre são faladas. Eu aprendi vivendo esta situação.

Por mais que a minha intenção de fazer o correto sempre estivesse presente, foi passando pelo sofrimento de ter errado com o meu primeiro cão que aprendi a grande lição - absolutamente nada será mais importante que o bem-estar dos meus próximos parceiros de trabalho. Com o coração dolorido e a lição aprendida fui fazer mais cursos e seguir estudando. Desde então, a inquietação em relação à atuação nas IAAs fez morada em minha jornada. Nesse transcurso da vida eu havia adotado uma vira-lata já adulta, chamada Pepê, uma cadela incrível. Não consigo relatar em palavras nosso primeiro olhar.

Ao meu lado, na feira de adoção havia um menino e sua mãe em busca de seu cão. Ele fascinado por um cão já idoso e a mãe pela Pepê. As responsáveis pela feira conduziam a conversa com eles e eu aguardava. Identifiquei quem era a responsável

pela Pepê e fui conhecê-la. Pepê havia sido resgatada e cuidada com muito amor e dedicação por uma funcionária da UFSM.

Pepê veio para casa! Neste momento, não imaginei que ela se tornaria uma grande e inesquecível parceira nas IAAs. Juntas fizemos muito. Ela passou pela avaliação com o adestrador, socialização e treinamento adequados e inicialmente passou a trabalhar no consultório com alguns pacientes. Com as lições aprendidas, creio que a dupla Fabiane e Pepê se saiu melhor que a dupla Fabiane e Pierrot.

Mais experiente e com uma cadela mais bem preparada, outras atuações foram possíveis, como dar aulas e palestras. Lembro que fomos palestrar em Sarandi, uma cidade no interior do RS a convite de uma colega muito querida do mestrado, e Pepê ficou hospedada no hotel comigo, sendo muito bem recebida. Ela é uma cadela que adora a interação com humanos, aspecto fundamental para a atuação nas IAAs, mas não o único.

Foi com ela que tive a oportunidade de atuar em ambiente hospitalar na oncologia pediátrica e com IAA na escola; uma fase importante da minha trajetória nas IAAs que me aproximou de profissionais altamente qualificados. O projeto para atuar com IAA em ambiente hospitalar foi feito em parceria com duas Terapeutas Ocupacionais admiráveis e competentes.

Cumprimos o processo necessário para a implantação das IAAs em ambiente hospitalar e o trabalho na oncologia pediátrica se tornou viável. Foram seis meses de trabalho, incluindo reuniões com a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), médicos da oncologia-pediátrica, criação de protocolo etc. Todos os itens necessários para a segurança do cão e das pessoas foram incluídos e respeitados.

Saímos da atuação exclusiva no consultório de psicologia para a atuação em ambiente hospitalar, um ambiente de trabalho mais desafiador. O trabalho na oncologia pediátrica foi na modalidade Atividade Assistida por Animais (AAA). Antecipo um fator importante em relação à problemática da nomenclatura - a formação do profissional não define a modalidade de atuação, ela viabiliza a utilização das modalidades das IAAs.

No meu caso, o fato de ser psicóloga não determina que minha atuação seja em Terapia Assistida por Animais (TAA), apenas viabiliza que eu atue na TAA. É comum o equívoco de considerar que toda a atuação é denominada Terapia Assistida por Animais (AAA). Este aspecto estará contemplado no capítulo IAA na atualidade.

É importante nomearmos adequadamente para que as pessoas entendam e reconheçam cada vez mais as IAAs. Além da TAA e AAA também existe a Educação Assistida por Animais (EAA), a qual abordaremos.

Até aqui relatei uma parceria de trabalho com dois cães sem raça definida, popularmente conhecidos como vira-latas. Sendo assim, cabe apontar a necessidade de não romantizar os fatos e considerar que será possível todo cão resgatado ajudar pessoas e, principalmente, que possa ser uma solução para cães que devido ao abandono humano moram em abrigos.

Considerar que a interação com pessoas será adequada e prazerosa para todo cão abrigado pode ser inadequada e passível de risco. Há de se ter cautela com condutas como esta. Este tema não é objetivo central desta tese, mas a tangencia, uma vez que temos visto com maior frequência na mídia condutas neste sentido.

A premissa para a atuação nas IAAs não é o cão ser resgatado e abrigado, mas o seu perfil e o quão preparado ele estará para as interações nas IAAs, assim como seu condutor. Da mesma forma, a docilidade do cão não determina que ele poderá atuar; é necessária avaliação por profissional do comportamento que conheça as IAAs com base na demanda a qual o cão atuará.

Ainda neste sentido, reside uma confusão considerável entre os benefícios da interação humano-animal (IHA) intrafamiliar e a atuação do cão nas IAAs. Tende-se a estender os benefícios da interação pessoal com o cão ao trabalho nas IAAs sem critério avaliativo. Esta conduta acaba oferecendo risco ao bem-estar do cão. Não será bom para toda a atuação nas IAAs. Parece que a nobreza do cuidado ao outro é incompatível com a desconsideração do bem-estar do cão. Há de se refletir sobre ajudar um em detrimento do outro. Essa premissa é válida para qualquer cão, independente se é de raça ou não, como referi. Nem todo cão será um cão de IAAs⁷.

As IAAs situam-se no campo de estudo da Antrozoologia como mencionado, uma vez que acontecem por meio da interação entre humanos e animais. No entanto, é importante a reflexão a cerca de uma simples transposição da interação humano-

⁷ A terminologia utilizada para referenciar o cão ainda precisa ser discutida. Artigos recentes começaram a utilizar o termo animal de intervenção assistida por animais. Dessa forma, o popular “therapy dog” / “cão terapeuta” está caindo em desuso. O que faz total sentido, uma vez que se incluiu a modalidade Educação Assistida por Animais no rol das IAAs. Portanto, sugerimos neste estudo a utilização do termo cão de IAAs para referência a esta espécie discutida mais adiante.

animal para as IAAs, desconsiderando a intencionalidade da IHA que acontecem nas sessões.

Não é raro profissionais introduzirem seus próprios cães em ambiente de trabalho por considerarem que fazem bem para si e seus familiares e amigos, com a precária avaliação levando em consideração apenas a docilidade do cão e os benefícios da relação no seio da família multiespécie. Também não é raro pessoas desejarem se voluntariar com seus cães e ficarem frustradas quando eles não são considerados aptos à função de voluntário em ONGs.

Em aula inaugural na Imersão Afago & Afeto, a Professora Marie Odile Chelini⁸ mencionou uma frase que condensa as situações citadas acima: “interagir com cães faz bem, mas isto não configura uma IAA”. É nobre o desejo de ajudar o outro, mas esta nobreza pode se esvaír diante do desconhecimento, especialmente quando falamos em introduzir outra espécie no ambiente laboral. É tênue o limiar entre a intenção nobre de ajudar e a subjugação de um animal em detrimento do ser humano. Trago estas reflexões, pois não gostaria que o fato de ter dois cães sem raça definida como parceiros de trabalho soasse romântico e muito menos incentivasse o resgate de cães com o propósito de ajudar pessoas nas IAAs. Antes de qualquer intenção, considero que resgatar, cuidar, proteger e amar um cão deva ser feito pelo cão em si. Há degraus a serem subidos para atuar nas IAAs. Um cão não será melhor ou pior, mais ou menos amado por ser um cão de IAAs. Ele será o seu cão e juntos poderão ser melhores um para o outro e daí ajudar outras pessoas.

Esta tese é fruto de uma caminhada profissional de erros e acertos, como já mencionei, a qual me demonstra que ainda temos muito a andar, tanto na pesquisa, quanto na conscientização para uma atuação permeada pela ética, segurança e a técnica necessárias. Há equívocos importantes, que parecem ainda resistentes, a serem superados na área. No entanto, os últimos anos nos mostram que acendemos um alerta e passamos a ampliar o olhar para a atuação nas IAAs.

As pesquisas recentes apontam para cuidados importantes, tais como: utilização da nomenclatura técnica, formação do profissional, seleção, socialização e treinamento do cão e o inegociável bem-estar único nas sessões de IAAs, entre outros aspectos.

⁸ Marie Odile Chelini é organizadora do livro *Terapia Assistida por Animais*.

Estamos saindo de uma atuação com o olhar reducionista direcionado apenas ao humano para uma atuação pautada no cuidado com todos os envolvidos nas IAAs. Há um longo caminho a ser percorrido ainda, porém parece que estamos saindo da caverna platônica, novamente, neste caso.

A partir de agora detalharei um pouco mais o meu percurso profissional, as inquietações da prática e os cães que chegaram na minha vida para também escreverem comigo a biografia interacional. A prática me despertou algumas inquietações que me acompanharam por alguns anos e figuram na motivação para a escrita.

Foi no final de 2016 que tive o meu primeiro cão selecionado para o trabalho. Leo Kanner é um cão da raça Golden Retriever. Ele foi socializado e como todo cão de IAAs segue em treinamento contínuo com orientação profissional. Aumentar a família multiespécie e o plantel de cães parceiros no trabalho demanda planejamento, porém como tinha somente a Pepê apta ao trabalho e a demanda estava aumentando, ter mais um cão seria importante.

A experiência com uma atuação pontual em uma turma de alfabetização em parceria com uma professora me despertou o interesse na IAA em ambiente escolar. Sendo assim, a decisão de ter mais um cão foi em função da intenção de ampliar os atendimentos e partir para a atuação em escolas.

A vida seguiu acontecendo e não foi possível ampliar os atendimentos em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, RS, em decorrência da minha mudança para o estado de São Paulo, SP, em função do meu casamento. Uma curiosidade decorrente da interação humano-animal. O Leo foi o responsável por despertar no meu marido o vínculo com os cães. Dia após dia estreitavam laços, hoje muito fortes, estendendo-se aos outros cães da nossa família multiespécie.

Chegamos em 2018, um ano marcante na minha vida. A vida e a morte se entrelaçaram. Meu pai foi diagnosticado com câncer e chegou a Kaica Maria, uma cadela da raça Labrador Retriever. Para meu pai a realização do seu último sonho, para mim, a minha melhor herança. Eles puderam conviver durante quatro meses, tempo que ele ocupou para ler sobre filhotes e a ensiná-la o comando “senta”, dentro das suas limitações. Aprendeu a usar o *clicker*, um instrumento utilizado no treinamento dos cães. Como tudo que o meu pai fazia dependia de estudo, ele já conhecia sobre a raça e sua predileção era pela cor preta. Kaica Maria veio de uma ninhada muito especial, da criação de um casal de amigos que trabalham com cães

muito queridos que ocupam lugar especial na minha biografia. Mal sabia eu, Kaica Maria ainda me traria uma mentora capaz de acalmar e orientar minhas inquietações e uma sócia para fundarmos a Afago & Afeto na mesma pessoa. Talvez nem precisasse descrever que seguimos as orientações quanto à seleção, socialização e ela segue em treinamento para atuar, assim que possível, após a pandemia.

Kaica Maria tem um irmão chamado Odin. Esta dupla é responsável pela aproximação com a pessoa que referenciei acima. No caso dela, citarei o nome, já que ela tem mais um papel importante na minha vida: Andrea Lorenzon Petenucci concedeu a entrevista semiestruturada para este estudo.

Andrea tem papel fundamental na minha formação e tenho a honra de desde o final de 2019 ser sua sócia. Juntas fundamos a Afago & Afeto, uma marca com pilares bem estabelecidos, sendo que um deles é a educação de profissionais da área e da sociedade. Andrea tinha a Afeto e eu tinha a Afago. Como mencionei, ela ocupa um lugar fundamental na minha formação. Tanto que quando o Professor Amarildo sugeriu entrevistá-la a minha primeira reação foi: é possível?

Andrea é pedagoga, atua nas IAAs há mais de uma década especialmente com EAA. Sua pesquisa de mestrado teve ênfase na leitura assistida por animais. Nossa aproximação foi gradativa, assim como a introdução de cães em ambientes de trabalho. As inquietações me acompanhavam. Não me conformava em utilizar uma nomenclatura desatualizada na minha marca, pois me inquietava ter estudado a respeito do consenso terminológico da área e seguir “carregando” Pet Terapia no nome. Em palestras explanava sobre as IAAs utilizando Afago Pet Terapia na minha marca. IAAs e Pet Terapia não devem mais ser compreendidas como sinônimos, pois o avanço na área já nos demonstrou que o termo Pet Terapia não reflete o trabalho que realizamos. Da mesma forma, tenho desconforto com a terminologia “cão terapeuta”. Entre outros aspectos ela impele uma responsabilidade ao cão que não é dele, é do humano. O cão deve ser conduzido nas IAAs, isso não significa em absoluto que ele não tenha seu protagonismo, mas a responsabilidade de manejar o ambiente e as pessoas é do humano.

Não teria como descrever aqui todas as conversas que já tive com Andrea e que seguem acontecendo em relação aos aspectos mencionados, entre outros. Foi numa dessas conversas que expressei o meu desconforto com o nome da minha marca e recebi a seguinte resposta: “retira este Pet Terapia da tua marca, pois não é isto que você faz”. Resolvida uma inquietação!

Mal sabia eu que esta atitude impactaria outras colegas a fazerem o mesmo. Mais um motivo para justificar este capítulo biográfico na hora do cafezinho no intervalo. Eu tinha clareza disso, em toda palestra que ministrava dizia: “este é o nome bonitinho, mas não é isto que faço, trabalho com IAAs”. Eu precisava de orientação e apoio.

No dia 23/11/2019 durante a passagem em Florianópolis/SC em virtude da mudança para o estado de SP, momento em que a conheci pessoalmente, nos tornamos sócias. Nasceu nossa marca, a Afago & Afeto, fruto da união de nossas antigas marcas, das nossas experiências, do desejo de impactar a área das IAAs no Brasil e contribuir para a profissionalização. Desde então atuamos muito em prol da ampliação do olhar das IAAs e na formação de profissionais embasada em *guidelines* internacionais. Nos dedicamos a democratizar a informação e formação de qualidade na área. Em agosto de 2021, a Afago & Afeto recebeu a acreditação de *full member* da *AAll - Animal Assisted Intervention International*, uma das importantes instituições internacionais da área.

Em dois anos de empreendedorismo na Afago & Afeto tivemos a oportunidade de impactar a área com nossas reflexões e alertas para a necessidade de atuações baseadas na ética, segurança e técnica. Criamos o GED - grupo de estudos dirigido e realizamos um dos nossos sonhos: o curso online que “batizamos” de Imersão Afago & Afeto, pois o convite é para um mergulho nos padrões de prática da AAll. Finalizamos o ano de 2021 com o privilégio do aceite de uma reconhecida treinadora de cães de assistência e de Intervenções Assistidas por Animais para integrar o time de sócias Afago & Afeto. O ano de 2022 já tem marcas positivas, a chegada de mais uma sócia para a equipe, uma fonoaudióloga que havia sido nossa aluna.

Temos muito a evoluir também no que tange à pesquisa na área das IAAs no Brasil. Como incentivo para a sequência dos estudos e pesquisas, a professora Adriana Moreira da Rocha Veiga criou o GPIAAS – Grupo de Pesquisa em Intervenções Assistidas por Animais.

Para finalizar e contextualizar a proposta da tese retomo o ano de 2020. Foi um ano desafiador para a humanidade. Apesar disso, faço esta retomada para registrar o meu agradecimento ao professor Amarildo e ao colegiado do PPGE pela compreensão e acolhida em relação à necessidade de prorrogação.

Explano os motivos a seguir, tanto sob a ótica do aspecto pessoal quanto da própria pesquisa que necessitou de redirecionamento. O primeiro trata-se de um forte

vínculo humano-animal. O segundo está relacionado às dificuldades que as pesquisas sofreram diante da pandemia.

Reescrevi inúmeras vezes os parágrafos a seguir os quais abordam a perda de minha parceira canina de vida aos 18 anos. Não quero dar um tom de sofrimento à escrita, mas ao mesmo tempo é impossível fugir dele. Para quem estreita vínculo com um cão, é de fato sofrido perdê-lo em qualquer momento, no meu caso foi após 18 anos de convivência. Ao passo que é sofrido, também é reconfortante ter a oportunidade de compartilhar momentos importantes da vida com um cão. Anita acompanhou todo meu desenvolvimento profissional, esteve comigo nas pós-graduações *latu sensu* e no mestrado cursado neste mesmo programa de pós-graduação. Esteve junto na seleção para o doutorado e a defesa do projeto de tese que nutria o desejo de uma pesquisa que necessitou ser redirecionada. Foram períodos difíceis, de fato, mas se cheguei até aqui é porque ela também foi fundamental na minha trajetória. Com ela aprendi muito e por ela também escrevo esta tese.

Filha de família “cachorreira” que sou, acredito que todos os esforços, que não foram poucos, em decorrência da pandemia, em torno desta tese estão entrelaçados pela minha biografia interacional. Foi árdua, mas necessária a tarefa de redirecionar a tese. Demandou resiliência e superação de questões psicológicas. Aproximar as IAAs da teoria escolhida para embasar filosoficamente a proposta de estudo despertou ansiedade e alguns desafios, entre eles o de “filosofar as IAAs”. O intervalo para o cafezinho está nos seus momentos finais. Portanto, este é o último parágrafo escrito em primeira pessoa do singular. Adentraremos a seguir, nos próximos capítulos à formalidade da escrita acadêmica que este estudo requer. Muito obrigada pelo café.

2. A HISTÓRIA DA IAA E POSSÍVEIS DESAFIOS PARA A ATUALIDADE

2.1 BREVE RESGATE HISTÓRICO DA INTERVENÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS

Nossa intenção com este capítulo reside em dois aspectos. O primeiro está relacionado a realizar um breve resgate histórico da IAA com o objetivo de dialogar com os encaminhamentos da *Dialética do Esclarecimento* no capítulo seguinte. Além disso, tratamos de refletir sobre a IAA na atualidade e de registrar nossas propostas acerca da revisão do conceito de IAA, da terminologia utilizada para referir o cão, bem como a compreensão didática do papel do cão na IAA.

A história das IAAs é documentada em alguns artigos científicos e para registrá-la nesta pesquisa recorreremos a James A. Serpell, professor de Ética e Bem-Estar Animal na Universidade da Pensilvânia que leciona na Escola de Medicina Veterinária leciona sobre ética veterinária, comportamento e bem-estar animal aplicado e interações humano-animal e foi um dos fundadores da Sociedade Internacional de Antrozologia (ISAZ).

O pesquisador visita a relação homem - animal salientando para a forma como lemos e interpretamos a história evolutiva da relação homem-animal. Tal alerta cabe a implantação de programas de IAA, visto que se trata da relação de duas espécies distintas com propósitos definidos por uma delas. Ou seja, a decisão de incluir outra espécie em ambiente laboral é exclusivamente humana. Neste sentido, de acordo com Serpell (2010):

Relatos históricos das relações das pessoas com os animais são, na maior parte, incompletos, e as poucas evidências documentais que temos referem-se principalmente a vida dos ricos e famosos. Nosso conhecimento de como as pessoas comuns tenham se relacionado com animais, ou se beneficiado de sua companhia, portanto, permanecem indistinto e amplamente especulativo. Mesmo onde a evidência histórica é relativamente completa, há o perigo de super interpretá-la; de atribuição de valores, atitudes e sentimentos que fazem sentido para nós de uma perspectiva moderna, mas que não teria necessariamente qualquer significado para os nossos predecessores. Tudo isso exige que tratemos as evidências históricas com um grau apropriado de cautela. (2010, p.3, tradução nossa)

O objetivo de James Serpell foi realizar um resgate histórico de como os animais, em geral e os animais de companhia em particular, foram percebidos como

participantes do melhoramento e manutenção da saúde humana. O percurso evolutivo apresentado por ele é compatível com o diagnóstico de Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, porque eles também abordam ao longo da obra, as distorções da relação dos humanos com os animais.

A vida humana e seu desenvolvimento está intrinsecamente ligada aos animais desde sempre. Os animais têm sido uma profunda influência em diversas sociedades humanas desempenhando uma função fundamental ao longo da história. Segundo Serpell (2010) os animais não humanos ocupam importante variedade de papéis no mais arcaico sistema de crenças na história da humanidade sobre as origens e o tratamento das doenças ao considerar que “as características dessas funções dependem da visão predominante dos animais e do sistema de crenças sobrenaturais ou “científicas” que eles estão inseridos” (p. 3). É possível que o mais arcaico desses sistemas de crença seja o animismo, que consiste no pensamento que em todas as criaturas vivas, bem como outras criaturas naturais, objetos e fenômenos, são imbuídos de uma alma, espírito ou "essência" invisível que anima o corpo consciente, mas que é capaz de se mover e independentemente do corpo quando o portador está sonhando ou inconsciente, conforme explica Serpell. O sistema de crenças animista acompanhou todas as sociedades de caça e coleta e para eles os espíritos animais ofendidos são considerados como fontes de influências espirituais malignas. Apoiado em Wenzel (1991), Serpell (2010), conta que:

Muitos povos Inuits⁹ acreditam, por exemplo, que os espíritos de animais caçados, como os fantasmas de humanos assassinados, são capazes de buscar vingança. Para evitar que isso aconteça, todos os animais, vivos ou mortos, são tratados com grande respeito. De outra forma, o caçador ou sua família podem esperar sofrer algum infortúnio: Os animais não vão mais se permitir serem mortos, ou eles podem se vingar por afligir alguém com doença, deficiência física ou mesmo a morte (p.4, tradução nossa).

⁹ Localizados em regiões extremamente frias como algumas partes árticas da Groenlândia, Alasca e Canadá, os Inuítes, também conhecidos como inuit, são uma nação indígena de esquimós. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociedade/inuites/> Acesso em 15 de julho de 2022.

O autor ainda exemplifica outras culturas de caça e coleta que acreditavam nos “espíritos guardiões” segundo Benedict (1929) e Landes (1968) o autor explica que para os Ojibwe¹⁰ (2010):

Também se acreditava que os espíritos guardiões dos animais variavam em termos de poder. Algumas espécies, especialmente as pequenas e relativamente insignificantes, como a maioria de insetos e coisas como camundongos, ratos ou esquilos, acreditava-se que possuíam influência espiritual correspondentemente limitada, e raramente fornecia às pessoas e espíritos guardiões úteis. Em contraste, espécies mais fisicamente impressionantes, como ursos, bisões, lobos ou águias, foram considerados como possuidores de espíritos extraordinários, poder ritual e foram, portanto, avidamente procurados como patronos (p. 5, tradução nossa).

Em relação ao Xamanismo há um dado interessante relatado pelo autor, pois acreditava-se que de acordo com os talentos de cada xamã poderia ser possível prever o futuro, aconselhar sobre o paradeiro de animais de caça e prevenir catástrofes. Eles também poderiam manipular o clima, subjugar animais ou aproximá-los dos caçadores por conta de suas forças para controlar a natureza. Mas, o mais importante era que tinham uma espécie de monopólio para o tratamento das doenças uma vez que as manifestações destas ocorriam devido espíritos malignos ou raivosos.

O sistema de crenças animistas perpetuou por algumas sociedades pastoris nômades e agrícolas fundindo-se com credos e práticas religiosas mais recentes. Serpell (2010) recorre a Gossen (1996) para centrar-se nas condutas espirituais dos maias que acreditavam que a maioria das doenças é o resultado de um ferimento infligido a pessoa.

O propósito de nos determos neste exemplo particular do americano contemporâneo a crença indiana em animais de alma é que isso ilustra, de acordo com Gossen (1996), a notável tenacidade das ideias e práticas animistas-xamânicas na América Central, apesar da influência coercitiva de quase cinco séculos de Catolicismo romano. Da mesma forma, na Europa e em torno da bacia do Mediterrâneo, parece que vestígios de sistemas de crenças comparáveis sobreviveram em uma série de cultos de cura locais e regionais, pelo menos até o início do período moderno. (SERPEN, 2010, p.9)

¹⁰ O povo Ojibwe, também conhecido como Anishinaabeg ou Chippewa, está entre as tribos indígenas mais populosas da América do Norte. Eles usaram uma combinação de adaptação cuidadosa e facção. para evitar as incursões dos europeus. Hoje, os Ojibwe residem em mais de 150 comunidades reconhecidas pelo governo federal no Canadá e nos Estados Unidos. Disponível em <<https://www.greelane.com/pt/humanidades/hist%C3%B3ria--cultura/ojibwe-people-4797430>>. Acesso em 15 de julho de 2022.

Outro dado histórico interessante é que, apesar de em menor escala, as associações animistas ainda eram possíveis de serem percebidas. Frequentemente, os deuses eram representados por animais no panteão grego, porém mantiveram a capacidade xamânica de se transformar em animais para salvaguardar suas identidades. Cães e serpentes tiveram papel importante no culto de Asclépios¹¹, o qual atraiu inúmeras pessoas em busca de alívio para variadas doenças. O tratamento envolveu vários ritos de purificação, incluindo sacrifícios e longos períodos de sono. Este, segundo Serpell seria um dos primeiros exemplos de terapia assistida por animais, justamente porque o tratamento envolveu a visita do Deus, ora em forma humana, porém com maior frequência sob o disfarce de cobra ou cachorro que lambia as partes feridas. De acordo com o autor (SERPELL, 2010, p.9):

Parece que os cães que viviam ao redor do santuário podem ter sido especialmente treinados para lamber pessoas. Acreditava-se que esses animais realmente representavam o Deus e tinham o poder para curar doenças com suas línguas (Dale-Green, 1966; Toynbee, 1973). Embora evidentemente material na forma, os cães e cobras que curam em Epidauro claramente desempenhavam a mesma função que ajudantes espirituais xamânicos. Através de sua capacidade de se renovar periodicamente trocando sua pele, não para mencionar suas qualidades potencialmente venenosas, as cobras sempre possuíram fortes associações com cura, morte e reencarnação (Morris & Morris, 1968).

Ainda nos primeiros séculos do cristianismo via-se a presença das ideias e práticas xamânicas em parte da Europa, pois os primeiros santos celtas e homens santos da Grã-Bretanha e Irlanda eram reconhecidos por estreitarem relacionamento especial com animais e pelas transformações corporais em forma animal. Séculos mais tarde, a companhia íntima de um “Spaniel Gentle or Conforter”, uma espécie de cão de colo seguiu sendo indicado às senhoras da Inglaterra como remédio para uma variedade de males.

O resgate histórico realizado por Serpell (2010) aponta para identificação de um deslocamento de crença no poder de cura sobrenatural de alguns animais, como os cães, para práticas folclóricas vagas e supersticiosas desemborcando em algo

¹¹ Asclépio era o antigo deus grego da medicina e também recebeu o crédito de ter poderes de profecia. O deus tinha vários santuários em toda a Grécia; o mais famoso ficava em Epidauro, que se tornou um importante centro de cura tanto na antiguidade grega e na romana e era o local de jogos atléticos, dramáticos e musicais realizados em homenagem a Asclépio a cada quatro anos. Disponível em <<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-10395/asclepio/>>. Acesso em 15 de julho de 2022.

semelhante a remédio charlatão, já que as qualidades espirituais dos animais passaram não ser mais diferenciadas. Entre os séculos XV e XVII aconteceu uma espécie de ataque aos curandeiros ou pessoas astutas, provavelmente os últimos praticantes do xamanismo arcaico. Foi o período em que se acreditou que as bruxas se associavam ao diabo em forma animal e se transformavam em outros animais devido às habilidades xamânicas, de acordo com Cohn (1975), citado por Serpell (2010).

Em outras palavras, a associação íntima ou afinidade com os animais, antes um sinal de poder xamânico ou santidade em ascensão, tornou-se um sintoma de diabolismo. Os companheiros animais ainda mantinham uma certa qualidade “sobrenatural” na imaginação popular da Idade Média e do Renascimento, mas principalmente como instrumentos potenciais de maleficência – o poder de prejudicar os outros por meios sobrenaturais. (Serpell, 2010)

Os aspectos históricos referidos contribuem para a ideia de uma separação entre animais humanos e não humanos enfatizados por ideias humanas de autocontrole, civilidade e castidade, ao passo que se rejeitava aspectos visto como animalescos ligados a impulsividade, grosseria e licenciosidade. Este aspecto foi expresso por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento* no aforismo Homem e animal quando dizem “a transformação das pessoas em animais como castigo é um tema constante dos contos infantis de todas as nações. Estar encantado no corpo de um animal equivale a uma condenação” (p. 203)

Adentramos ao período de destaque para nossa proposta de estudo, pois foi no final do século XVII que algumas mudanças ocorreram e foram amplamente documentadas por historiadores. Entre elas, percebeu-se aumento em relação as atitudes simpáticas aos animais e a natureza, as quais foram atribuídas a migração de europeus para vilas e cidades. “Este êxodo rural ajudou a distanciar setores crescentes da população de qualquer envolvimento direto com a exploração consumista de animais e eliminou a necessidade de sistemas de valores destinados a legitimar ou reforçar tais práticas” (SERPELL, 2010, p.16). O autor relata que a ideia de que relacionar-se com animais poderia ser função socializadora também foi dessa época.

John Locke¹² por exemplo defendia que dar cães, esquilos, pássaros para cuidar poderia encorajar no desenvolvimento de sentimentos ternos e senso de responsabilidade pelos outros. Apoiado em Turner (1980), o pesquisador ressalta que a compaixão e a preocupação com o bem-estar animal ocuparam espaços didáticos na literatura infantil no período ao qual estamos nos referindo, cujo objetivo era introduzir uma ética de bondade e gentileza especialmente nos meninos.

As influências acima descritas foram responsáveis pelo começo da aplicabilidade da ideia de função socializadora no tratamento de transtornos mentais, cujo primeiro experimento bem documentado aconteceu na Inglaterra no chamado The York Retreat¹³, considerado inovador para a época. As pessoas internadas foram autorizadas a usar suas próprias roupas, a passear livremente pelos pátios e jardins onde tinham vários animais domésticos, conforme descrição:

Samuel Tuke, neto do fundador, descreveu como os pátios internos do Retiro eram abastecidos com vários animais; como coelhos, gaivotas, gaviões e aves. Essas criaturas geralmente estão muito familiarizadas com os pacientes; acredita-se que não sejam apenas um meio de prazer inocente; mas que o convívio com eles, às vezes, tende a despertar os sentimentos sociais benevolentes. (SERPELL, 2020, p. 25).

Ao longo do século XIX os animais de estimação foram mais utilizados em instituições para tratamento mental na Inglaterra e em outros países, sendo registrados os benefícios em relatório cujo objetivo foi descrever as condições avassaladoras pelas quais as pessoas institucionalizadas passavam e o quão benéfico verificou-se a presença dos animais. Esta marca do Século XIX, relatada por Serpell (2010), a qual denominou de cuidados institucionais assistidos por animais, foi eliminada pelo advento da medicina científica nas primeiras décadas do Século XX.

¹² Atualmente orienta-se a respeito da importância de cada família avaliar suas considerações de integrar a convivência e a responsabilidade de ter um animal não humano na família. Além disso, ressaltamos a importância de ter claro que o convívio com outra espécie não pode ser visto como a garantia da resolubilidade de situações complexas pelas quais algum membro da família possa passar. A literatura científica aponta os benefícios do vínculo humano-animal, no entanto, não encorajamos o mesmo a ser visto como tratamento e sim como um membro da família multiespécie que deve ter suas necessidades enquanto espécie garantida e o estabelecimento de vínculo pautado pelo afeto e zelo.

¹³ Inaugurado em 1796, é conhecido como pioneiro no "tratamento moral" que se tornou um modelo de comportamento para instituições de todo o mundo para tratamento problemas de saúde mental e foi fundado por William Tuke.

Nos cinquenta anos seguintes, verificamos que a menção aos animais foi apenas em contextos de preocupação com doenças zoonóticas ou como referências simbólicas na teoria psicanalítica a respeito da origem do transtorno mental. Serpell (2010) menciona aspectos relacionais entre o conceito freudiano de “id” e semelhanças com as ideias animistas e xamânicas. No entanto, é de maior interesse para nosso estudo Boris Levinson, um influente psicoterapeuta infantil e o responsável pela fundação da “terapia facilitada por animais de estimação” ao afirmar que:

Uma das principais razões para as dificuldades atuais do homem é sua incapacidade de chegar a um acordo com seu eu interior e de harmonizar sua cultura com sua participação no mundo da natureza. O homem racional se alienou de si mesmo ao se recusar a encarar seu eu irracional, seu passado personificado pelos animais. (LEVINSON, 1972, p.6).

A saída encontrada por Levinson para a problemática identificada, descrita por Serpell foi promover a restauração de uma conexão com a nossa própria natureza animal inconsciente de forma a estabelecer relações com animais reais. Percebemos um avanço em relação ao pensamento freudiano, pois para Levinson os animais deixam de ser representante simbólicos para assumirem papel fundamental na evolução humana. Finalizando o resgate histórico, o autor aponta que o reconhecimento dos animais como apoio social vem crescendo, no entanto enfatiza a necessidade de o tema ser abordado com seriedade pela comunidade médica, alegando a prevalência de um legado antropocêntrico que dominou o pensamento europeu e ocidental desde a Idade Média. O pesquisador defende ainda uma visão holística e a importância de uma mente aberta acerca das potencialidades da relação com os animais para o bem-estar humano.

Optamos por apresentar o resgate histórico da IAA realizado por Serpell (2010) com o intuito de facilitar e enriquecer o diálogo com a *Dialética do Esclarecimento*, uma vez que é possível perceber o diagnóstico dos frankfurtianos ao longo da história descrita. Assim como auxiliar nas reflexões oriundas dos ensinamentos de Adorno e Horkheimer que apresentamos no próximo capítulo, ao tratar da Teoria Crítica como base teórica crítico-reflexiva e a *Dialética do Esclarecimento* como lentes às Intervenções Assistidas por Animais (IAAs).

2.2 INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS (IAAS) NA ATUALIDADE

Vivemos um momento de considerável aumento pelo interesse nas Intervenções Assistidas por Animais (IAAs). Revisões de literatura, livros e artigos de renomados pesquisadores apontam um importante crescimento da área. Ao passo que se identificou o crescimento, percebeu-se também um aumento de condutas preocupantes, especialmente em dois aspectos: a utilização de múltiplas nomenclaturas, comportamento que dificulta inclusive a pesquisa no campo e também as preocupações relacionadas ao bem-estar dos animais envolvidos em programas de IAA. Comungamos das preocupações descritas e neste subcapítulo discorreremos a respeito, embasados em pesquisas recentes e valendo-se da experiência da autora e de sua entrevistada. Em recente revisão sistemática de literatura, Simonato et. al (2020) concluíram que existe uma heterogeneidade na literatura científica a respeito do estudo e implementação de programas de IAA e recomendam a difusão de protocolos que colaborem com a utilização unívoca de terminologias reconhecidas mundialmente.

As Intervenções Assistidas por Animais valem-se do estudo da interação humano-animal, área conhecida como Antrozologia, conforme falamos anteriormente, um campo de estudo científico eminentemente multidisciplinar. Teve início na década de 70 com interesse de pesquisa voltado principalmente à compreensão do maltrato animal e a relação com a criminalidade, a utilização de animais em processos terapêuticos e reabilitação e também em relação às características do vínculo entre humanos e seus animais de estimação. Segue em franco desenvolvimento e caracteriza-se como uma área de conhecimento que constrói pontes entre disciplinas das ciências sociais, humanidades e ciências naturais. Diaz Videla (2017) define Antrozologia em seu livro *Antrozología y la relación humano-perro* como:

el estudio científico de las interacciones y vínculo humano-animal. A partir de la complejidad de su objeto de estudio, indefectiblemente, resulta un campo de investigación multidisciplinario que recibe aportes de diferentes ciencias. A su vez, la antrozología realiza aportes a cada una de estas ciencias, permitiendo extender sus fronteras al considerar la interacción entre humanos y los demás animales, los cual previamente solo había sido estudiados de manera independiente. Finalmente, la antrozología traza puentes que conectan ciencias y disciplinas tradicionalmente separadas favoreciendo los intercambios entre estas, su crecimiento, y fomentando el trabajo interdisciplinario (p.25).

Existem no mundo algumas organizações dedicadas à pesquisa e orientação das IAAs que nos últimos anos têm dedicado empenho em nortear a área, oferecendo publicações em seus sites, webnários com pesquisadores referência na área e desenvolvendo *guidelines* para a promoção da atuação imbuída de boas práticas.

Neste estudo, seguiremos orientações da *International Association of Human - Animal Interection Organization* (Iahaio) para referência quanto ao uso de nomenclatura técnica da área e conceituação da Intervenção Assistida por Animais (IAA) e suas três modalidades Terapia Assistida por Animais (TAA), Atividade Assistida por Animais (AAA) e Educação Assistida por Animais (EAA). A Iahaio ainda prevê uma quarta modalidade, o Coaching Assistido por Animais (CAA), mas que não integrará o escopo desta tese.

Para referendar as boas práticas nos embasamos na *Animal Assisted Intervention International* (AAII) através do recente e até o momento único *guideline* disponível para a utilização de cães nas IAAs. Cabe situar que o nosso estudo está pautado exclusivamente na utilização desta espécie como parceira, visto que a pesquisadora atua exclusivamente com cães. Nem por isso deixaremos de utilizar a nomenclatura técnica, optando então por não substituir a palavra animal por cão na terminologia, respeitando dessa forma o consenso terminológico estabelecido pela Iahaio.

O consenso terminológico proposto pela Iahaio foi publicado no conhecido *White Paper* de 2014 e revisado em 2018. A iniciativa deu-se em decorrência dos desafios que as IAAs enfrentam em nível internacional. Tais como, as numerosas e variadas terminologias que desencadeiam uma confusão importante tanto para profissionais quanto para os assistidos e instituições que desejam implementar programas de IAAs. Além disso, membros da Iahaio identificaram carências quanto às orientações aos envolvidos, principalmente em relação aos animais. Estas questões foram trabalhadas por uma força-tarefa internacional que foi encarregada de esclarecer e elaborar recomendações até então escassas e dispersas. Em 2018, o *White Paper* foi atualizado para incluir a definição de CAA - Coaching assistido por animais e a inclusão das abordagens de *One Health* (Saúde-única) e *One Welfare* (Bem-estar único) em IAA, duas abordagens significativas para nosso estudo. O *White Paper* conta com tradução para quinze idiomas diferentes em curso.

De acordo com a Iahaio (2018) *One Health* não é um conceito novo. Ele remonta ao século XIX quando a comunidade científica reconheceu semelhanças consideráveis entre os processos de enfermidade de humanos e animais. *One Health* reconhece que a saúde das pessoas está relacionada com a saúde dos animais e com o meio ambiente. Seu objetivo é conquistar resultados positivos reconhecendo a interconexão entre as pessoas, animais, plantas e meio ambiente. Recentemente apoiados em Pinillos (2016) de forma interdisciplinar, foi incluído *One Welfare*, reconhecendo a inter-relação entre bem-estar animal, bem-estar humano e meio ambiente.

Como mencionaremos adiante, as pesquisas em IAAs devem seguir as diretrizes de *One Health*. Tomando como referência Fraser (2009), a Iahaio enfatiza o forte vínculo entre bem-estar animal e a saúde humana. Ambos os conceitos são relevantes e colaboram para mitigar as confusões mencionadas anteriormente, pois seus objetivos têm proximidade em relação a saúde humana, bem-estar e o desenvolvimento. O *White Paper* traz uma frase de Jordan e Lem (2004) significativa para nosso estudo: “onde há estado de pobreza de bem-estar humano também existe estado de pobreza de bem-estar animal” (tradução nossa)

O *White Paper* enfatiza ainda que não seria ético desenvolver uma IAA com objetivos de melhorar o bem-estar do paciente mediante o comprometimento do bem-estar animal e de outros indivíduos. O planejamento da IAA deve prever que a instituição e os condutores dos animais garantam que protocolos adequados sejam implementados para garantia do bem-estar de todos os envolvidos. O enfoque de *One Health* permite este alcance e o protocolo proposto neste estudo, também foi pautado nessas orientações.

A Iahaio define IAA como *intervenção estruturada e orientada por objetivos e tem como propósito obter benefícios terapêuticos para os humanos incorporando animais no âmbito da saúde, educação e no âmbito social*. Envolvem profissionais com conhecimento sobre as pessoas e os animais envolvidos em uma equipe humano-animal de maneira formal na Terapia Assistida por Animais (TAA), Educação Assistida por Animais (EAA) e, em algumas circunstâncias, na Atividade Assistida por Animais (AAA). As IAAs devem ser desenvolvidas e implementadas de forma interdisciplinar (2018, tradução nossa). Uma vez que a área das IAAs está em franco desenvolvimento se faz necessário incentivar reflexões para promoção de avanços. Bem como, pesquisas bem conduzidas para alcançarmos uma maior coesão entre

estudiosos, pesquisadores e profissionais que trabalham de forma assistida por animais e assim facilitarmos a compreensão da população em geral a respeito do que de fato se propõe a IAA.

Nesse sentido propomos uma revisão no conceito de IAA estabelecido pela Iahaio. Com o reconhecimento da EAA como uma modalidade de IAA parece adequado ampliarmos a compreensão dos benefícios, retirando a exclusividade de serem terapêuticos e ampliando para benefícios biopsicossociais. Tal proposta está embasada no próprio conceito da EAA estabelecido pela Iahaio e no objetivo primordial da educação que é o ensino e a aprendizagem à luz da formação humana.

Portanto, mesmo que benefícios terapêuticos possam tangenciar as demais modalidades de IAA, cabe situarmos as balizas de cada área de atuação a fim de minimizar os equívocos percebidos na prática e na literatura, os quais foram registrados nas revisões de literatura mais recentes a respeito das IAAs. Toma-se ainda os ensinamentos de James A. Serpell (2017) autoridade mundial em pesquisa sobre Interação Humano-Animal (IHA) para elucidar nossa proposta. O pesquisador propõe o modelo biopsicossocial como representante de uma perspectiva ampla que atribui a saúde e a presença de doenças a interação complexa entre três fatores: biológico, psicológico e social. Impactos em um desses três fatores desencadeia consequência nos outros dois e os três fatores combinados determinam a saúde e a doença. Como exemplo, ele cita que animais de companhia podem moderar respostas fisiológicas ao estresse. O estresse ativa o sistema nervoso autônomo alterando a frequência respiratória, a frequência cardíaca e a pressão arterial. Registra ainda que já foi demonstrado que as IAAs diminuem a reação biológica ao estresse e esse efeito positivo provavelmente acontece por impactar ou alterar os outros dois fatores durante as intervenções. Para Serpell (2017) o modelo biopsicossocial permite um modelo conceitual mais abrangente. Logo, consideramos indicada a ampliação do conceito de forma a abranger a EAA.

Descreveremos a seguir o conceito de AAA, EAA e TAA, no entanto, o nosso olhar está direcionado à AAA e à EAA. Não raro encontra-se confusão na utilização do termo TAA como sendo sinônimo de IAA. Mesmo que TAA veicule como descritor integrado na PsylNfo e Medicine, como aponta López-Cepero (2020), cabe resguardo às conceituações da área. Portanto, neste estudo não abordamos a TAA, nem como palavra-chave e não incluímos no escopo de estudo detalhadamente. IAA é um conceito guarda-chuva que abriga suas modalidades de atuação.

Portanto, utilizaremos aqui as modalidades AAA e EAA. Antecipamos que as balizas entre elas apesar de bem delimitadas podem ser tênues caso não estejam claros os objetivos com a utilização da IAA. Javier López-Cepero propõe uma revisão pontual e esclarecedora para o conceito de IAA capaz de colaborar com o apaziguamento das confusões, a qual citaremos:

Intervenções assistidas por animais oferecem um rótulo genérico para reunir qualquer intervenção programada (concebido e avaliado) que tira partido dos benefícios da interação homem-animal como um elemento de valorização ou de facilitação. As IAAs não constituem em si mesmas uma profissão ou disciplina, mas são antes identificadas através da inclusão de animais como apoio a qualquer papel profissional pré-existente, tais como a psicoterapia, fisioterapia, educação; por tanto, os profissionais envolvidos devem cumprir os requisitos legais e de qualificação necessários para executar estas tarefas. Em todos os casos, a concepção da intervenção avaliará a relevância, eficiência e implicações éticas da inclusão de animais no âmbito de dado contexto antropológico e sociocultural. O treinamento e certificação dos animais dependerá das tarefas que lhes forem confiadas, mas atuarão sempre sob a supervisão de pessoal qualificado para garantir o seu bem-estar e a segurança de todos os participantes. (LÓPEZ-CEPERO, 2020, p.7, tradução nossa)

Andrea Petenucci, nossa colaboradora entrevistada, referenda o acima exposto ao explicar sobre a atuação nas IAAs:

De qualquer maneira você precisa se instrumentalizar, ampliar as ferramentas para que você possa usar esta abordagem, vamos chamar assim ou agregar a presença do animal na sua prática, porque a prática profissional não se altera. Ela fica só ampliada com a chegada do cão. No meu caso vou sempre falar só de cães porque foi o único animal que eu trabalhei e trabalho até hoje voltada só para cães.

Uma AAA consiste em uma interação informal com objetivos definidos onde a equipe humano-animal realiza visitas a pacientes com propósito motivacional, educacional ou recreativos. As equipes devem receber treinamento introdutório. Também poderão trabalhar formalmente desde que acompanhadas por profissional da saúde, educação ou serviço social e com objetivos específicos e documentados.

Neste caso atuarão em TAA ou EAA conduzidas por especialistas. O profissional que realiza a AAA ou o condutor do animal, sob supervisão do profissional, deve ter adequado conhecimento sobre o comportamento, necessidades, saúde e dos

indicadores de estresse dos animais envolvidos. Seguindo a intenção de propor uma maior compreensão acerca dos conceitos sugere-se a alteração da palavra paciente para a palavra assistido.

A proposta segue a mesma lógica anteriormente citada, uma vez que a EAA foi incluída como uma modalidade nas IAAs, fato que demanda a ampliação do olhar ao conceito de IAA, visto que alunos não são pacientes. Para elucidar citamos como exemplo a atividade de leitura envolvendo a participação de cães em ambientes como bibliotecas e livrarias. Esta intervenção assistida por animais consiste em uma AAA com objetivos educacionais. Com uma proposta nesse sentido não se mensura possíveis ganhos na habilidade leitora, como exige o conceito de EAA, apesar de promover benefícios nesse sentido.

Ao findar uma roda de leitura com a presença de cães sob a proposta da AAA, não saberemos o quanto cada criança avançou na aquisição de habilidades leitoras por exemplo, mas proporcionaremos momentos de interação humano-animal seguros e lúdicos capazes de valorizar e facilitar a leitura de acordo com a revisão de López-Cepero supracitada. Petenucci e Cunha (2020) apoiadas em estudos relacionados a AAA lembram que:

a presença do cão favorece o desenvolvimento de sentimentos positivos, troca de afeto, sensação de conforto e bem-estar em humanos, promove o estabelecimento de vínculos interpessoais e potencializa a comunicação verbal entre os humanos envolvidos configurando-se como poderoso catalizador das interações sociais (p.427).

Andrea Petenucci conduziu uma pesquisa com o objetivo de “descrever os efeitos da EAA na motivação e no desempenho em leitura de um grupo de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental” (2020, p. 425). Nela, a autora considera a EAA como difusora da utilização de animais como recurso pedagógico. Lembra ainda que a leitura assistida por animais é a intervenção mais pesquisada na EAA com resultados que apontam para a melhora do desempenho na leitura de alunos na presença de cães. Nosso escopo de estudo não compete aprofundar a temática da leitura, no entanto consideramos pertinente registrar os achados relacionados a leitura e a presença de cães apontados por Petenucci. Entretanto, é de interesse deste estudo a utilização da palavra recurso por Andrea Petenucci ao descrever a EAA em seu trabalho para nossa proposta didática do papel do cão na IAA.

É essencial então, ressaltar que a modalidade AAA pode ser utilizada com objetivos pedagógicos e por isso receberá atenção de nossa parte também no protocolo proposto no final deste estudo. Vale ainda lembrar que nosso estudo se dedica a IAA em ambiente escolar. Por conseguinte, AAA com objetivos pedagógicos podem ser realizadas em ambientes escolares e não escolares. Vale também enfatizar, a importância da presença do profissional da educação no desenho de tais atividades. Além disso, é essencial compreender que a palavra “informal” utilizada na conceituação da AAA pela Iahaio não significa interações desrespeitosas com os animais.

Alguns estudos utilizam a expressão interações livres para caracterizar a AAA. Há de se ter cautela na interpretação, pois informal e livre não são preditores de interações sem orientação e mediação do humano responsável pela AAA. Portanto, a ideia da simples transposição dos benefícios da interação-humano animal como sendo IAA deve ser desmobilizada. López-Cepero (2020) exemplifica nossa orientação ao alertar que “brincar com um cachorro não transforma automaticamente um programa em TAA ou EAA” (p.7, tradução nossa).

O pesquisador supracitado ainda sublinha aspectos fundamentais e pertinentes às considerações realizadas neste subcapítulo. Pois, aponta que os efeitos espontâneos da IHA podem ser usados para justificar a presença do animal. Porém, se o objetivo é promover mudanças duradouras como programas terapêuticos ou educacionais os profissionais devem dar explicações claras dos motivos e condições sobre como a presença do animal pode colaborar com os objetivos a serem alcançados a médio e longo prazo. Por conseguinte, os apontamentos acima mencionados também foram pauta da entrevista e Andrea Petenucci esclarece que:

A interação sempre vai facilitar e ela tem um aspecto terapêutico, mas ela não tem a intencionalidade técnica da área das intervenções assistidas. Esse foi o processo histórico que eu, principalmente, vivi. Eu vivi exatamente esta evolução e pretendo seguir com estes movimentos que você mencionou, da atualidade. Como você disse a tese prima pela saúde-única e bem-estar único e são as grandes estruturas atualizadas nas intervenções são essas duas, saúde-única e bem-estar o único.

A definição de EAA pressupõe uma intervenção planejada, estruturada, com objetivos definidos e dirigida ou conduzida por profissionais da educação ou educação especial qualificados e certificados podendo ser individual ou grupal. O progresso deve ser mensurado e registrado. Quando a EAA é realizada por educador especial será considerada terapêutica¹⁴ e com objetivos definidos. Têm como objetivo o desenvolvimento escolar, habilidades sociais e funcionamento cognitivo. O profissional que realiza a EAA ou o condutor do animal sob supervisão do profissional deve ter adequado conhecimento sobre o comportamento, necessidades, saúde e dos indicadores de estresse dos animais envolvidos (IAHAIO, 2018, tradução nossa).

O conceito de TAA consiste em uma intervenção terapêutica planejada, estruturada, com objetivos definidos e conduzida por profissionais da saúde, educação e do âmbito social. O progresso deve ser mensurado e registrado em documentação profissional. As Terapias Assistidas por Animais devem ser dirigidas por profissional certificado e formado. Focam no funcionamento físico, cognitivo, comportamental e/ou socioemocional do assistido de forma individual ou grupal. O profissional que realiza a TAA ou o condutor do animal, sob supervisão do profissional, deve ter adequado conhecimento sobre o comportamento, necessidades, saúde e dos indicadores de estresse dos animais envolvidos (IAHAIO, 2018, tradução nossa).

Podemos considerar o consenso terminológico proposto pela Iahaio como um passo importante para a compreensão e utilização das IAAs. Desta forma, passamos a ter orientação para uma questão que causa importantes dificuldades para o avanço da área. Entretanto, o mesmo ainda não aconteceu no que se refere a terminologia para designar o animal, especialmente quando nos referimos ao cão, já que é uma das espécies mais utilizadas nas IAAs. Percebemos um movimento importante na literatura científica referindo-se como animal de intervenções assistidas por animais.

No entanto, o termo “therapy dog”, cão terapeuta, cão de terapia, cão coterapeuta ainda são alguns dos variados termos utilizados para referir o cão. Seguindo a mesma lógica da Iahaio ao propor IAA como um termo guarda-chuva, consideramos o termo animal de intervenções assistidas por animais o mais adequado a ser utilizado. E no caso de uso exclusivo de cães, como é o caso da atuação da autora deste estudo e de programas de IAA que utilizem somente cães sugerimos o

¹⁴ Cabe a discussão deste aspecto por parte dos profissionais da educação especial no Brasil.

termo cão de Intervenções Assistidas por Animais (cão de IAAs), termo então, que utilizaremos ao longo deste estudo. Andrea Petenucci explicita esta questão durante a entrevista. No trecho a seguir, ela aborda pontos importantes para nosso estudo: a formação profissional, a terminologia utilizada para designar o cão e o preparo do cão. Andrea é Pedagoga e sua dedicação primordial na área das IAAs é a educação.

Uni qualidades vamos chamar assim competências que já existiam no meu cotidiano em relação à leitura a uma ação profissional, prestei vestibular fiz a faculdade de Educação. Na reta final da Faculdade de Educação começou o treinamento da minha primeira cadela de intervenções assistidas, a Zoah. Minha primeira cadela de terapia porque era assim que nós mencionávamos. Depois, a gente até mapeia, não sei como é que vão ser as perguntas, mas também era uma questão, minha cachorra mesmo atuando na educação comigo ela levava no colete a alcunha de cão terapeuta. E assim foi. Então quando chegou em 2009 eu já tinha feito curso, já estava no final da universidade, a Zoah já estava sendo preparada, então nós nos formamos praticamente juntas.

Dependendo da avaliação, socialização e treinamento do cão, ou seja do processo necessário para o cão se desenvolver como cão de IAAs ele poderá atuar em mais de uma modalidade. Portanto, parece indicado que a referência seja através da denominação da área e não de uma atuação específica como na TAA por exemplo. É possível que isso colabore para a diminuição das confusões, uma vez que cão terapeuta remete a terapia e, atualmente, temos modalidades distintas de atuação como já descrito.

Da mesma forma que brincar com um cão como mencionamos, não configura um programa de EAA, usar o termo cão terapeuta também não remete a colaboração que esta espécie pode promover aos objetivos da EAA. Igualmente poderíamos considerar em relação à AAA, a atuação do cão não é no sentido da promoção de benefícios terapêuticos oriundos da IHA. Aproveitamos, então, para lembrar que terapia e benefícios terapêuticos não são equivalentes, da mesma forma que TAA e IAA também não. Informalmente, no Brasil, este movimento em relação à terminologia para designar o cão tem sido promovido pela Afago & Afeto ao se posicionar a favor

da utilização do termo cão de IAAs. Em decorrência disto percebemos que o termo passou a ser utilizado por colegas.

Outros aspectos relevantes a incluir neste capítulo para a contribuição da reflexão crítico-filosófica, a qual nos propomos, também são alertados por López-Cepero (2020). Um deles, em especial, não é muito comum ser abordado, qual seja o custo financeiro da implementação de um programa de IAA. O autor descortina este ponto ao considerar que:

alguns autores têm discutido a pertinência de implementar IAAs dado seu custo (ou seja, eficiência). As IAAs implicam na preparação e manutenção de animais, acrescentando dificuldades em termos de transporte, inclusão de um segundo profissional para orientar o animal (ou, quando o trabalho é feito por um único profissional, a necessidade de dividir a atenção entre os clientes e o animal) e riscos para o bem-estar de animais não humanos (p.2, tradução nossa).

As IAAs ainda são caracterizadas por um certo romantismo e uma visão fantasiosa que acaba por descaracterizar seus reais objetivos. O mesmo pesquisador considera que apresentar os animais como panaceia aumenta a visão fantasiosa das IAAs. É comum a ideia de levar o cão mansinho para ajudar as pessoas baseada no próprio vínculo humano-animal. Não é rara a utilização do cão nas IAAs ser compreendida de forma distorcida, no sentido de atribuir a presença do cão como garantidora da resolução de situações complexas.

Esta compreensão, além de equivocada, coloca em risco os animais e as pessoas envolvidas nas IAAs. Generalizar a relação particular e subjetiva com o cão a outras pessoas não condiz com a proposta de uma IAA. Em suma, como López-Cepero (2020, p. 9) assevera: “nem todos experimentam os mesmos fenômenos quando em contato com outras espécies”. Por isso, esta e outras considerações deste pesquisador são pertinentes às nossas propostas reflexivas.

Até o momento, é possível considerar a IAA como adjuvante, ou seja, como uma intervenção complementar, a qual deve-se ter clareza sobre as possibilidades de vieses presentes. Em geral, programas de IAAs são bem recebidos por pessoas que possuem um histórico positivo de interações com animais. É fundamental ter claro que há as limitações. Há riscos a serem levados em consideração, zoonoses, alergias e fobias específicas, por exemplo. Daí a importância da existência de protocolos, ao entendermos a IAA quanto a sua intencionalidade,

limitações, e os requisitos de atuação para humanos e cães é viável a elaboração de projetos de IAA embasados na abordagem de Saúde única e Bem-estar-estar único.

Além disso, e não menos importante reconhecer que “após mais de uma década, a eficácia das IAAs ainda não atraiu apoio unânime” (LÓPEZ-CEPERO, 2020, p. 2) nos direciona a atuações mais cautelosas, respeitosas e seguras com animais e pessoas envolvidos em programas de IAA.

Andrea Petenucci elucidou um ponto nevrálgico que colabora para a ideia distorcida da IAA ao responder à questão referente a sua formação:

Eu acho que é bacana dizer sobre isso porque o que eu percebo nesses anos de atuação é que as pessoas se apaixonam e se jogam na área e depois elas penam pela ausência de formação. É bacana essa pergunta aparecer porque o processo de formação dentro de qualquer área quando a gente olha para todas as profissões que existem, ele é um processo gradual. Você teve o desejo de ser psicóloga e não se jogou na psicologia atendendo. Eu quis ser pedagoga, ainda que eu tenha ido para a área da educação por conta das intervenções assistidas, das terapias assistidas na época. A gente não se joga numa área de atuação de forma aventureira porque a gente está na relação com o outro. É uma grande responsabilidade com o outro, quer seja o cão ou o outro seja teus interlocutores na área de formação quer seja o paciente, o aluno.

Serpell et.al (2020) conduziram um estudo, no qual o objetivo principal foi pesquisar uma amostra nacional representativa de organizações de cães de terapia¹⁵ dos Estados Unidos para investigar e descrever a variedade de diferentes políticas e práticas em uso. Para, desta forma, identificar onde estas podem ficar aquém do que geralmente seria considerada a melhor prática.

De acordo com os pesquisadores, o *American Kennel Club* (AKC) reconhece atualmente 180 organizações de cães de terapia no país referido, porém o número

¹⁵ Como mencionado, ainda não há consenso terminológico em relação ao termo utilizado para referir o cão.

total de organizações permanece desconhecido e os autores mencionam que é provável que exceda substancialmente este número.

No Brasil, ainda não temos este tipo de mapeamento. Os pesquisadores citados apontam preocupações importantes, as quais vão ao encontro das intenções de nossa proposta de estudo. Eles revelam que “pouco se sabe sobre a gama de diferentes práticas que existem em todo o país, ou se estas práticas são adequadas para assegurar a saúde, segurança e bem-estar de ambos, os receptores da IAA, os animais participantes e seus condutores” (SERPELL et.al 2020, p.2, tradução nossa).

Em larga escala, desconsideramos o carácter complexo e interdisciplinar das IAAs. Percebemos que a decisão em introduzir um cão como colaborador no trabalho passa por critérios desconexos com as diretrizes vigentes. Não é incomum tal decisão passar por argumentos como: “meu cão é mansinho com as crianças que frequentam minha casa, adora brincar, é muito dócil, por isso quero levá-lo à escola e ao hospital (por exemplo) para ajudar as pessoas.” Pensamento como este desconsidera princípios básicos das IAAs: o cão deve ser selecionado e avaliado, socializado e treinado para a atuação por profissional do comportamento, uma vez que nem todos os cães terão a indicação de atuar. Não olhar para isto, no caso de IAAs com cães, é não respeitar o bem-estar do cão e assumir possíveis riscos, visto que:

Os riscos de saúde e segurança para os pacientes/clientes humanos incluem a transmissão de doenças zoonóticas, picadas e arranhões, alergias relacionadas com animais e acidentes, medos/fobias de animais, enquanto os riscos para os animais envolvem principalmente o potencial de excesso de trabalho e stress social devido a interação excessiva ou inadequada com humanos desconhecidos. (SERPELL et .al, 2020, p.2, tradução nossa).

A pesquisa realizada com foco exclusivamente em cães pelos pesquisadores ainda revelou que apenas um estudo anterior investigou políticas de saúde e segurança numa amostra de 27 animais de terapia e detectou omissões significativas que colocaram assistidos em risco potencial de danos. Tal pesquisa aponta para uma questão que a autora desta tese tem levantado como preocupante e que permeia as reflexões crítico-filosóficas no próximo capítulo. A tomada de decisão nas IAAs passa muito mais pelo olhar focal ao humano que a visão holística necessária. Ou seja, a introdução do cão em ambiente laboral acontece apenas pelo desejo humano e benefício ao humano.

Desta forma, o bem-estar e a saúde do animal envolvido não parece estar em questão. Esta é uma visão um tanto reducionista da IAA que em alguma medida, ainda

acomete a área, mas que passou a ser revista nos últimos estudos que levam em conta o bem-estar animal. Ainda que necessitemos de avanços, há de se reconhecer uma força-tarefa em torno desta questão. As organizações mundiais que norteiam a área, a cada ano, têm oferecido orientações contundentes a respeito da importância do bem-estar de todos os envolvidos na IAA. Assim como, pesquisadores têm mobilizado esforços para sanar esta lacuna.

Ressaltamos então, que as IAAs visam colaborar com o desenvolvimento biopsicossocial humano. No entanto, a sua aplicabilidade não pode ser realizada a despeito do bem-estar dos animais envolvidos. De acordo com a Iahaio (2018) deve-se ter em mente que o animal envolvido, independentemente da espécie, não é simplesmente um instrumento, em outras palavras, o animal não é um mero meio para um fim - mas um ser vivo.

Para contextualizar o acima exposto, mais uma vez recorreremos a Javier López-Cepero (2020). O pesquisador alerta que uma década de estudos depois, a literatura continua apontando mais para a presença do animal por si só que para as estratégias de intervenção. Este apontamento é descrito ao tecer considerações relevantes para os avanços da IAA e refletem a ideia de instrumentalidade aqui apresentada na tomada de decisão de introduzir o cão em programas de IAAs e posteriormente abordada sob preceitos filosóficos. Entendemos o cão como uma panaceia capaz de ser a resolubilidade de situações complexas.

Nossa preocupação deve voltar-se para entendermos a intencionalidade que permeia as IAAs. Fixar nessa ideia fantasiosa de soluções milagrosas para problemas complexos é em alguma medida terceirizar uma responsabilidade que é do humano para o cão. Ao contrário do que possa parecer, a introdução de cães em programas de IAAs aumenta o custo e demanda atenção no mínimo redobrada.

Dependendo da situação em questão e da experiência do condutor, não seria indicado a realização do trabalho de forma individual. Aliás, em ambiente escolar consideramos fundamental a presença do professor nas etapas do programa. Desde o planejamento com base no programa político pedagógico da escola e dos objetivos que o professor pode elaborar com a presença do cão em sala de aula e a sua permanência em sala durante as atividades propostas na intervenção assistida por animais. Quanto a este tópico a entrevistada orienta que:

Tudo isso traz o cão, deixar exercícios, toda a parte da educação assistida quando a gente entra como projeto na escola ela precisa estar muito alinhada ao cotidiano dessa sala, o desenvolvimento do programa do projeto político pedagógico da escola deste programa que o professor está implementando totalmente alinhado para o futuro da classe. Toda vez que você está numa instituição e você entra como alguém de fora aquele público não lhe pertence, o público continua sendo da instituição. Por exemplo, se você está numa sala de aula a responsabilidade da sala de aula segue sendo do professor ele tem que estar presente e envolvido.

Contextualizamos a IAA em seu aspecto histórico e atual para situar a temática e discorrer sobre as possibilidades de utilização e os cuidados necessários, os quais em larga escala não recebem a atenção devida. Em geral, quando se fala de IAA restringimos aos aspectos positivos, benefícios e a intensidade afetiva que circula em decorrência da IHA.

No entanto, consideramos também importante levantar os riscos e limitações das IAAs, a fim de contribuir com práticas éticas e seguras para todos os envolvidos. Além disso, reconhecemos algumas lacunas que demandam interesse como a terminologia para referir o cão nas IAAs e compactuamos com López-Cepero que é crucial compreender o papel do cão nas IAAs. Portanto, trataremos da nossa proposta de reconhecer didaticamente o cão como um recurso incremental a seguir.

2.3 O CÃO COMO RECURSO INCREMENTAL NA IAA

As Intervenções Assistidas por Animais no Brasil carecem de reflexões em alguns pontos importantes, são eles: uma cultura profissional e ética na elaboração de programas de IAA bem como, a atenção necessária à seleção, treinamento e garantia do bem-estar dos cães de IAAs e uso técnico da nomenclatura. Também se faz necessária a realocação da responsabilidade da sessão de IAA no humano que, em alguma medida, é designada ao cão, quando restringe-se a introdução do cão, simplesmente pela ideia de ser bom para os humanos.

Isso, sem levar em consideração o que López-Cepero (2020) orientou, ao enfatizar que nem todas as pessoas experimentam os mesmos fenômenos na IHA. A responsabilidade da sessão de IAA é humana e nela inclui-se: a garantia do bem-

estar de todos os envolvidos, o preparo do cão para o trabalho, o preparo do ambiente, a elaboração e planejamento das atividades as quais o cão irá participar (isto inclui o treinamento prévio), os objetivos a serem alcançados e como a presença do cão poderá colaborar.

Além disso, o manejo antes, durante e depois da sessão, os “combinados”¹⁶ com os assistidos a respeito da interação respeitosa e condizente com os cães (para isso é necessário conhecimento sobre o comportamento animal da espécie escolhida para atuação como está descrito no conceito de IAA da Iahaio). Nas palavras da entrevistada:

Tudo vai sendo construído a partir deste olhar. De que é um recurso, é um recurso que precisa ter utilização técnica que visa ganhos no caso da educação assistida, ganhos pedagógicos para a sala se a gente estiver falando de uma sala de aula independente da heterogeneidade dos sujeitos alunos.

Todos estes elementos envolvidos numa sessão de IAA estão ligados a intencionalidade da sua realização, mas que não é levada em consideração muitas vezes. Partindo da concepção a qual apresentamos e concordamos no subcapítulo anterior, da IAA como adjuvante ao processo terapêutico e educacional, podemos considerar que a participação do cão é um incremento¹⁷ a processos tecnicamente já existentes. Andrea Petenucci esclarece na entrevista os apontamentos discutidos acima:

Como a gente vem dizendo, historicamente não tinha este olhar para os animais, a gente olhava para o benefício para o humano, mas não olhava para o animal. Isso já precisa entrar numa pauta primordial. Além disso, como eu uso este cão, porque a gente fica nesse lugar que é esta banalização se eu estou falando deste cão como um recurso, se eu estou

¹⁶ Tais orientações constam de forma detalhada no protocolo em anexo.

¹⁷ Ato ou efeito de aumentar, de crescer ou de se desenvolver; aumento, crescimento, desenvolvimento. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/incremento/>. Acesso em 12 de julho de 2022.

falando deste cão como um dispositivo. Eu poderia trabalhar com um tablet, você já me ouviu falar disso muitas vezes. Eu, como educadora trabalhando na área da leitura poderia optar por alfabetizar e trabalhar com leitura numa plataforma digital, num tablet. Então, eu precisaria entender minimamente deste recurso não precisaria? Qual é a quantidade de memória, quais os recursos que este tablet tem, ele serve ou não para aquilo que eu quero eu vou usar vídeos, ele carrega vídeos, ele tem capacidade, o processador está apto para o tipo de vídeo que eu quero? Então se a gente faz esses questionamentos para um objeto por que isto não é feito para um para um ser vivo? Quando você substitui tablet pelo cão, então é preciso entender sobre o cão. Este cão está apto para esta abordagem que eu quero? Para este ambiente e para este público? Eu sei como introduzir este cão para conversar com a minha proposta teórica? Porque daí ficou esta banalização do uso ou de já pressupor que o cão gosta e está ótimo ali ou que eu tenho que deixá-lo ali à disposição o tempo todo. O que se você não tem uma análise técnica e crítica do que você está fazendo em certos momentos, como eu te comentei, pode concorrer com aquilo que você está propondo para o teu aluno por exemplo.

Considerando também o conceito de recurso de acordo com o dicionário Michaelis¹⁸ como ato ou efeito de recorrer, invocação de ajuda, apoio ou socorro, meio de que se lança mão para vencer uma dificuldade ou um embaraço; podemos entender o cão como um recurso, pois recorreremos ao seu apoio para alcançar objetivos em determinados processos. A literatura das IAAs em sua maioria atribui ao animal o papel de facilitador ou mediador, os quais fazem sentido. Porém, nossa intenção em atribuir o papel de recurso incremental é, justamente, também, no sentido de assegurar a responsabilidade do humano ao lançar mão de um recurso para apoiá-lo. É preciso aprender sobre os recursos que utilizamos quando propomos qualquer atividade nos processos, sejam eles terapêuticos ou educacionais. Quando utilizamos um jogo como recurso, nos dedicamos a aprendê-lo, apresentá-lo e utilizá-lo da

¹⁸Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/recurso/>
Acesso em 12 de julho de 2022.

melhor forma possível com pessoas envolvidas, por exemplo. Andrea mencionou a respeito disso na entrevista no trecho transcrito a seguir:

Do ponto de vista da utilização técnica eu percebo que se perde a percepção de que ele é um dispositivo porque aí quando a gente fala e eu já passei muitas vezes por isso, de eu dizer: para mim o cão é como um dispositivo eu podia trabalhar com o tablet, mas eu trabalho com o cachorro. As pessoas se ressentem dessa fala como se eu estivesse objetificando o cão. Não estou, tanto que estou aqui falando repetidamente sobre o quanto é necessário que este cão esteja preparado para a ação. Porém tecnicamente na ação pedagógica ele é um dispositivo para mim. E quando eu tenho consciência disso eu não me perco mais no uso deste cão. De novo faço com que estas ações se constelem em algo melhor para o todo. Por quê? Se eu entendo a minha ação técnica de que ora eu vou precisar colocá-lo, tirá-lo, se interessa quando eu estruturo uma seção que este cão fique todo o tempo no ambiente ou não. Se tal ou tal aluno precisa de um apoio ou não precisa de apoio. Uma coisa que é muito comum nas crianças com desenvolvimento atípico, como as intervenções vêm da área da saúde, principalmente da área da saúde mental que está olhando para as emoções das pessoas em relação aos animais, eu acho que se eu colocar cachorro tudo vai ficar bom. Só que tem crianças que têm medo por exemplo e você vai ter numa sala com 25 alunos. Na minha penúltima turma tinha uma menina com medo. Veja como é um todo que precisa trabalhar em paralelo o tempo todo, estruturação do animal, estruturação da sua ação profissional. A palavra é essa: estrutura, é preciso você olhar para tudo de forma estruturada e por isso você propor um protocolo vai auxiliar muito a área porque vai dar o caminho para estruturação.

Conforme podemos observar na fala da especialista, a escolha de recursos depende de conhecimento, estudar e refletir sobre o recurso mais indicado para alcançar determinados objetivos com as pessoas as quais trabalhamos. No caso deste estudo estamos falando de crianças em idade escolar, de alunos e alunas. Após a escolha nos dedicamos a entender como utilizar o recurso, o jogo por exemplo. Nos preparamos para apresentar o recurso e utilizá-lo com as crianças. É nesse espectro

que entendemos o papel do cão como recurso incremental, pois está diretamente ligado a atuação do humano. É por isso que chamamos de dupla nas IAAs. É uma dupla composta por um humano preparado para utilizar o seu recurso incremental de forma intencional que por ser um ser vivo também precisa ser preparado, para assim, se tornarem parceiros de trabalho. Nas IAAs, o cão depende da condução do humano e quando isto está claro e desromantizadas as chances de atuações mais assertivas aumentam consideravelmente e os riscos também ficam minimizados.

Para contextualizar o nosso entendimento, recorremos aos estudos de Filatro e Cavalcanti (2018) a respeito das metodologias inovativas, pois foi estudando o livro *Metodologias inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa* que a concepção de recurso incremental despertou. Entre os vários ensinamentos das autoras chamou a atenção o conceito de inovação compreendido como um *continuum* que pode ser incremental¹⁹ ou evolucionária ou também disruptiva²⁰. As IAAs estão mais próximas da inovação incremental, pois de acordo com as autoras:

Na extremidade incremental, ou evolucionária, a inovação pode ser tão simples e acessível como a releitura de uma solução existente ou a adição de melhorias e a elaboração de extensões que visem incrementar versões atuais de um produto, processo ou serviço [...] em educação, um exemplo clássico deste tipo de inovação é a transposição de cursos presenciais para modalidade a distância. (FILATRO E CAVALCANTI, 2018, p. 3)

As autoras descrevem em sua obra quatro grupos de metodologias para pensar a inovação na educação: ativas, ágeis, imersivas e analíticas. Entretanto, elas fazem a seguinte consideração relevante para nosso estudo: “Mas o que existe de realmente novo em educação à parte dos modismos, os chamarizes mercadológicos e os interesses de grupos comerciais ou acadêmicos?” (2018, p.2). Dito isso, vamos nos valer das metodologias ativas para pensar a IAA em ambiente escolar, especialmente na modalidade EAA.

Como princípio essencial, a metodologia ativa pressupõe o protagonismo do aluno, a colaboração e a ação-reflexão, o tipo de aprendizagem é ativa e colaborativa e são mais familiares ao mundo escolar e universitário “propondo uma melhoria no

¹⁹ As autoras apoiam-se em Tushman e Nadler.

²⁰ As autoras apoiam-se em Bower e Christensen.

clássico produto/serviço educacional” (p. 7). Dessa forma tem uma organização de tempo mais definida e precisam de profissionais dedicados ao ensinar. Todavia, as metodologias ativas propõem uma inovação incremental:

Não é errado dizer que, em linhas gerais, as metodologias ativas se ancoram em uma visão mais humanista, menos tecnicista da educação, e são inspiradas por teóricos cujas teses foram erguidas em contraposição a modelos tradicionais vigentes. Mas, ainda assim, propõem um tipo de inovação incremental que pode ser adotado dentro do circuito escolar - universitário, sem desorganizar a estrutura clássica das instituições de ensino: ano letivo, hora/aula, organização serial dos conteúdos, organização de alunos por turmas, professores responsáveis por cadeiras disciplinares, certificação ao final do processo...” (FILATRO E CAVALCANTI, 2018, p.7).

Com base no entendimento da metodologia ativa como uma inovação incremental, visto o entendimento de inovação como continuidade e entendendo que o cão exerce papel importante neste contexto, propomos o cão como recurso incremental. Dessa forma, a nossa intenção é colaborar com a ampliação da compreensão da utilização do cão na IAA e realocar a responsabilidade da IAA no humano como referimos no início do subcapítulo.

Finalizando este capítulo, encaminhamos nossos esforços de estudo ao embasamento teórico desta tese no capítulo seguinte que constará das reflexões crítico-filosóficas oriundas da leitura da *Dialética do Esclarecimento*.

3 TEORIA CRÍTICA COMO BASE TEÓRICA CRÍTICO-REFLEXIVA ÀS IAAS

Neste capítulo, nos debruçamos na apresentação da reflexão crítico-filosófica, considerando a Teoria Crítica como base teórica. Dessa forma, percorremos aspectos históricos da Teoria com intuito de situar o momento em que os filósofos que pautam nosso estudo, M. Horkheimer e Theodor W. Adorno viveram. Também empreendemos esforços para propor a *Dialética do Esclarecimento* como lentes às IAAs, recorrendo ao olhar de Horkheimer e Adorno à relação humano e animal. Nesse sentido, ressaltamos que dois redirecionamentos importantes foram necessários neste estudo. Um deles trataremos neste capítulo, qual seja a alteração da base teórica. O outro foi relacionado à opção metodológica do estudo, já apresentada anteriormente.

Antes de dar sequência à proposta do capítulo em vigor, cabe alguns registros. No Brasil, ainda são poucos os orientadores de mestrado e doutorado que aceitam o desafio de orientar um trabalho em uma temática distante do seu cotidiano de pesquisa, como as Intervenções Assistidas por Animais. Mesmo que a passos lentos, estamos caminhando no que tange à pesquisa brasileira neste campo, procurando aproximações com temáticas que já vêm sendo debatidas pelos diversos grupos de pesquisa. Passos importantes e pioneiros foram dados por outros pesquisadores da área com pesquisas de mestrado e doutorado já realizadas.

De fato, o empreendimento que nos propomos é desafiador, porém, a despeito dos desafios, consideramos importante o exercício reflexivo da temática proposta no âmbito da educação, uma vez que se vê um crescente interesse no campo das IAAs e a introdução de cães em ambiente escolar. Cabe também ressaltar, o papel importante do GPFORMA – Grupo de Pesquisa Formação Cultural e Hermenêutica, o qual a pesquisadora integra desde o início do seu mestrado, realizado entre os anos de 2014-2017. Na oportunidade, procurei dialogar sobre o tema “O professor na crise: os saberes da docência diante da dor do outro”.²¹ Naquele estudo busquei identificar

²¹ ANGELO, Fabiane Bortoluzzi. **O professor na crise**: os saberes da docência diante da dor do outro. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, 2016. disponível em

a relevância dos aspectos mencionados no desenvolvimento de saberes no percurso da docência, ligados às dores emocionais advindas de situações potencialmente traumáticas, tendo em vista o episódio ocorrido no dia 27 de janeiro do ano de 2013, na cidade de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, Brasil, em decorrência do incêndio da Boate Kiss. Foi nesse contexto, e por ter atuado no atendimento psicológico das vítimas e suas famílias, que me inseri no grupo de pesquisa, o qual tem problematizado essa questão no que tange ao papel da educação, pautando as suas reflexões na Teoria Crítica. E por isso, na dissertação (ANGELO, 2016, p. 32), eu já me perguntava: “Seria uma educação com viés humanístico e sensível, norteadas pela experiência estética, conforme orientou Adorno, nossa saída para frear uma educação contra a barbárie?”.

Elegemos, então, a Teoria Crítica como base norteadora do atual intento a fim de nos conduzir à embasamentos filosóficos substanciais, especialmente na obra de Adorno e Horkheimer *Dialética do Esclarecimento*, obra esta permeada pela preocupação dos filósofos da Escola de Frankfurt com a relação homem-animal e, portanto, de interesse para esta tese. Para dar sequência ao proposto a este capítulo recorreremos aos estudiosos da Teoria Crítica, Barbara Freitag e Rolf Wiggerhaus.

Barbara Freitag recorre a Slater (1976) para esclarecer que o nome Escola de Frankfurt alude a um grupo de intelectuais e a uma teoria social. Tal termo passou a vigorar de acordo com a autora, após Horkheimer, Adorno, Benjamin e Habermas publicarem seus trabalhos mais significativos. O termo Escola de Frankfurt, então faz uma alusão a “uma unidade geográfica que já então no período pós-guerra não existia mais” (p.09), já que a produção em questão em sua maioria foi realizada fora de Frankfurt. Sendo assim, para esta autora, o termo Escola de Frankfurt procura designar a institucionalização dos trabalhos de um grupo de intelectuais marxistas, não ortodoxos. Já, Wiggerhaus (2001) salienta que o termo Escola de Frankfurt passou a ser uma espécie de etiqueta em que abarcava uma sociologia crítica implicada nos antagonismos da sociedade quando aponta em sua obra:

A expressão “Escola de Frankfurt” é uma etiqueta adotada externamente nos anos 60, etiqueta essa que Adorno acabou por adotar com evidente orgulho.

Seu primeiro sentido era uma sociologia crítica que via na sociedade uma totalidade de antagonismos e não banira de seu pensamento nem Hegel, nem Marx, mas se considerava sua herdeira. (p.34)

Até a chegada dos anos 1960 e receber a etiqueta mencionada por Wiggerhaus, a Escola de Frankfurt passou por algumas fases. Freitag nos auxilia fazendo uma divisão didática em seu livro *A Teoria Crítica ontem e hoje*, em três partes principais, sendo elas: uma parte descritiva histórica e outras duas com características mais teóricas voltadas para conteúdo. A primeira parte deste capítulo está delimitado na parte inicial proposta por Freitag, a fim de situar historicamente a teoria que embasa este estudo e, mais amiúde, os aspectos que Freitag nos oferece na segunda parte, quando trata da dialética da razão iluminista e a crítica da ciência para contemplar o embasamento teórico.

O Institut fuer Sozialforschung – Instituto de Pesquisa Social foi criado em 3 de fevereiro de 1923. Mesmo vinculado à Universidade de Frankfurt e com sede própria, o Instituto mantinha-se autônomo acadêmica e financeiramente com dedicação exclusiva à pesquisa e a reflexão. Em 1930, Max Horkheimer foi nomeado à direção do Instituto redirecionando-o consideravelmente. “O Instituto passou a assumir as feições de um verdadeiro centro de pesquisa, preocupado com uma análise crítica dos problemas do capitalismo moderno que privilegiava claramente a superestrutura” (FREITAG, 1990, p. 11). A mesma autora ainda salienta que graças a envergadura intelectual de Horkheimer, ele conseguiu reunir outros importantes intelectuais em torno do instituto, entre eles Adorno, Marcuse e Benjamin. Eles filiaram-se ao Instituto na fase de emigração para os Estados Unidos. Diz ainda a autora:

Preocupado com o antissemitismo crescente na Alemanha e o progresso implacável do movimento nazista encabeçado por Hitler, Horkheimer teve a previsão de criar, a partir de 1931, filiais do Instituto em Genebra, Londres e Paris, transferindo a redação da Revista de Leipzig para Paris, onde permaneceria até a invasão alemã, depois que seus principais redatores já haviam emigrado há muito tempo para os Estados Unidos. (p.13)

Percebemos a perspicácia de Horkheimer em relação ao tempo histórico que vivenciaram os filósofos. Seu intento de compreender as mazelas as quais passaram a imperar naquela época, que o impacto percebemos até hoje, e proteger as produções foi marcante na história da Escola de Frankfurt. Freitag relata que mesmo diante dos tempos sombrios parte considerável dos intelectuais filiados ao instituto

sobreviveram e o próprio prédio sobreviveu aos bombardeios e a perseguição nazista. Ela descreve também que os primeiros colaboradores do Instituto eram típicos socialistas de cátedra considerados raros nessa época, pois a maioria dos marxistas não aceitava o trabalho acadêmico, dando preferência às militâncias partidárias.

Com a posse de Horkheimer aconteceu a criação de uma nova revista nomeada *Zeitschrift fuer Sozialforschung*, traduzida como Revista de Pesquisa Social na língua portuguesa, caracterizando-se como “novo veículo da produção e divulgação dos pesquisadores e críticos filiados ao Instituto” (FREITAG, 1990, p. 11). Horkheimer também assumiu a função de editor da revista, sendo capaz de manter sua publicação ao longo da existência do Instituto em Frankfurt e no período da emigração. Os atributos acadêmicos de Horkheimer foram considerados substanciais para o vínculo com a Universidade de Frankfurt, conforme Freitag (1990, p. 12):

Como professor universitário, Horkheimer satisfazia às exigências da carreira acadêmica e assegurava o vínculo com a Universidade de Frankfurt; como intelectual marxista, despreocupado com a burocracia e a legitimação acadêmica, investia toda sua energia na reflexão sobre a especificidade do capitalismo moderno nas condições históricas da Europa e em especial da Alemanha do pós-guerra.

O governo nazista decretou o fechamento do Instituto em Frankfurt alegando “atividades hostis ao Estado” em 1933. Tanto o prédio quanto 60.000 volumes de livros do acervo da biblioteca foram confiscados.

Considerada como primeira fase do Instituto, de acordo com Freitag (1990), a marca de Horkheimer, seja pela sua personalidade, orientação teórica ou convicções políticas, é perceptível: “Foi ele quem conduziu com firmeza e prudência o processo de institucionalização do Instituto, criando a *Revista* como porta-voz de seus trabalhos teóricos e empíricos” (FREITAG, 1990, p.15). Portanto, a primeira fase do Instituto foi impactada pela atuação de Horkheimer. Ainda em 1933, o filósofo define a transferência do Instituto de Frankfurt para Genebra, o qual passa a funcionar como *Société Internationale de Recherches Sociales* e a *Revista* já é editada em Paris nesta época. Em 1934 negocia a transferência do Instituto para Nova Iorque, vinculando-o à Universidade de Columbia. Foi neste período que o Instituto concedeu mais de cinquenta bolsas de estudo e de pesquisa para intelectuais e judeus perseguidos pelo nazismo na Europa, entre os quais estava Walter Benjamin. A perseguição nazista culminou no suicídio de Benjamin em 1943.

A transferência de Adorno e Horkheimer para a Califórnia aconteceu em 1940, onde se encontravam outros intelectuais colaboradores da *Revista* neste período da emigração. Até este ano a *Revista* era publicada em alemão e recebe seu primeiro número em inglês em 1941, sendo também sua última edição. Em 1946, Horkheimer volta à Frankfurt por conta de um convite da municipalidade. Segundo Freitag, ele retorna à Alemanha em 1948, sendo recebido de forma calorosa e tendo sua transferência efetivada em 1950. Os trabalhos da fase da emigração são impactados pela cultura americana como expressão máxima do capitalismo moderno e a democracia de massa. Neste contexto Horkheimer se empenha em manter lúcida a reflexão filosófica e dialética diante do crescimento positivista e empirista na ciência sociais de acordo com a autora na qual estamos nos baseando. Enquanto Horkheimer dedica-se aos fundamentos da teoria crítica da Escola de Frankfurt, Adorno está dedicado à fundamentação da sociologia marxista da música.

O ano de 1947 é marcado pela colaboração dos ensaios de Horkheimer e Adorno, fato que culminou no nascimento da obra *Dialética do Esclarecimento*, escrita na Califórnia. A obra voltada para a crítica, simbolizou uma espécie de ruptura com as produções anteriores. Dentre a larga e intensa produção dos frankfurtianos, é esta obra que conduzirá as reflexões propostas neste estudo, uma vez que, a preocupação com a relação homem-animal, bem como os impactos da dominação da natureza pelo homem são destaques que receberam dedicação importante de Adorno e Horkheimer. São estes pontos que pretendemos ter como alicerce para o estudo e assim edificar questionamentos e propostas para o imbróglio em questão.

Freitag descreve uma certa esperança dos intelectuais até este momento quando relata que:

Tanto Horkheimer quanto Adorno, haviam mantido uma certa confiança na razão crítica que se imporia no decorrer do processo histórico que gerou a modernidade. Acreditavam até então que, apesar dos percalços e retrocessos, a humanidade chegaria, em última instância, a realizar a promessa humanística, contida na concepção *kantiana* da razão libertadora. (FREITAG, 1990, p.20).

É a *Dialética do Esclarecimento* que simboliza o abandono da convicção acima mencionada, pois os frankfurtianos começaram a tecer em seus estudos as questões impelidas pelo capitalismo que passou a deturpar a racionalidade. Consideram que os indivíduos hoje estão incorporados ao sistema capitalista, tendo suas percepções de

autodeterminação eliminadas e com isso passam a ter um impedimento na elaboração do futuro da humanidade desprovidos de resistência crítica. Para Freitag, a *Dialética do Esclarecimento* desvela a morte da razão kantiana por asfixia pelas relações de produção capitalista. Os filósofos frankfurtianos partem para a busca de um caminho possível de distanciamento dos paradigmas positivistas e neopositivistas dominantes nas ciências naturais e humanas no período que viveram.

Chegamos à década de 1960, onde a nomeação de Horkheimer e Adorno como professores catedráticos do Departamento da Universidade Johann Wolfgang Goethe é o ponto alto. Assim, ambos passaram a ministrar cursos e realizar pesquisas até 1969. Neste período, a Escola de Frankfurt passou a ser conhecida como uma etiqueta como mencionamos no início do capítulo. Horkheimer segue como diretor do Instituto nos primeiros anos após seu retorno e nomeia Adorno como codiretor, assumindo este a direção em definitivo no ano de 1967 quando da aposentadoria de Horkheimer. Freitag, lembra que “o grupo de intelectuais que acompanhavam os teóricos se dispersou, sendo a “Escola de Frankfurt” reduzida aos seus expoentes mais significativos: Adorno e Horkheimer” (p.22). Foi nesta época que Jürgen Habermas associou-se a eles. Além dele, outros jovens filósofos e colegas dirigiram seus interesses de pesquisa ao autoritarismo e ao antissemitismo conforme nos mostra Freitag (1990, p.23):

Interessava aos pesquisadores saber como se configurava nessa geração a questão do autoritarismo e do antissemitismo. A pesquisa, realizada em Frankfurt no final da década de 50, é publicada em 1961 e revela uma síndrome autoritária latente na maioria dos entrevistados.

Uma passagem interessante da história da Escola de Frankfurt foi o período de 1966 a 1967 caracterizado pelo protesto estudantil contra as estruturas autoritárias da universidade e da sociedade alemã. Assustados com o radicalismo do movimento, pois identificaram comportamentos imaturos de grande parte dos estudantes com a capacidade de autocritica rebaixada, perceberam traços fascistas e passaram a combatê-los. Cada um empregou esforços ao seu modo para combater o radicalismo do movimento. Adorno chegou a chamar a polícia diante da ameaça de invasão e depredação do Instituto por parte dos estudantes.

Para ele não havia diferença entre os nazistas radicalizados que vieram incinerar os livros “judeus”, a partir do incêndio do Reichstag em Berlim, e o

estudante *enragé* do final da década de 60. A forma de manifestação do protesto estudantil era aparentemente a mesma: invasão violenta dos prédios, saque de livros, irreverência com os intelectuais e sua produção acadêmica. (FREITAG, 1996, p.25).

A autora destaca que o fato de os estudantes incorporarem a teoria crítica ao movimento parecia anunciar o seu fim, pois despertou um certo desconforto entre estudantes e frankfurtianos. Este episódio provocou a ida de Horkheimer para a Suíça em 1967. Adorno morre prematuramente em 1969, ao passo que os estudantes tomaram outros rumos. Posteriormente, a autora relata o renascimento e a superação da Teoria Crítica, descrevendo os esforços empreendidos por Habermas e outros filósofos constituindo a quarta fase do trabalho.

Cada um dos envolvidos nesta fase dedicou-se, a sua forma, para recuperar manuscritos dos pioneiros da Teoria Crítica, bem como refletir, discutir e superar os mestres. Nas palavras de Freitag (1990, p. 29):

O renascimento da teoria crítica não é devido exclusivamente aos trabalhos de A. Schmidt, R. Tiedemann e J. Habermas. Há toda uma geração de jovens filósofos, pedagogos, sociólogos e críticos literários que têm usado a teorização dos frankfurtianos para novas reflexões e buscas de aproximação ou superação de seu pensamento.

Realizada a primeira parte deste capítulo com uma breve apresentação histórica a fim de situar o momento em que os filósofos frankfurtianos conceberam seus escritos passaremos para o delineamento de nossa ideia estudo. A atuação dedicada e criteriosa dos frankfurtianos Adorno e Horkheimer fez da primeira fase da Teoria Crítica um diagnóstico importante da sociedade, bem como das relações vigentes na época. Não por acaso, Freitag referiu que áreas como a pedagogia, sociologia, literatura entre outras se utilizam desta teoria, da mesma forma que pretendemos. Trazemos o argumento de Wiggerhaus acerca da escolha da Teoria Crítica para versar uma tese que tem como tema as Intervenções Assistidas por Animais em ambiente escolar quando afirma:

A evidente multiplicidade de tudo aquilo que é chamado de Escola de Frankfurt é tamanha, que há sempre algum vestígio nela que é atual, sempre alguma coisa que se revela como um trabalho inacabado à espera de ser continuado até o final. (WIGGERHAUS, 2002, p. 36).

Na esteira do apontamento de Freitag e Wiggerhaus encontramos amparo para nossos questionamentos e reflexões, uma vez que a amplitude do pensamento dos filósofos da primeira geração da Teoria Crítica reverbera na atualidade. As inquietações da pesquisadora a respeito do cenário das IAAs, ainda que trazidas para este estudo por meio de sua própria experiência empírica e na formação de profissionais, bem como da entrevista de uma especialista na área, encontram eco na discussão dos filósofos mencionados.

Na obra *Diálogo e Educação*, de Tiburi e Hermann (2014) é apresentado o papel da Teoria Crítica como o objetivo de analisar o funcionamento sob a ótica da emancipação. A Teoria Crítica visa encontrar a compreensão para promover a transformação da sociedade através da crítica. Portanto, encontramos na teoria citada a potência para servir de embasamento crítico-filosófico, pois há uma preocupação em aproximar teoria e prática por meio do entendimento crítico, com o objetivo de identificar diagnósticos de época capazes de orientar a decomposição do predomínio das relações capitalistas. É importante destacar que são estas relações as responsáveis pela existência da razão instrumental trabalhada por Adorno e Horkheimer. Nela, os autores destacam dois elementos que a compõem: o ego abstrato, ou seja, a tentativa do homem tornar tudo que existe em meios para a conquista de algo para si mesmo e a natureza vazia, que trata do objeto a ser dominado e possui somente tal finalidade. Já para Wiggerhaus (2001), a Teoria Crítica ultrapassa aspectos como orientação teórica e uma fase da história das ciências. Em seus estudos ele amplia sua concepção a respeito dessa teoria e a aborda da seguinte forma:

Escola de Frankfurt” e “Teoria crítica” são expressões que, quando despertam algo mais do que a ideia de um paradigma das ciências sociais, provocam a evocação de uma série de nomes, em primeiro lugar Adorno, Horkheimer, Marcuse, e associações de ideias, como movimento estudantil, contestação ao positivismo, crítica da civilização e, talvez, ainda emigração, Terceiro Reich, judeus, Weimar, marxismo, psicanálise. Como se percebe imediatamente, trata-se de muito mais do que uma simples orientação teórica, de muito mais do que um momento da história das ciências. (p.33).

Uma das propostas de Horkheimer acerca da Teoria Crítica é a de não desqualificar um pensamento em detrimento do outro. Ao questionar o pensamento cartesiano frente ao pensamento marxista sua intenção inicial era aglutinar o primeiro ao segundo. Ele acredita que “é confrontando a estrutura lógica, o objetivo e a

finalidade de uma vertente do pensamento que o relacionamento de ambas pode ser evidenciado” (FREITAG, 1990, p. 38). Esta consideração a respeito da ideia de Horkheimer fortalece nossa intenção de despertar um pensamento crítico a respeito da característica instrumental da IAA. A proposta da teoria crítica é justamente absorver os aspectos históricos dos fenômenos, dos indivíduos e das sociedades. Além disso, ela possibilita o trabalho por meio de determinações abstratas e não fica estagnada na relação da realidade aos conceitos preestabelecidos, como esclarece Barbara Freitag:

A teoria crítica procura integrar um dado novo no corpo teórico já elaborado, relacionando-o sempre com o conhecimento que já se tem do homem e da natureza naquele momento histórico (Horkheimer, 1947, pp173-174). “A teoria crítica começa, pois, com uma ideia relativamente geral da troca simples de mercadorias, representada por conceitos relativamente gerais. Pressupondo todo o material resultante de pesquisas próprias e alheias, procura mostrar como a economia de troca nas condições atualmente dadas (...) conduz necessariamente ao agravamento das contradições na sociedade, o que em nossa época histórica atual leva às guerras e revoluções” (*ibidem*, pp.174-175) (FREITAG, 1990, p. 39).

Convém lembrar que nesta época Horkheimer ainda estava bastante ligado às proposições marxistas, vindo a esclarecer sua desesperança em relação à revolução do proletariado e propondo uma revisão de sua proposição original em 1970. Chegamos a esta conclusão, partindo de dois grandes eventos históricos: sua vivência com o nazismo na Alemanha e com o socialismo em países do Leste Europeu. É a partir destes eventos que Horkheimer se distancia das teses centrais de Marx. Para ele, ambos os eventos estão impregnados pela razão instrumental em detrimento da razão emancipatória.

Portanto, a razão instrumental é capaz de inviabilizar a liberdade individual em função do bem geral. Ao transcender o pensamento dos frankfurtianos no que tange à razão instrumental, ocorrem os seguintes questionamentos: É possível que este comportamento com os animais nas IAAs esteja permeado pela instrumentalidade? É possível, então que a razão instrumental que tanto os filósofos da primeira geração alertaram possa interferir na forma como entende-se as IAAs, bem como em sua aplicabilidade? Ao introduzir o animal em ambiente laboral, entendemos a característica instrumental que este ato encerra. Isso fica ainda mais evidente quando identificamos a finalidade da iniciativa, ou seja, ajudar o humano. Dessa forma, a

análise das condições do animal para exercer a atividade passa a ser desconsiderada ou até mesmo inexistente.

Questionarmos parece ser um passo indispensável para a proposta emancipatória da teoria crítica. Nesse sentido, entendemos que nossos questionamentos e propostas possam desencadear uma reflexão pertinente a respeito da relação entre os animais que trabalham nas IAAs e seus parceiros animais humanos. Com isso, nossa intenção é direcionar o olhar à dupla de trabalho humano-cão sob a ótica dos dois princípios fundamentais da Teoria Crítica traçados por Horkheimer em 1937. De acordo com Nobre (2008) a Teoria Crítica compõe dois princípios fundamentais: a orientação para a emancipação e o comportamento crítico, conforme Horkheimer apresentou em 1937. Além disso, a Teoria Crítica prevê o conhecimento na dialética na prática propondo então, transformações nas relações sociais discutindo as coisas como são e como poderiam ser. O autor considera que:

o conhecimento crítico opõe-se a todo conhecimento que não tiver sido produzido a partir desses dois princípios fundamentais. Mas, como se verá, não se trata simplesmente de rejeitar o conhecimento que não dispõe da perspectiva da emancipação em sua produção; ao contrário, trata-se, para a perspectiva crítica, de mostrar primeiramente por que ele é parcial, para então buscar integrá-lo, sob nova forma, ao conjunto do conhecimento crítico. (NOBRE, 2008, p.34)

Em alguma medida esta tese movimenta-se no sentido proposto pela teoria crítica, ou seja, buscamos o resgate histórico das IAAs, analisado sob os preceitos filosóficos e a luz da dialética da prática, onde como consequência, assim como Nobre elucidou, olhamos para as coisas como são e delineamos um porvir. A Teoria Crítica é ampla e intensa em suas fases, como destacou Wiggerhaus (2001), sendo assim, faz-se necessário delimitar e situar este estudo na conhecida primeira fase da Teoria Crítica orquestrada por Horkheimer, Adorno, Marcuse e Benjamin. Dentre estes, os autores que orientam nosso estudo são Horkheimer e Adorno por meio da *Dialética do Esclarecimento*, como mencionado.

Dado o tema deste estudo, nossos esforços estão mais voltados a compreender a preocupação acerca da relação homem-animal, a qual perpassa a *Dialética do Esclarecimento*. Subsequente ao diálogo com a obra mencionada direcionamos o olhar à preocupação de Adorno quanto a educação contra a barbárie e apresentamos nossa proposta a respeito das IAAs em ambiente escolar como perspectiva para fortalecer a luta da educação contra a barbárie. Freitag (1990)

sinaliza que a organização da produção dos teóricos críticos viabiliza descolar-se da sequência cronológica. A autora considera possível o aprofundamento em temas eleitos, como é o caso deste estudo no que se refere a relação homem-animal, visto que os frankfurtianos reservaram um aforismo ao final para esta temática na obra.

3.1 A DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO COMO LENTES ÀS IAAS

Passamos ao momento de refletir e alinhar as discussões de Horkheimer e Adorno como lentes às IAAs, a fim de propor uma análise crítico-filosófica, no que tange à utilização de cães de IAAs nas escolas. Amparados então na Teoria Crítica, a intenção é encontrar na *Dialética do Esclarecimento* um caminho possível para uma compreensão filosófica das IAAs até o momento, especialmente na relação da dupla de trabalho animal humano e animal não-humano. No caso desta tese abordaremos apenas os cães, pois é com este animal que a pesquisadora trabalha e dedica-se ao estudo e formação de outros profissionais²² para a atuação na área. Bem como, tecer proposições possíveis para o enfrentamento da razão instrumental em prol de uma razão mais humanitária, capaz de promover uma postura respeitosa em relação à vida.

A inspiração nos teóricos que embasam este estudo foi em decorrência da coragem e determinação de questionar e alertar as dificuldades de sua época, pois Adorno e Horkheimer, por exemplo trouxeram à tona as consequências do fracasso das ideias iluministas de razão que culminaram no também conhecido fracasso do século XX. A este fracasso, os autores atribuem as consequências causadas pelo empreendimento humano de dominar a natureza, o qual desencadeou na conhecida razão instrumental, proposta pelos frankfurtianos. Portanto, nosso objetivo em ancorar filosoficamente esta tese na Teoria Crítica se dá especialmente com o intuito de recorrer à *Dialética do Esclarecimento* como lente às IAAs. O intento é de proporcionar uma reflexão crítica e despertar a ampliação do olhar para uma prática orientada a saúde-única e bem-estar-único.

As pesquisas no campo das IAAs têm apontado o aumento do interesse de profissionais e instituições em implementar programas de IAAs e o ambiente escolar

²² A formação a qual nos referimos é realizada na sua empresa Afago & Afeto.

tem sido cada vez mais um palco para a introdução de cães com uma visão rebaixada ou até mesmo inexistente da necessidade de garantia do bem-estar dos animais envolvidos.

Em nota preliminar, o tradutor da 20ª edição da *Dialética do Esclarecimento*, Guido Antônio de Almeida, explica que em Adorno e Horkheimer o termo esclarecimento foi utilizado com a intenção de demonstrar o “desencantamento do mundo” e, também, contextualiza a expressão sob a ótica dos frankfurtianos ao dizer:

Em primeiro lugar, como não poderia deixar de ser, por uma questão de maior fidelidade: a expressão esclarecimento traduz com perfeição não apenas o significado histórico-filosófico, mas também o sentido mais amplo que o termo encontra em Adorno e Horkheimer, bem como o significado corrente de *Aufklärung* na linguagem ordinária. É bom que se note antes de mais nada, que *Aufklärung* não é apenas um conceito histórico-filosófico, mas uma expressão familiar da língua alemã, que encontra um correspondente exato na palavra portuguesa *esclarecimento*, por exemplo em contextos como: *sexuelle Aufklärung* (esclarecimento sexual) ou *politische Aufklärung* (esclarecimento político). Neste sentido, as duas palavras designam, em alemão e em português, o processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questão de ordem prática (religiosas, políticas, sexuais etc.). (nota do tradutor, 2021, p. 7)

Ainda no que tange ao aspecto contextual da palavra esclarecimento, Guido Antônio de Almeida menciona que ela foi escolhida como palavra de ordem e senha de identificação nos tempos modernos. Para Kant, o esclarecimento concedeu ao homem o processo de emancipação intelectual, pois identificou na razão a via possível da libertação do homem para alcançar sua maioridade, sua autonomia. Kant era adepto à ideia do homem assumir seu próprio destino e para isso considerou necessário reconhecer que o destino do homem não dependia de forças externas como deuses, mitos e leis da natureza. Para este filósofo, a humanidade deveria fazer uso da razão para direcionar sua história. Para Adorno e Horkheimer, segundo o tradutor da 20ª edição o esclarecimento consiste no “processo pelo qual, ao longo da história, os homens se libertaram das potências míticas da natureza, ou seja, o processo de racionalização que prossegue na filosofia e na ciência” (2021, p. 8).

Duarte (2009) também tece comentários acerca da noção de esclarecimento utilizada por Adorno e Horkheimer, pois considera que eles promovem uma grande ampliação do termo. Os filósofos não ficam resignados à ideia do esclarecimento como apenas um movimento intelectual do século XVIII, eles o inserem num processo que desde os primórdios, em especial a mitologia grega, caracteriza a civilização

ocidental. Para Adorno e Horkheimer a mitologia já tinha aparatos para organizar o mundo próximos ao que se encontra na ciência e apontam o esclarecimento do mito como produto do próprio esclarecimento, ao dissertarem este aspecto na seguinte passagem:

Mas os mitos que caem vítimas do esclarecimento já eram o produto do próprio esclarecimento. No cálculo científico dos acontecimentos anula-se a conta que outrora o pensamento dera, nos mitos, dos acontecimentos. O mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. Com o registro e a coleção dos mitos, essa tendência reforçou-se. Muito cedo deixaram de ser um relato, para se tornarem uma doutrina. (2021, p. 20)

O Iluminismo ou Esclarecimento é o fio condutor da obra dos autores, segundo Freitag (1990). Para ela a *Dialética do Esclarecimento* é a descrição de uma dialética da razão. Originalmente, o advento da concepção da razão estava associado à emancipação responsável por conduzir o homem à autonomia e a autodeterminação. Porém, a razão acaba por transformar-se na instrumentalização responsável pela dominação do homem. Não por acaso, Adorno e Horkheimer iniciam a *Dialética do Esclarecimento* com o célebre diagnóstico:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. (p. 17, 2021)

Os frankfurtianos apontam que o saber produzido pelo Iluminismo acabou por desencadear na técnica e ciência moderna, deixando escapar, portanto, a sua ideia original de emancipação. Para eles, a ciência moderna estabeleceu uma relação de dominação com seu objeto, ou seja, a razão instrumental passou a operar fortemente e dessa forma o mito original se transformou em Iluminismo e a natureza foi convertida em objetividade. Adorno e Horkheimer resgataram esse aspecto na obra, elucidado na passagem onde constatam que:

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-se na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em - si torna para - ele*. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma,

como substrato da dominação. Essa identidade constitui a unidade da natureza. Assim como a unidade do sujeito, ela tampouco constitui um pressuposto da conjuração mágica. (2021, p. 21).

Segundo Freitag, “inicialmente essa razão tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias” (1990, p.35). A leitura da ideia kantiana de razão realizada por Adorno e Horkheimer, então, consiste numa transformação contrária do objetivo inicial, uma vez que a razão se alienou e deslocou-se da ideia de emancipação. A esta alteração da razão, os autores denominam razão instrumental que é caracterizada pelo controle absoluto da natureza e a dominação dos homens. O empreendimento da *Dialética do Esclarecimento* consiste em demonstrar como a razão se atrofiou e assumiu características instrumentais.

Nadja Herman (2009) contextualiza que o argumento primordial da obra de Adorno e Horkheimer centra-se no entendimento da razão como inverso do mito e por isso ao mito retorna. Para esta estudiosa, o fato da humanidade se imbuir do afã de combater o mito e as forças mágicas, bem como a emancipação pelo saber racional conduziu a razão a uma dominação com roupagem de barbárie, uma vez que recaiu na própria dominação. “Estamos assim diante de uma crítica radical que arranca o véu da civilização, enquanto crença na ideia de progresso e otimismo racionalista, para mostrar, sem ilusões, a face da regressão” (HERMAN, 2009, p. 70).

A utilização do termo dialética para os frankfurtianos é no sentido da transformação da vida social. Apresentaram empenho em criticar a razão proposta por Kant, a qual era entendida como instrumento de dominação do homem sobre a natureza com propósito de libertar o homem do seu próprio medo. Tais concepções kantianas representavam ideias iluministas, as quais separam o homem da natureza e o sujeito do objeto. Cabe lembrar que a razão, a qual os frankfurtianos questionavam era a própria razão instrumental. Como consequência da razão instrumental percebe-se as entranhas de uma lógica individualista e imediatista em alguma medida. Duas lógicas das quais as IAAs não devem ser acometidas.

A compreensão da utilização do cão deve ser por meio de visão de parceira muito bem estabelecida entre humano/condutor e cão, tendo como base o desenvolvimento de um vínculo seguro para o animal capaz de dar-lhe segurança e tranquilidade para sua atuação. No entanto, Glenk e Foltin (2021) alertam que a ideia de parceria pode burlar em alguma medida a necessidade de atentarmos ao caráter

de objetificação e instrumentalização dos cães que por vezes pode acontecer, já que prevê uma relação mútua, se o humano não tem a noção do trabalho nas IAAs. As pesquisadoras consideram que:

as perspectivas atuais sobre o status dos animais de IAA estão mudando, pois eles não devem ser vistos como “menos que” ou “ferramentas”, mas como indivíduos com gostos, desgostos e limitações. A justificativa para essa alteração de paradigma é prática e ética, uma vez que o bem-estar animal está interligado com o bem-estar do receptor. (p.2, tradução nossa)

Nunca é demais ressaltar que a decisão a respeito da inserção do cão no trabalho nas IAAs é unilateral e humana. Este aspecto é discutido por Glenk e Foltin (2021, p.2) quando apontam que “humanos e cães não compartilham privilégios ou poderes iguais e é questionável se os cães dão alguma forma de consentimento livre e informado para cumprir as tarefas que lhes são atribuídas”. Portanto, há de se ressignificar o lugar do cão nas IAAs, bem como registrar o tênue limiar entre fazer o bem ao outro e recair na instrumentalidade da decisão.

Urge internalizarmos a ideia de que o cão não está simplesmente a serviço do humano com a mera intenção de proporcionar o alcance de objetivos, como também problematizam as pesquisadoras. Cães podem ser preparados para tal e seguir cooperando com a humanidade também por meio das IAAs, desde que sejam respeitados e tenham seu bem-estar e saúde garantidos. As autoras enfatizam que ao aplicarmos o conceito de animais como seres sencientes cujos direitos e dignidade podem ser inseparáveis dos nossos, então os princípios éticos de autonomia, beneficência, não maleficência e justiça igualmente devem ser aplicados.

Para contextualizar esta questão recorreremos a Federico Zuolo (2017) em seu artigo intitulado: *As relações humano-animal e a ideia de cooperação*. Os estudos de Zuolo convergem com as preocupações dos frankfurtianos. O autor propõe uma taxonomia mínima para as relações humano-animal com base em alguns critérios que se deve levar em conta. Ainda considera que a instrumentalidade perpassa essa relação, mas atribui uma espécie de escala elucidando alguns critérios. Para ele a “cooperação, portanto, é um tipo de relação instrumental não exploradora em que o bem-estar dos animais é cuidado e o tipo de tarefa que lhes é exigida é compatível com sua natureza” (2017, p. 18, tradução nossa). Ao avançar na sua proposta, Zuolo elenca alguns critérios que devem ser levados em conta para considerar se é possível falar em relação cooperativa entre seres humanos e animais, entre os quais

destacamos dois que dialogam com nosso estudo: não deve ser prejudicial ao bem-estar do animal e o objetivo deve ser a produção de um bem externo, não a pura continuação da própria relação. Nesse sentido, Zuolo em sua taxonomia apresenta a relação humano-animal diferenciando exploração, uso e cooperação.

Na exploração, a relação é puramente instrumental e se caracteriza por um profundo desrespeito ao bem-estar do animal e suas características naturais. A categoria uso do animal é caracterizada por uma relação instrumental e é permeada por uma preocupação parcial com o bem-estar animal e as características naturais. Já na cooperação o autor considera a relação instrumental (mais compatível com a natureza do animal) em que a preocupação com o bem-estar dos animais e características naturais está preservada.

Com base no diagnóstico dos frankfurtianos e no avanço dos estudos da Antrozologia acerca da interação e vínculo humano-animal, bem como na taxonomia proposta por Zuolo é plausível concebermos a premissa de que seja viável considerar a cooperação entre duas espécies nas IAAs. No entanto, como bem alerta Zuolo é indispensável a preservação do bem-estar animal e de suas características, o que está alinhado com os conceitos de saúde única e bem-estar único, considerados pilares das IAAs nos últimos anos.

Daí a importância dos *guidelines* internacionais, especialmente o de emprego exclusivo de cães nas IAAs da *AAIL - Animal Assisted Intervention International*²³. Neste documento a organização propõe padrões e normas básicas para o trabalho com cães nas IAAs. Nele, é claramente exposta a importância de advogar em favor do cão, de trabalhar conforme suas condições, da necessidade de prepará-los e da formação humana para atuação. Trazemos um trecho da entrevista para contextualizar estes aspectos.

Eu entendo que realmente é uma evolução histórica, porque se a gente for pensar quando começou no século 17, 18 esse uso dos animais trazendo benefícios a gente estava olhando para o benefício de quem? Dos humanos. Nós não tínhamos nesse olhar dos animais como seres sencientes. O foco era no humano e nós não tínhamos esse entendimento

²³ Organização internacional a qual a autora é membro através de sua empresa Afago & Afeto

dos animais como animais sencientes, a gente ainda tinha de uma forma histórico-religiosa esse lugar de que os animais não sentem. Não tinha este olhar do sujeito para o animal. Então como a gente não tinha historicamente um olhar de sujeito para este animal a gente não se importava historicamente dizendo, para o bem-estar. Vamos pensar que nós não tínhamos nessa época nem o conceito de bem-estar e de estresse para os humanos. Então com a evolução da ciência, a gente tem tanta pesquisa de cognição, que os cães reconhecem nossas emoções, de expressividade de emoções dos próprios cães. É necessário que a gente entenda que este outro sujeito tem um lugar posto dentro das intervenções.

De acordo com os frankfurtianos e Zuolo, parece inevitável uma relação instrumental com os animais. Olhar para esses apontamentos, apesar de doloroso é a chance de promovermos uma reflexão crítica a respeito das condutas e tomada de decisão humana nas IAAs. Mesmo que seja árduo, se faz necessário, para assim evoluirmos e nos tornarmos capazes de pautar as decisões numa razão mais humanitária, a fim de elaborarmos programas de IAAs que beneficiem também os animais. Para dialogar com a proposta de Zuolo a luz do diagnóstico frankfurtiano encontramos em Glenk e Foltin (2021) considerações importantes ao apontar que:

durante a última década, o campo de pesquisa da interação homem-animal tem se caracterizado por um aumento significativo de descobertas científicas. Esses dados contribuíram para nossa compreensão atual de como os humanos podem se beneficiar do contato com animais. No entanto, a experiência animal dessas interações ainda é uma área pouco pesquisada (p. 2, tradução nossa).

Apoiada em Menna, as autoras lembram que a pesquisa em IAAs deve ser baseada nos conceitos de *One-Health*, pois este conceito reconhece que a saúde humana e animal, bem como seu ambiente estão interconectados. Este é o ponto que ancora eticamente as IAAs, ou seja, deve gerar valor a todos os envolvidos. Por isso, a importância de se distanciar da categoria uso do animal como Zuolo (2017) considerou em sua taxionomia e se aproximar da cooperação. Assim, compreender que as IAAs são permeadas, também, pela intencionalidade e não unicamente pelo desejo de ajudar humanos possa de fato fazer diferença. Unindo o desejo de apoiar o outro e conhecimento podemos nos aproximar da relação cooperativa com os cães.

Se não pensarmos no cão e no ambiente que introduzimos o animal o risco de cair no uso do animal parece ser alto. Ao passo que, para a cooperação ser possível, o humano precisa conhecer sobre o animal, seu comportamento, comunicação e necessidades enquanto espécie. A entrevistada colabora com esta reflexão levantando questões importantes de serem feitas diante da decisão de trabalhar com cães:

Então, a primeira coisa é a estrutura definida do processo pedagógico. No meu caso eu sempre trabalhei de forma assistida. Eu me formei para trabalhar de forma assistida, eu só trabalhei de forma assistida e para mim sempre que eu pensava em educação era educação assistida por animais utilizando os cães. Uma vez que eu decidi o formato, eu preciso olhar para esta minha companhia de trabalho que é o cão. Este cão também precisa ser contemplado neste formato. O formato que eu estou propondo conversa com este sujeito em suas habilidades? Ele está preparado? Foi como você disse e eu falei que nós nos formamos juntas, porque foi exatamente isso. Zoah passou um longo processo para ficar preparada para ser introduzida na educação assistida por animais com cães. Essa introdução dela foi muito homeopática.

Da mesma forma, o imediatismo deve manter distância, uma vez que, o cão não é salvador, não é tratamento e não é a educação em si. A respeito da contextualização acerca da compreensão da utilização do cão nas IAAs encontramos em Herman (2009) um apontamento consistente. A autora enfatiza que “a reação do homem fica presa à natureza impulsiva, e surge a revolta da natureza contra a natureza (o problema ecológico é uma dessas consequências, no âmbito da natureza, e a doença psíquica, no âmbito do indivíduo)” (p. 70). O foco inicial das IAAs esteve mais conectado à compreensão dos benefícios que a interação com animais em sessões de IAAs traria para o humano.

No entanto, o conhecimento por meio de pesquisas na área tem avançado nos últimos anos e contribuído para uma evolução na área, demonstrando a necessidade do cuidado e respeito com os animais no âmbito das IAAs. Dessa forma, atualmente temos como um dos pilares fundamentais para a atuação a garantia do bem-estar único, ou seja, em um programa de IAAs, entre outros aspectos também importantes,

o bem-estar de todos os envolvidos (isto inclui o animal) deve ser garantido pelo humano responsável. Este avanço se distancia de uma proposta instrumental da compreensão da utilização do animal e avança para uma proposta mais humanitária, permeada pela ideia de cooperação humano-animal. Nesse sentido, o caráter instrumental perde intensidade.

Se já sabemos que a humanidade esclarecida faz uso da razão instrumental, conforme Zuolo (2017) nos orienta, a instrumentalização perpassa a relação humano-animal, cabe ao humano apropriar-se deste conhecimento. Olhar para dentro de si no sentido de tomar consciência da relação homem-natureza que poderá repercutir nas IAAs.

Propomos anteriormente, uma compreensão didática para o papel do cão nas sessões de IAAs, como recurso incremental, pois ainda precisamos avançar em relação ao entendimento da função do cão. Encontramos na literatura proposta que consideram o cão como facilitador e mediador do processo. De fato, a prática também nos demonstra isso. Porém, entender didaticamente a função do cão pode colaborar com a mitigação da lógica individualista e imediatista que por vezes opera nas IAAs. É também na esteira desse pensamento que entendemos as IAAs como uma prática possível para o despertar de uma razão mais humanitária e menos instrumental. Em momento anterior já justificamos os motivos pelos quais alinhamos as reflexões do estudo exclusivamente para os cães e não para outras espécies. No entanto, é possível que a reflexão proposta seja ampliada à outra espécie utilizada nas IAAs, porém esse não é nosso foco para o estudo. Ressaltamos, então que um dos princípios das IAAs é o conhecimento sobre a espécie a ser utilizada como parceiro de trabalho.

A *Dialética do Esclarecimento* é caracterizada pelo pensamento crítico e reflexivo a respeito da sociedade moderna. Ela enfatiza o empobrecimento do pensamento e a errônea utilização do conhecimento como instrumento de um progresso útil apenas para alguns. Nesse sentido, é possível que nosso estudo se movimente na direção da proposta inicial de Horkheimer em relação a concepção da Teoria Crítica, quando desejou incluir a Teoria Tradicional na Teoria Crítica. Neste sentido, o avanço do conhecimento acerca da interação humano-animal torna-se cada vez mais necessário.

Assim, “beber nessa fonte” poderá permitir programas de IAA capazes de auxiliar no respeito ao outro, a outra espécie, ou como diriam os frankfurtianos, à

natureza. Neste caso, o saber racional a respeito da interação respeitosa entre homens e cães nos conduz ao distanciamento da razão instrumental. Mas porque levantamos esta hipótese? Porque o conhecimento sobre a espécie a ser introduzida nas IAAs, ou seja, sua natureza, suas necessidades enquanto espécie assim como a forma de comunicação são indispensáveis para a atuação ética e segura nas IAAs. Na perspectiva frankfurtiana, seria então a IAA uma possibilidade de reaproximação do homem com a natureza?

Herman (2009) considera que o diagnóstico feito por Adorno e Horkheimer foi rigoroso, coerente e articulado com seus pressupostos. Ela aponta que devemos ter em mente os limites da razão e os riscos do empobrecimento da experiência, mas que isso não deve impedir novas interpretações ao nos depararmos com as ambivalências da modernidade. Ela faz este apontamento referindo-se a produtos como filmes que possam produzir novas experiências estéticas com potencial de ampliar nossa relação com o mundo. Portanto, encontramos em Herman (2009) o argumento para a utilização das ideias de Adorno e Horkheimer, especialmente na sua preocupação com a relação homem-animal na *Dialética do Esclarecimento*, como lentes para ampliar nosso olhar filosófico a respeito das IAAs. Aqui podemos encontrar um certo equilíbrio entre pensar as IAAs e atuar nas IAAs, pois pensá-la deve preceder a atuação.

É possível que justamente aqui esteja nosso ponto nevrálgico no campo das IAAs, uma vez que a história foi sendo concebida através das observações da interação humano-animal, inicialmente pelo acaso e posteriormente com certa intencionalidade. Porém, o olhar esteve mais voltado ao benefício humano em alguma medida e o conhecimento em relação ao animal negligenciado. Fato que, como apontamos, começou a ser equacionado nas pesquisas mais recentes. Sendo assim, as pesquisas recentes estão promovendo um ponto de virada nessa questão e por isso tornam-se aliadas no processo do pensar as IAAs. Como mencionado anteriormente, as perspectivas atuais sobre os animais de IAA estão evoluindo e não devem ser percebidos, muito menos tratados como inferiores aos humanos.

Vale lembrar que a obra de Adorno e Horkheimer é um diagnóstico do pós-guerra e que eles viveram os impactos do seu tempo. Dessa forma, suas observações acerca da humanidade e dos contextos sociais são oriundas do combate ao processo de racionalização, cuja intensidade ocorreu com o Iluminismo. Embasados nestas

características é que levantamos a hipótese da *Dialética do Esclarecimento* como lente das IAAs.

Percebemos durante o transcurso do trabalho dos autores que a unilateralidade e a instrumentalidade da razão deveriam ser descartadas, uma vez que a prevalência humana em detrimento dos animais deve ser equalizada. Sempre é bom lembrar que somos animais humanos que coabitam o mesmo território que os animais não humanos. Portanto, justificamos novamente que a *Dialética do Esclarecimento* com sua representação de transformações constantes da sociedade pode facilitar a compreensão das IAAs em seus atributos filosóficos. O conhecimento adquirido até o momento por meio da Etologia e da Antrozologia nos favorece equalizar a utilização dos cães de forma respeitosa e ética nas IAAs, olhando-os sob a ótica da cooperação para contribuir com o desenvolvimento biopsicossocial humano. Se então, a garantia de interações respeitadas e seguras na atuação levando em conta suas características naturais teremos a oportunidade de vivenciar uma relação humano-animal cooperativa.

Adorno e Horkheimer foram incansáveis em seus postulados sobre a relação do homem com a natureza. É no rastro destes que enfatizamos o conflito do homem com a natureza, que culminou na dominação da própria natureza pelo homem e por conseguinte na dominação do homem pelo homem. Compreender os apontamentos dos autores em relação ao domínio da natureza é indispensável para entendermos o percurso da civilização ocidental. Na principal obra dos filósofos é evidente a crítica contundente ao esclarecimento. A centralidade da tese está na análise crítica sobre o caminho do estágio do mito para o do esclarecimento resultando na dominação e na barbárie. A esta passagem da humanidade, os filósofos consideram a falha do esclarecimento que tinha como missão livrar os homens de sua minoridade, portanto, para os pensadores frankfurtianos:

a credulidade, a aversão à dúvida, a temeridade no responder, o vangloriar-se com o saber, a timidez no contradizer, o agir por interesse, a preguiça nas investigações pessoais, o fetichismo verbal, o deter-se em conhecimentos parciais: isto e coisas semelhantes impediram um casamento feliz do entendimento humano com a natureza das coisas e o acasalaram, em vez disso, a conceitos vãos e experimentos erráticos; o fruto e a posteridade de tão gloriosa união pode-se facilmente imaginar. (ADORNO; HORKHEIMER, 2010, P.17).

Ao apontarem os objetivos do programa do esclarecimento como desencantamento do mundo criticam as referências de Francis Bacon, pois o reconhecem como sendo o “arauto da racionalidade científica moderna” (DUARTE, 2009, p. 17). Na concepção dos críticos frankfurtianos, Bacon não teria outro objetivo senão o método e o aproveitamento do trabalho de outros, o capital. O desencantamento do mundo pressupõe a destruição do animismo, pois no percurso para a ciência moderna os homens abdicaram do sentido, a fórmula tomou espaço, assim como a regra e a probabilidade. Ao longo do caminho, relações importantes dos seres humanos com o mundo se esvaíram, por isso o antropomorfismo era um empecilho importante para o desenvolvimento científico. Por consequência, os frankfurtianos alertam:

que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos. (ADORNO; HORKHEIMER, 2021, p. 18).

Para Adorno e Horkheimer o mito já era produto do esclarecimento e, portanto, o relacionamento da ciência com a mitologia não seria como defendia o positivismo científico, ou seja, passível de uma disjunção absoluta de acordo com Duarte (2009). O autor segue ainda discutindo que isso não quer dizer a igualdade entre ambos, mito e ciência, mas considera que a separação não é tão irrestrita assim. Os filósofos chamaram à atenção para as diferenças fundamentais entre magia e ciência. Enquanto no primeiro acontece uma aproximação com o objeto via mimesis, na ciência é o oposto, há um distanciamento progressivo em relação ao objeto. Este distanciamento os frankfurtianos consideram uma forma de alienação. Logo, a noção de esclarecimento adotada por Adorno e Horkheimer é ampliada ao incluir a compreensão de esclarecimento não só como um movimento intelectual europeu do século XVIII, mas também como um processo que caracteriza a civilização ocidental desde os primórdios com especial ênfase na mitologia grega.

Para os intelectuais frankfurtianos da primeira geração, na mitologia grega já existia “um impulso de organizar o mundo semelhante ao que se encontrará na ciência” (DUARTE, 2009, p.15). Para eles, então o próprio mito já era produto do esclarecimento não podendo considerar a relação entre ciência e mitologia de forma

radicalmente desmembrada como a proposta do positivismo científico. Eles entendiam o mito como uma “protoforma” de esclarecimento com o objetivo da autoconservação da espécie não significando igualar os mitos à ciência, mas considerar que a separação entre eles não é tão absoluta como a ideologia científica, conforme aponta Duarte (2009).

Em recente entrevista²⁴ de James Serpell encontramos um diálogo possível com os ensinamentos da *Dialética do Esclarecimento*, especialmente quando os frankfurtianos sublinharam a desqualificação do animismo diante do avanço da racionalidade, bem como a respeito do antropomorfismo. Uma das questões feitas pelas entrevistadoras Suzana Costa e Ivana Teixeira foi relacionada a possibilidade de existência de conexões entre a TAA - Terapia Assistida por Animais²⁵ com ideias animistas e de projeções antropomórficas. Questão de interesse ao nosso estudo e, portanto, relatadas aqui. A resposta de Serpell (2010) atualiza, em alguma medida, as preocupações dos frankfurtianos. Ele contextualiza que a conexão entre TAA e animismo se dá justamente através do antropomorfismo, visto que historicamente

a crença animista em “espíritos” animais capazes de nos ferir ou nos curar é consequência da ideia antropomórfica de que os animais, como os humanos, possuem almas “pensantes” que sobrevivem após a morte”. A influência positiva da TAA surge da ideia antropomórfica de que os animais de terapia nos amam e se preocupam conosco, independentemente de quem somos ou de nossa aparência. Não há nenhuma “substância invisível” além da crença em uma conexão emocional entre nós e eles, e os profundos efeitos psicológicos e fisiológicos que essas interações podem ter em nossa saúde e bem-estar (p. 556).

Para contextualizar a resposta descrevemos a conceituação de Serpell (2003, p.83) sobre antropomorfismo como “atribuição de estados mentais humanos (pensamentos, sentimentos, motivações e crenças) a animais não humanos”. Cabe a explicitação do conceito uma vez que, atualmente há um juízo de valor em torno deste tema como Diaz Videla (2021) aponta:

A su vez, el antropomorfismo es frecuentemente equiparado al maltrato animal. Claro que existen conductas que los humanos realizan como afeitarse los bigotes o teñirle el pelo a perros y gatos que implican cierto daño. Sin

²⁴ Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/14582>>. Acesso em 15 de julho de 2022.

²⁵ TAA é uma das modalidades das Intervenções Assistidas por Animais.

embargo, otras conductas, como llevar al animal en brazos o no permitirle caminar en el barro para no ensuciar la casa, no es tan claro qué daño infringen, aunque podemos suponer que implican restricciones a conductas que el animal quisiera desempeñar. Finalmente, conductas como pensar al perro como un hijo, hacerle una cuenta en redes sociales y darle un presente en navidad no parecen ligarse con ningún perjuicio hacia el animal. Aun así, todas estas conductas reciben la misma etiqueta de humanización y se las juzga de manera similar. (p. 282)

Em nota de rodapé no mesmo artigo em que Serpell (2003) versa sobre o antropomorfismo o pesquisador alerta que há mais de uma definição de antropomorfismo na literatura. Apoia-se em Lehman (1987) para ensinar que tais distinções são importantes devido a suposição simplificada de que o antropomorfismo é errado ou equivocado. Nesse sentido, comungamos com o ensinamento de Serpell também ao direcionar a reflexão ao conceito em si que está discutindo e não reduzir a julgamento de valor. Cabe também registrar que Diaz Videla (2021) embasa seus apontamentos em evidências de pesquisas existentes até o momento. Justamente por isso, ambos alertam para o cuidado com juízos de valores em relação ao tema do antropomorfismo. Dessa forma, o antropomorfismo pode ser visto como uma habilidade mental complexa, a qual teve importância em nossa evolução.

Outra questão feita pelas entrevistadoras e que auxilia este estudo é a respeito da participação de animais em TAA. Se a relação humano-não humano poderia restaurar a conexão dos humanos com a natureza. Serpell (2010) considera que é possível em algumas circunstâncias e nomeia isto de *animal ambassador effect*²⁶ e tece o seguinte comentário:

a noção de que laços sociais e emocionais positivos com alguns animais individuais podem ajudar a gerar atitudes mais empáticas em relação aos animais em geral e até mesmo ao ambiente natural em que outros animais vivem. Temos evidências, por exemplo, de que pessoas que foram criadas com animais de companhia na infância tendem a desenvolver atitudes mais empáticas com os animais e a natureza quando adultos. É possível que algo semelhante aconteça no contexto da TAA (p.556).

A consideração de Serpell (2010) fortalece a saída proposta pelos frankfurtianos a respeito da rememoração da natureza no sujeito. Adorno e Horkheimer orientaram, mesmo que não profundamente a necessidade de uma

²⁶ Efeito do animal embaixador.

reconciliação com a natureza. Evidentemente, esta reconciliação conforme existiu na mitologia não será possível. A história está dada e como ensinam os frankfurtianos, com ela podemos aprender desde que o pensamento crítico seja desenvolvido e com isso propor e promover um vir a ser. É neste movimento que consideramos viável à reflexão sobre o cão como representante da natureza e as IAAs como possibilidade de rememoração com ela conforme a orientação dos filósofos.

Para Tiburi e Duarte (2009) a dialética é tratada como o pensamento que elabora a tensão entre o peso do passado e a invenção atenta do devir. Na apresentação da obra *Seis Leituras sobre a Dialética do Esclarecimento* esses mesmos autores lembram que os frankfurtianos Adorno e Horkheimer consideraram a reunião dos textos na referida obra com objetivo de tensão entre duas visões intelectuais. Ainda lembram que

Os autores reconhecem o elemento documentário do livro na esperança de que tantos anos após sua primeira publicação ele ainda possa mostrar alguma validade. Nós que o comentamos hoje ainda o temos em mente. Os mais de 50 anos que nos separam do livro nos obrigam a recobrar o tópico da validade do que ali foi exposto sob a luz de uma distância que não cessa de apresentar elementos para a construção da crítica e que, ao mesmo tempo, já define o caráter de um livro que pode ser considerado um clássico do século 20 (TIBURI; DUARTE, 2009, p.9).

Duarte (2009) ainda nos auxilia lembrando que a *Dialética do Esclarecimento* não se encontra unicamente numa “lógica da consequência e antinomia” (p. 25). Há alternativas segundo Adorno e Horkheimer para uma possível saída além da escolha entre submeter-se à natureza ou a submetê-la a si. A principal delas e talvez a única segundo o autor é o que os filósofos chamam de “rememoração da natureza no sujeito” (p.25). Para tanto, há de se enfrentar um processo de reflexão da subjetividade submetida ao esclarecimento. Essa consideração, apesar de não ter sido valorosamente discutida pelos frankfurtianos nos interessa e representa a possibilidade de uma atitude filosófica nas IAAs. Ainda se, como Tiburi e Duarte (2009) argumentaram, designando que há a possibilidade de extrair elementos da *Dialética do Esclarecimento* para leituras de contextos atuais, em decorrência do caráter clássico da obra, poderíamos pensar que quando falamos de IAA sob o olhar filosófico frankfurtiano estamos falando de uma relação esclarecida do homem com a natureza.

Valer-se da IAA em qualquer ambiente laboral pode ser uma via possível de ressignificar à relação perturbada do homem com a natureza diagnosticada por

Adorno e Horkheimer. Visto que, ela se beneficia da interação homem-animal. Neste sentido, é possível encontrar na IAA, mesmo que atravessada pela instrumentalidade instaurada na humanidade uma relação permeada por uma razão mais humanitária que eminentemente instrumental. A seguir adentraremos as preocupações dos frankfurtianos com a relação do homem e o animal.

3.2 O HOMEM E O ANIMAL AOS OLHOS DE ADORNO E HORKHEIMER

Para finalizar o objetivo proposto a este capítulo adentraremos na discussão sobre o aforismo O Homem e o animal que consta no final da *Dialética do Esclarecimento*, o mais extenso deles. A preocupação com os animais é tema recorrente ao longo da *Dialética do Esclarecimento*²⁷. Porém, de forma mais delimitada no aforismo em questão. Todavia, Wiggerhaus (2001) diz que na interpretação filosófica de Adorno estava integrada a concepção do desenvolvimento da espécie humana no espectro da civilização ocidental. A passagem a seguir nos auxilia a compreender e revela a filosofia de Adorno e Horkheimer em relação ao tratamento com o animal.

Poderia resumir-se assim: no começo, os homens defrontavam-se com uma natureza de uma força esmagadora. Com o correr do tempo, foram aprendendo a se tornar, por seu lado, mais fortes do que ela, a dominá-la. Tinha-se a impressão de que eles percebiam cada vez menos a natureza como um ser animado por forças superiores, autônomas e imprevisíveis, e cada vez mais como um ser que obedecia a leis de que eles podiam se servir fazendo um uso hábil dessas leis. Os homens fizeram da submissão da natureza seu objetivo supremo, como se ficassem hipnotizados por seu antigo medo diante da natureza toda-poderosa. Em vez de destruir a força tremenda da natureza, eles a deixaram intacta no fundo de si mesmos. Não conseguiram, sobre a base de uma natureza despojada de sua força, respeitar sem temer o que eles se esforçavam conscientemente por dominar — respeitar o que havia retirado de si e com eles o órgão potencial de seu abrandamento. (WIGGERHAUS, p. 332)

Os frankfurtianos iniciam o aforismo de forma contundente ao expressarem que a ideia de homem na história europeia se faz por sua diferenciação do animal. Daí a significativa frase: “a ausência da razão no animal prova a dignidade do homem”

²⁷ Os autores utilizam a palavra animal 54 vezes ao longo da obra.

(2021, p. 201). De tanto ser disseminada como apontam os filósofos passou a ser patrimônio da antropologia ocidental. Em seguida, cumprindo o escopo de suas críticas ao projeto do Esclarecimento registram uma severa crítica aos behavioristas quando constatam que

a conclusão que tiram dos corpos mutilados dos animais não se ajusta ao animal em liberdade, mas ao homem atual. Ele prova, ao violentar o animal, que ele e só ele em toda a criação funciona voluntariamente de maneira tão mecânica, cega e automática como as convulsões da vítima encadeada, das quais utiliza o especialista. (p. 201)

Inquietos pelo esvaziamento da capacidade crítica do sujeito contemporâneo os frankfurtianos abordam os meios pelos quais a ciência se desenvolve, questionando-os, principalmente a ciência fundamentada pelos princípios do positivismo e do cientificismo. Esta é uma visão mutilada da atual civilização. Ao objetivar as coisas, o positivismo acaba por reduzir a realidade, empobrecer suas múltiplas dimensões, passando a valorizar apenas aquilo que é quantificável. Como consequência disso, ao invés de enxergar o universal, ou seja, a capacidade abstrata do sujeito, passa a ver apenas o que é particular do sujeito. Ao universalizar o abstrato, passamos a considerar o particular secundário. Neste sentido, a razão diminui de importância, pois o universal nasce na irracionalidade.

Sobre este ponto, em que pese a devida proporção negligenciar o bem-estar animal nos programas de IAA, isso possa ser herança deste tempo de esclarecimento que culminou na dominação da natureza e num funcionamento mecânico, como descortinaram Adorno e Horkheimer (2021). Asseveram ainda os autores que “para o ser racional, porém, a solicitude pelo animal desprovido de razão é uma vã ocupação” (p. 203). A ideia já abordada em outro momento, de levar o cão mansinho para ajudar o outro, portanto parece desqualificar as necessidades do animal, colocando-o como cumpridor de um desejo humano apenas. As IAAs não se restringem a isso, pelo contrário cada uma de suas modalidades de atuação, seja a Terapia, Educação ou Atividade Assistida por Animais tem objetivos claros e a premissa inegociável de garantia do bem-estar único. Não por acaso a justificativa ética para a implementação de programas de IAA é a saúde-única, pois este conceito interconecta a saúde e o bem-estar de humanos e animais. Portanto, ao declará-los como pilares das IAAs nos *guidelines*, as organizações que norteiam a prática no mundo orientam o afastamento de uma instrumentalidade pura e asseguram práticas mais humanitárias. Este

movimento, ainda que recente, configura um marco importante para a área e, portanto, deve ser amplamente anunciado e corroborado.

Nossa intenção segue o rastro dos frankfurtianos quando mencionaram no prefácio²⁸ da *Dialética do Esclarecimento* “o que nos propuséramos era, de facto, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (p.11) Pois, ao recorrer aos seus ensinamentos procuramos uma compreensão filosófica para as dificuldades atuais no campo das IAAs. Uma vez, que eles apontam a importância para o despertar de um comportamento crítico. Por conseguinte, o que seria estado verdadeiramente humano para os frankfurtianos? Talvez, um viés possível de ser analisado para essa pergunta é a passagem em que tratam sobre o castigo que é estar encantado no corpo de um animal como equivalente a uma condenação. Seria o caminho contrário, uma via para alcançar nossa humanidade perdida nas agruras do programa do esclarecimento? Dizem Adorno e Horkheimer (2021):

Na alma do animal já estão plantados os diferentes sentimentos e necessidades do homem e, inclusive, os elementos do espírito, sem o apoio que só a razão organizadora confere. Os melhores dias fluem numa mudança contínua como um sonho, que o animal, aliás, mas pode distinguir da vigília. Falta-lhe uma transição clara do jogo para a seriedade, do despertar feliz do pesadelo para a realidade (p. 203).

Por consequência da dominação da natureza passamos a dominar a nós mesmos e recaímos num arcabouço ensimesmado. Para Adorno e Horkheimer os animais passam a ser desqualificados com o advento do esclarecimento. A autonomização da razão instrumental, como apontou Freitag (1990), decretou uma hierarquia que emana a exploração, a qual esclarecemos ao apresentar a taxonomia da relação humano-animal proposta por Zuolo (2017). Aniquila-se de vez o animismo como bem apontaram os filósofos da primeira geração da Escola de Frankfurt. O homem passa a ocupar um lugar de supremacia frente a outros animais, torna-se senhor. A tentativa constante de dominação da natureza então acaba por relegar o próprio homem à dominação de si mesmo. Esta trajetória cumpriu o papel mais depreciativo da humanidade (se é possível recorrer a uma só característica para

²⁸ 20ª edição.

tamanha atrocidade) ao eclodir em guerras, no nazismo, totalitarismo, na barbárie instalada.

Quando nos voltamos aos fatos históricos e buscamos o homem na sua face mais primitiva, ou seja, iniciando sua jornada de desenvolvimento e evolução, identificamos a natureza como pano de fundo neste percurso. Portanto, relacionar-se com ela é parte do cotidiano humano desde os primórdios, seja para suprir necessidades mais imediatas (fome, abrigo, entre outros), seja para interação com os animais. No que diz respeito à interação com os animais, ela surge da necessidade de busca pelo alimento, sendo o instinto de caçar, provavelmente, o primeiro a emergir. Na sequência, a necessidade de locomover-se devido à escassez de alimento, ou fugir das intempéries acontece a partir da utilização dos animais como meio de transporte, e por fim, a interação voltada para domesticação. É a partir da necessidade de locomoção que um importante acontecimento ganha destaque, a possibilidade de reunião do homem em comunidade ou pequenas sociedades. Porém, o convívio em comunidade começa a afastar o homem da natureza. A ingenuidade outrora observada na relação com o que é natural perde significado, assim como a contemplação da natureza. Diaz Videla (2021) dialoga com autores referência no campo da interação humano-animal e nos brinda com a seguinte análise que fortalece as preocupações dos frankfurtianos, ao dizer que:

Este abismo entre animal y humano no es simplemente un producto de vanidad humana, sino más bien una construcción práctica designada para permitir a las personas explotar conscientemente a los animales, al ponerlos más allá de los límites de la preocupación moral (Singer, 1985, 2003). En contraste con los primitivos cazadores y recolectores —a quienes se les atribuye un profundo respeto por todo el mundo natural—, los granjeros y pastores no habrían tenido más opciones que oponerse a la naturaleza. Por eso, el cambio medieval en las actitudes hacia los animales puede ser interpretado como una respuesta necesaria y adaptativa frente a la presión económica y ecológica que representó el incremento de población, las crecientes necesidades de alimento y de eliminar la competencia con otras especies. El sistema entero dependía de la subyugación de la naturaleza, y del dominio y manipulación de plantas y animales (Ingold, 1994; Serpell, 1996). Y, pese al cambio actitudinal, en la actualidad, continúa haciéndolo (p.289).

O comportamento animal passa a ser execrado pelos seres humanos, pois os animais são colocados a margem destas comunidades e seu comportamento passa a ser motivo de repúdio pelos humanos, principalmente pela ausência de razão. Seguindo o curso do tempo, a necessidade de dominação da natureza pelo homem

intensifica-se. É provável que esta atitude tenha a ver com aspectos biológicos que dizem respeito à racionalidade, pois ser humano é ser racional, em contrapartida ser animal é ser irracional. Diante deste contexto Adorno e Horkheimer (2021), dizem que “quando a dominação da natureza é o verdadeiro objectivo, a inferioridade biológica será sempre o estigma por excelência, e a fraqueza impressa pela natureza a marca incitando à violência” (p.117). Poder-se-ia interpretar que violentar alguém incapaz de compreender, como é o caso dos animais, é escolher caminhar na direção da dominação, iniciativa própria da evolução humana que escolheu, ao longo do seu percurso evolutivo, distanciar-se de tudo onde há ausência da razão, conforme o olhar dos frankfurtianos. Para os intelectuais, na história europeia a ideia de homem é pautada pela maneira pelo qual ele se distingue do animal, portanto a ausência da razão no animal provaria a dignidade humana.

O desenvolvimento da ciência é parte importante do processo de evolução humana, pois é a partir do advento do método científico que uma revolução se inicia. No centro dela, a ideia de dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. De acordo com os filósofos o intento era “livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (ADORNO; HORKHEIMER, 2021, p.5). Diante desta nova realidade, o homem distancia-se cada vez mais da natureza. O mundo animal, segundo os frankfurtianos “é um mundo sem conceito. Nele nenhuma palavra existe para fixar o idêntico no fluxo dos fenômenos, a mesma espécie na variação dos exemplos, a mesma coisa na diversidade das situações” (p.116). Tudo o que lembra o contexto animal é reprimido e subjugado pelo homem, encontrando eco para este comportamento nas palavras de Descartes “penso, logo existo”, onde acrescentamos e o que resta serve a mim, inclusive os animais.

Como possibilidade de resgate da “antiga nostalgia pelas formas inferiores de vida” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 86) e tentativa de uma nova perspectiva para a relação do homem com o mundo animal é que propomos a IAA em ambiente escolar como possibilidade de educação contra a barbárie. Quem sabe este possa ser um caminho possível de mudança para esta relação. Neste sentido, a educação e seus

processos com o apoio do cão²⁹ como representante da natureza seriam a ponte para colaborar com a reaproximação do homem com a natureza.

A formação que por fim conduziria a autonomia dos homens precisa levar em conta as condições a que se encontram subordinadas a produção e a reprodução da vida humana em sociedade e na relação com a natureza. O esclarecimento surge do medo das forças da natureza, do qual uma humanidade esclarecida estaria livre. Nessa trilha, sai-se da imaginação como forma de conceber a verdade da natureza para a ideia de segurança do método como o poder sobre a verdade. “Porque no mundo do esclarecimento tudo vale de acordo com a sua utilidade: o resultado ou a verdade do esclarecimento é o “mundo das utilidades”, como lembra (DUARTE, 2009, p. 31)

De passo a passo, na trilha acima mencionada chega-se ao tema da reificação, apresentado pelos autores por meio da leitura de uma situação social, ao considerarem a relevância em seu empreendimento de descobrir por que a humanidade está se afundando em uma nova espécie de barbárie. A reificação ocorre por meio do método para dominar a natureza, distanciando o homem da essência da natureza e da sua própria essência. Olha-se para o outro atravessando-o com a própria reificação, assim como assinala Adorno (1985, p. 38): “A dominação da natureza volta-se contra o próprio sujeito pensante; nada sobra dele senão esse eu penso eternamente igual que tem que poder acompanhar todas as minhas representações. Sujeito e objecto tornam-se ambos nulos” (ADORNO; HORKHEIMER, 2021, p.15).

No final do aforismo Adorno e Horkheimer mencionam a rememoração da natureza (*Eingengenken der Natur in subjekt*). Na tradução da 20ª edição a palavra em português utilizada foi recordação. Os autores apontam que o perigo para a prática dominante seria justamente o fato de recordar a natureza. À medida que nos reconciliamos com ela poderia então fazer-nos sentir parte dela? E com isso partirmos em direção à razão emancipatória atrofiada pelo projeto do esclarecimento?

²⁹ Foi desenvolvida a proposta didática para a compreensão da função do cão como recurso incremental nas IAAs. É fundamental que tal proposta seja entendida em seu âmbito, qual seja: contribuir para a compreensão da função do cão a fim de colaborar com a garantia do seu bem-estar, especialmente em programas de IAA em ambiente escolar. Visto que, percebemos certo desconhecimento quanto a esse aspecto. Reiteramos que as Intervenções Assistidas por Animais com cães são de responsabilidade humana e promovidas por uma dupla composta por humano-cão.

Aos olhos dos filósofos da primeira geração da Escola de Frankfurt, a IAA seria uma relação esclarecida do homem com a natureza. Logo, pensar em programas de IAA em ambiente escolar poderia colaborar com a ressignificação da relação perturbada do homem com a natureza diagnosticada por Adorno e Horkheimer, visto que ela se beneficia da interação homem-animal? Com isso, parece viável promover uma razão mais humanitária que instrumental por meio de programas de IAA na escola?

O capítulo a seguir abordará a preocupação de Theodor Adorno para que Auschwitz não se repita, tendo como base seus textos na obra *Educação e Emancipação*. Na sequência também discutiremos a proposta da IAA em ambiente escolar como perspectiva para a educação contra a barbárie, discutiremos possibilidades e limitações e apresentaremos os saberes interacionais.

4. PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA A EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE

4.1 A INTERVENÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS EM AMBIENTE ESCOLAR COMO ADJUVANTE À EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE

Nossa proposta para o presente capítulo está dividida em três partes: a primeira versará sobre as preocupações e orientações de Adorno em relação a Educação contra a barbárie contidas em sua obra *Educação e Emancipação* em diálogo com Sonia Kramer. Posteriormente, apresentaremos a IAA em ambiente escolar tendo como base a alegoria *Alethéia* e os saberes interacionais. Neste entrelaçamento apresentaremos perspectivas e limitações para a implementação de programas de IAA na escola. Para tanto, utilizamos trechos da entrevista concedida pela Pedagoga e especialista em IAA Andrea Lorenzon Petenucci à esta tese, transcrita na íntegra em anexo. Embasaremos nossa discussão na revisão de literatura do campo da IAA em ambiente escolar realizada por Correa Duque et.al (2019) e na experiência de mais de uma década de atuação em IAA em múltiplos ambientes da entrevistada, especialmente por sua vasta atuação em ambiente escolar.

Em meio a tantos ensinamentos contundentes de Theodor W. Adorno talvez suas orientações para que Auschwitz não se repita seja o mais importante balizador para o desenvolvimento de pensamentos, reflexões e comportamentos mais atentos ao outro, seja em esferas particulares como relações pessoais ou profissionais, entre animais humanos e não-humanos. Seja em ambientes permeados por formas variadas de relacionar-se como o escolar, as quais são advindas da individualidade de cada sujeito que passa a conviver com a coletividade. A Educação contra a barbárie torna-se a questão mais urgente da educação como o próprio Adorno (1995, p.155) aponta no excerto a seguir transcrito

Hoje em dia, o problema que se impõe nesta medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo de decisivo em relação à barbárie. Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização - e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade

primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza.

As reflexões de Adorno concernentes à educação são permeadas pela preocupação constante com a repetição das atrocidades de Auschwitz, daí sua orientação quanto à educação contra a barbárie. O Holocausto habita no horizonte de Adorno ao elaborar suas críticas à sociedade vigente de sua época. No centro de suas preocupações vemos como propósito a educação contra a violência. Adorno toma a vivência história de sua época para tecer críticas então, aos acontecimentos e desenvolver análises sobre o clima cultural da sociedade. Neste espectro de análise, o filósofo encaminha seus interesses para a elevação da razão emancipatória.

A perspectiva adorniana de educação é, simultaneamente, evitar a barbárie e buscar a emancipação humana, questionando a educação autoritária e anunciando novas perspectivas para a educação. Em *Educação após Auschwitz*, Adorno (1995) manifesta as providências que considera necessárias quanto aos esforços formativos após a brutalidade de Auschwitz. O autor considera Auschwitz a regressão à barbárie, a qual manter-se-á ativa enquanto existirem condições que permitam a sua persistência na humanidade e pela humanidade. No texto *Educação contra a Barbárie* Adorno (1995), assim define barbárie:

Suspeito que a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto, a identificação com a erupção da violência física. Por outro lado, em circunstâncias em que a violência conduz inclusive a situações bem constrangedoras em contextos transparentes para a geração de condições humanas mais dignas, a violência não pode sem mais nem menos ser condenada como barbárie (p. 159).

O filósofo, então, aponta para esta pauta como a mais urgente para a educação contemporânea não compreendendo como até então não mereceu a atenção devida, descortinando que a “monstruosidade não calou fundo nas pessoas” (p.119). Diagnóstico que atribui a presença constante da repetição e discorre sobre a prioritária incumbência de impedir a barbárie, ao referir-se a duas orientações: a atenção especial à educação infantil e a respeito do necessário esclarecimento geral com intuito de promover um “clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição” (p.123). A este clima ele atribuiu uma via possível de tornar consciente de algum modo os motivos causadores do horror.

Do ponto de vista de Trevisan (2014) o diagnóstico de Adorno também pode ser interpretado como “um alerta para um acontecimento que se tornou símbolo da abertura de uma nova era – a do século pós-traumático –, na qual a convivência com catástrofes coletivas se tornou onipresente” (p. 58). Os ensinamentos de Adorno esclarecem que a ideia de barbárie acompanha o homem desde a gênese da civilização ao retomar os postulados freudianos quanto ao princípio civilizatório. Trevisan (2014) colabora com a compreensão dos ensinamentos do frankfurtiano ao lembrar que em *Educação após Auschwitz* o filósofo considera:

que fenômenos como os do holocausto são como a sombra da modernidade que a acompanha passo a passo, porque representa o momento regressivo da dialética da razão, responsável pela vida danificada. Por isso, não seria demais dizer que Auschwitz não é uma figura do passado que nos assombra vez por outra simplesmente, mas é uma alegoria que se repete a cada momento que vivenciamos uma catástrofe coletiva (p. 58).

O alerta de Adorno a respeito da exígua consciência sobre Auschwitz é como uma espécie de sintoma que perdura, ou seja, a repetição de Auschwitz depende do estado de consciência das pessoas. Consta neste alerta a orientação incisiva para a ruptura com as conjunturas que desencadearam Auschwitz. Para ele, os estudos de Freud³⁰ deveriam ter maior alcance, pois como mencionado anteriormente, está documentada a barbárie no princípio da civilização humana. A esta circunstância bárbara da civilização, Adorno propõe, mesmo que estejamos distantes, a constituição da emancipação. O filósofo é incrédulo com a ideia de que milhões de pessoas inocentes assassinadas de forma friamente planejada ser considerada simplesmente como um fenômeno por si só em detrimento do progresso, esclarecimento e humanismo. Considera que apenas a sua ocorrência já denuncia a tendência a qual a sociedade se encontra.

Em contrapartida, a clareza na exposição de Adorno sobre o risco da repetição de Auschwitz embaça ao manifestar as possibilidades de reversão dos pressupostos sociais e políticos que geraram tamanha catástrofe humana. Neste cenário, que ao contrário do que parece ser pessimista é, no entanto, realista, Adorno propõe uma inflexão ao sujeito referindo-se a “psicologia das pessoas que fazem coisas desse

³⁰ Referência especial ao “Mal-estar na cultura” e “Psicologia das massas e análise do eu”.

tipo” (ADORNO, 1995, p.121). Considera que a contraposição a Auschwitz depende então do lado subjetivo. Encontrar os mecanismos que conduzem às pessoas a atos cruéis, desvelá-los para eles próprios pode impedir reincidências. Dessa forma o filósofo considera uma via também possível para o despertar da consciência destes mecanismos através de uma consciência geral. Nas palavras do frankfurtiano:

É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica. Contudo, na medida em que conforme os ensinamentos da Psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância. (1995, p.121)

O imperativo categórico postulado por Adorno de que o impedimento de Auschwitz deve ser inegociável, traduz sua dedicação a orientar a educação para que os esforços sejam direcionados na contramão do mal, da violência. Contudo, o filósofo registra sua despretensão de esboçar um projeto de educação nesses termos, mas acena para a possibilidade de orientar caminhos. Nosso intento aqui segue a postura do frankfurtiano. Não desejamos tratar de soluções, mas de apresentar e refletir sobre uma via possível para contribuir com a indiscutível necessidade de conter a barbárie.

Considera o frankfurtiano que “a reflexão a respeito de como evitar a repetição de Auschwitz é obscurecida pelo fato de precisarmos nos conscientizar desse elemento desesperador, se não quisermos cair presas da retórica idealista” (1995, p.120) Sublinha também, atenção para uma civilização imersa na tecnologia, pois enfatiza que o franco desenvolvimento tecnológico empurra as pessoas para uma relação disfuncional com a civilização. Adorno considera que a sobrevivência da humanidade está alinhada à superação da barbárie, portanto, abordar a barbárie demanda passar pela discussão histórico social e política. Pois, para além do comportamento humano individual, o filósofo explica que há situações com maior potencial de barbárie, como revoluções e adversidades promotoras de crises na economia.

A centralidade das teses adornianas acerca da educação contra a barbárie estão pautadas no imperativo que alude que Auschwitz não se repita, visto que Adorno considera a mais horrível barbárie de todos os tempos. Uma vez que a humanidade convive com a marca de Auschwitz, se faz necessário o questionamento das

condições que desencadeiam a catástrofe, segundo Adorno, o que, nas palavras de Trevisan significa questionar a “frieza e a indiferença do comportamento (com o outro); o caráter manipulador; a necessidade de desbarbarização do campo; e as metas educacionais de uma civilização tecnicista” (TREVISAN, 2014, p. 57).

Adorno critica o projeto iluminista, pois ele se perdeu no caminho e rumou para um projeto totalitário dotado de razão instrumental, a qual reverbera no controle da natureza e do outro, objetificando-os. Da racionalidade instrumental nascem justificativas discursivas para a dominação. Nesta relação perturbada, atrofiada com a natureza, ou seja, eminentemente instrumentalizada passamos a coisificar as relações.

Se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantêm vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito (ADORNO, 1995, p. 134).

A compreensão da barbárie passa, segundo o pensamento de Adorno pelo entendimento das estruturas fundamentais pelas quais se perpetua socialmente. Dois aspectos são mencionados pelo filósofo: o primeiro é a estimulação da competitividade na educação, que se não for devidamente delimitada como consta no diálogo de Adorno com Becker pode desencadear na barbárie. E o segundo, a importância de oferecer modos de se relacionar para as crianças. O curso do pensamento de Becker segue no sentido de considerar a competitividade na educação como um modulador da eficiência, se não balizado como afirmou o diálogo pode contribuir com as dificuldades vistas nas relações.

Ou seja, aspectos subjetivos das relações ficam cada vez mais desqualificados e o outro se esvai diante do seu semelhante. Como alertaram Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento* desenvolvemos uma relação distanciada e, portanto, perturbada com a natureza. Nesse sentido, a natureza deixou de ter seu pertencimento reconhecido na humanidade esclarecida, bem como a humanidade não reconhece seu próprio pertencimento na natureza. À medida que a racionalidade se perdeu nas agruras da instrumentalidade, a humanidade se perdeu na sua condição saudável de relacionar-se.

É no diálogo entre Becker e Adorno, que se encontra o espaço para propormos a IAA em ambiente escolar, ao discutirem acerca da competição como prática

pedagógica para motivar a aprendizagem, pois ambos concordam que é fundamental possibilitar modos de relacionar-se quando discutem acerca da desbarbarização

Nestes termos, creio que uma parte da desbarbarização possa ser alcançada mediante uma transformação da situação escolar numa tematização da relação com as coisas, uma tematização em que o fim da proclamação de valores tem uma função, assim como também a multiplicidade de oferta de coisas, possibilitando ao aluno uma seleção mais ampla e, nesta medida uma melhor escolha de objetos, em vez de subordinação e objetos determinados preestabelecidos, os inevitáveis cânones educacionais. (BECKER, 1995, p.163).

A questão da autoridade também é discutida por Adorno e seu diagnóstico é a necessária renúncia desta, pois a renúncia da autoridade pressupõe a renúncia da barbárie. Nesta perspectiva, encontramos empecilhos para tal proposta, já que a culpabilidade assumiu protagonismos em detrimento de uma ética para a responsabilidade e do compartilhamento, de acordo com Trevisan (2014), quando também alude que é “mais fácil espionar a culpa do que realmente promover uma educação para a autodeterminação do espírito” (p. 59). Interpretando as palavras de Adorno podemos alcançar a dimensão da importância de promovermos relações pautadas pelos valores humanos ao compartilharmos o mundo, os quais abrem caminho para a emancipação.

O elogiado objetivo de “ser duro” de uma tal educação significa indiferença contra a dor em geral. No que, inclusive, nem se diferencia tanto a dor do outro e a dor de si próprio. Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir. Tanto é necessário tornar consciente esse mecanismo quanto se impõe a promoção de uma educação que não premia a dor e a capacidade de suportá-la, como acontecia antigamente. Dito de outro modo: a educação precisa levar a sério o que já de há muito é do conhecimento da filosofia: o medo não deve ser reprimido. Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade exige, então justamente por essa via desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente e reprimido. (ADORNO, 1995, p. 128-129).

Tanto Adorno como Becker apresentam uma importante conclusão quando concordam que enquanto humanos não é possível nos eximir da barbárie, pois convivemos com a culpa do sistema. Então, se lidarmos com essa premissa podemos direcionar esforços para a civilidade e cidadania, consideradas o caminho inverso da barbárie. Na sequência do diálogo ambos abordam a importância de oferecer às crianças formas de se relacionar com as coisas. Ainda apontam que na primeira

infância a criança não pode ser, nem submetida autoritariamente à violência, nem à insegurança total. No sentido das concepções dos adultos e dos pedagogos, poderão formar-se adultos imunes às agressões da barbárie. Percebe-se o espaço mencionado para proporcionar a interação humano-cão de forma segura, ética e planejada como viável por meio de uma IAA. Nesta perspectiva oferecemos às crianças experiências que incluem a relação com um outro que mesmo diferente de si coabita o mesmo espaço. Quem sabe, se diante de uma IAA bem conduzida, respeitando os pilares de bem-estar único possamos oferecer perspectivas relacionais respeitadas e emocionalmente funcionais de relação com a natureza?

Aproximando-se do contexto da realidade atual vemos o alarmante crescimento de situações de violência vivenciados entre os muros da escola. Sendo assim, vários atores diariamente vivenciam situações de crise, são eles docentes, alunos e colaboradores. Temos testemunhado tragédias escolares tanto no Brasil quanto em outros países. A sucessão de eventos trágicos em escolas aponta para recorrência da barbárie que Adorno noticiou em seus escritos.

Tomando Auschwitz como alegoria, tal como Trevisan (2014), parece então estarmos diante da repetição. Em decorrência disso, bem como do cenário violento que os docentes e alunos convivem, nossa contribuição será propor a IAA em ambiente escolar como adjuvante a educação contra a barbárie. Desde já, é fundamental registrar que não se trata de uma proposta de solução para a problemática, mas de uma contribuição pautada por uma proposta interacional, como uma *Alethéia*.

Certamente, não é a introdução de cães na escola que resolverá a questão, longe disso. Mas a possibilidade de através da interação saudável entre animais humanos e não humanos colaborar com o “lado subjetivo” que Adorno considerou importante no empreendimento educacional contra a barbárie. Ao considerarmos uma proposta interacional, estamos atribuindo a esta não só a interação entre crianças e o cão, isto seria não aproveitar as potencialidades de um programa de IAA e uma ideia enganosa de resolução de um problema complexo por uma via simples. A interação é também entre pessoas, pois demanda a participação da escola que receber o programa de IAA, do professor ou professora responsável pela sala de aula e da

equipe de IAA³¹. Neste sentido, identificar saberes interacionais poderá auxiliar. Nos estudos de Trevisan (2000) sobre modernidade e educação o autor lembra que a concepção moderna de educação está atrelada a organização racional do trabalho, as inovações tecnológicas e com uma sociedade que funciona a partir da exploração econômica. Considera ainda que o enquadramento da educação nos moldes acima elencados pelo Estado direciona investimentos públicos em escala maior para atividades técnico-científicas.

Dessa forma, para Trevisan a educação é vista como espaço de aprendizagem de ofícios, os quais conduzem a educação a assumir um caráter de instrumentalização reproduzindo a cultura instituída. O projeto educacional descrito recebeu críticas ao longo do século XX, situação que culminou na “possibilidade de repensar a educação num contexto de desenvolvimento social mais amplo” (2000, p. 73). Ainda nas palavras de Trevisan (2000):

A cultura técnica da era moderna visa diretamente a acabar com a ideia de imprevisibilidade e diferenciação em todas as esferas da vida, acreditando em novos procedimentos e conceituações, unicamente à medida que retroalimente a padronização imposta pela racionalidade tecnológica, a qual já se encontra instituída no sistema. Nesse contexto, é mister que a Pedagogia produza novos sentidos ao aprender, os quais possam questionar a ausência ou esquecimento moderno de instâncias fundamentais da vida humana, como a educação do caráter, do sentimento, do imaginário e até do pensamento. Será então, que a mimesis não é um tipo de saber que pode ser recuperado das tradições gregas nessa perspectiva? Afinal, sendo uma instância não-reprodutiva, pretende captar do real não o idêntico, o mesmo, mas aquilo que é singular, diferenciado e contraditório, provocando assim a manifestação das semelhanças e diferenças e a reflexão teórica que se traduz em uma concepção de educação estética do agir humano. (TREVISAN, 2000, p.72)

Trevisan (2000) esclarece que a dominação dos poderes naturais pelo homem, quando do seu entendimento da natureza como uma forma mítica e, por isso, integrado nessa ideia, despertou a intenção de dominá-la e não mais ser dominado pela natureza. Portanto, advém dessa dicotomia a necessidade do fazer científico

³¹ Equipe de IAA é interdisciplinar e deve ser composta pelo profissional responsável pela IAA, o cão de IAAs, o profissional do comportamento (treinador de cães) e o médico veterinário responsável pela saúde do animal. Nem sempre o treinador de cães necessitará estar presente, mas orientamos que sua presença seja viabilizada em determinado momento a título de avaliação do bem-estar do cão e da condução do animal pelo profissional. O papel do médico veterinário é indispensável apesar de não ter participação ativa nos programas. Treinadores de cães poderão conduzir cães de IAAs em programas de IAA vide os conceitos das modalidades de IAA.

para libertá-lo do rebaixamento perante a natureza. Por conseguinte, a ciência aponta para duas linhas complementares como denominou o autor: a primeira, é o saber emancipatório capaz de desviar o homem da subjugação da natureza. O segundo, o saber técnico-instrumental responsáveis pela criação dos instrumentos e mecanismos para dominação do meio ambiente.

O transcurso da história sofreu uma discrepância em que a racionalidade emancipatória seguiu reprimida e a técnico-instrumental se desenvolveu a ponto de incutir ao universo e ao homem uma visão mecanicista. O paradigma epistemológico sujeito-objeto desbravou a razão instrumental, denunciada por Adorno e Horkheimer, propiciando formas variadas de violência e desencadeando em fenômenos de massificação e alienação disparados pela indústria cultural. O formato mais atroz de manifestação dessa racionalidade foram as guerras e genocídios no século XX. Daí a ativa preocupação de Adorno a respeito da orientação para uma educação capaz de frear a barbárie.

A utilização massiva de aparatos tecnológicos de destruição e o desequilíbrio ecológico, com a consequente descoberta de que recursos naturais são esgotáveis ou não-renováveis atestaram o predomínio da racionalidade (des)controladora em todos os setores da vida. Com isso, a racionalidade única do iluminismo, do esclarecimento, que em sua arquitetura original tinha por finalidade libertar o ser humano, transformou-se em uma nova forma de dominação. (TREVISAN, 2000, p.82).

Não por acaso instituiu-se o dia da Sobrecarga da Terra³² que é uma data estabelecida mundialmente para registrar que a humanidade consumiu todos os recursos naturais os quais o planeta é capaz de renovar. Em 2021, o déficit aconteceu em 29 de julho. Ou seja, seguimos esgotando os recursos naturais numa ideia ilusória de superioridade em relação à natureza. A perspectiva interacional com a natureza segue sob o domínio da razão instrumental que empurra a humanidade para a alienação e o domínio de si mesmo. Parece que a humanidade se encontra num ciclo vicioso. Foram retomados os postulados de Adorno e Horkheimer para encaminhar este capítulo à nossa proposta. Para tanto, ainda seguiremos sob o olhar de Trevisan (2000) quando constata que educar após Auschwitz é educar para a sensibilidade.

³² Disponível em: <<https://www.pucrs.br/blog/dia-da-sobrecarga-da-terra-alerta-para-a-necessidade-de-acoes-sustentaveis/>>. Acesso em 10 de julho de 2022.

Nossas intenções encontram eco nas estatísticas divulgadas por meio de pesquisas envolvendo a temática da violência no Brasil no Anuário Brasileiro de Segurança Pública. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública abrangeu o tema da violência nas escolas, pois as pesquisas observaram a realidade dos jovens brasileiros a partir de um conceito abrangente de saúde, o qual – para além de questões básicas como hábitos alimentares e de higiene pessoal, prática de atividades físicas, saúde mental, entre outros preocupa-se também com a convivência destes jovens com a violência.

Dados relativos à violência dentro e fora da escola apontam para comportamentos recorrentes de ofensa e humilhação responsáveis por mágoas e aborrecimentos entre alunos. A violência é um acontecimento que permeia nossa realidade, transpassando toda a história humana. O Brasil, em especial tem sido notícia e assumido lugares preocupantes em pesquisas e *rankings* envolvendo o tema tanto fora quanto intramuros escolar. Um sinal de autopercepção pode ser visto na estimativa que 94% da população brasileira acredita que o nível de homicídios é alto ou muito alto. Apresentamos esses dados com o intuito de seguir o ensinamento de Adorno quando diz que devemos nos conscientizar do elemento desesperador identificado em Auschwitz.

A leitura de Adorno parece fundamental para o alicerce de propostas educacionais que envolvam as relações, especialmente quando intenciona-se colaborar com a mitigação da barbárie. Por isso, a intensa preocupação do filósofo com as crianças. Portanto, mantendo suas orientações como norteadoras partimos para as considerações da IAA em ambiente escolar. Para tanto, dialogaremos com Sonia Kramer, pesquisadora que reúne seus objetivos de pesquisa à infância, políticas públicas de educação infantil, ensino fundamental e formação de professores entre outros temas. Nesse sentido, percorremos sob o olhar da pesquisadora e de Trevisan (2014) espaços possíveis para promoção da sensibilidade e novos sentidos ao aprender. Com isso, nosso objetivo é a contribuição do desenvolvimento das relações de forma a propiciar condições de lidar com a face violenta e dominadora do humano, tanto em relação a natureza quanto em relação ao outro, para se tornar “relativamente imunes em face das agressões da barbárie” (ADORNO, 1995, p.168).

Kramer (2011) considera que a despeito de termos avançado no que tange o conhecimento teórico sobre a infância continuamos a presenciar a incapacidade de lidar com as populações infantis e juvenis. Portanto, a pesquisadora enfatiza ser de

suma importância pensar em formas de preparação para atuar. Entre as questões levantadas pela autora destacamos a seguinte: como assegurar que a educação cumpra seu papel social diante da heterogeneidade das populações infantis e das contradições da sociedade? Em consonância com Adorno, Kramer (2011) considera que há a necessidade de educar jovens e crianças contra a barbárie. Ela considera como alternativa a experiência de cultura evocando práticas com livros, histórias, filmes, peças, contos etc. objetivando com isso o diálogo. Na esteira desse apontamento refletimos como possibilidade tais experiências serem em alguma medida potencializadas e promotoras de novos sentidos ao aprender diante da presença do cão. Algumas experiências têm contribuído efetivamente nesse sentido, também em outros países, como Estados Unidos e Índia, as quais apontam para a qualificação das emoções e das relações com a presença de cães nas escolas. Andrea Petenucci ressaltou na entrevista que:

Os cães são transformadores. Os cães permitem muitas vezes que a gente expresse, que a gente reconstrua espaços que estão arruinados no sentido da convivência humana. Ruiu a partir das dores do convívio com o meu par, com meu igual, mas eu posso reconstruir a partir da presença deste animal que não julga, o cão é um interlocutor complacente e um interlocutor complacente está para você independente de quem quer que você seja independente daquilo que você está expressando. Ele não te julga, ele quer o contato com o seu verdadeiro eu.

A dedicação em prol do conhecimento sobre a infância ocupa importante espaço em variadas áreas do conhecimento. Kramer (2011) ressaltava que desde os estudos de Ariès (1970) quando surgiu a noção de infância na sociedade moderna passamos a compreender que a “inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização social” (KRAMER, 2011, p. 96). Mencionando apontamentos acerca da possível destruição da infância pela mídia, televisão, internet e o franco acesso a informações do mundo adulto, a autora questiona se é de fato o término da infância que presenciamos ou se a raiz da questão estaria na destruição da própria dimensão humana. Kramer (2011) aponta que carregamos a desigualdade e injustiça social desde sempre. Inevitavelmente, as crianças são marcadas pelas contradições da sociedade, pois são sujeitos sociais e históricos, de acordo com a

autora. Sua concepção de criança está circunscrita por aquilo que é específico da infância quando assevera:

Defendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação – e entende as crianças como cidadãos, pessoas que produzem cultura e nela são produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância, pode nos ajudar a aprender com elas. (p. 101).

A todo instante nos deparamos com notícias envolvendo as mais variadas formas de violência humana, crimes cometidos contra a vida, sofrimento e descaso para com o outro, entre tantos outros horrores com os quais as crianças convivem tanto nos ambientes que estão inseridas quanto pelas telas da TV ou dos Smartphones. Em larga escala os ambientes infantis estão permeados por dificuldades de entendimento, inexpressividade da escuta do outro, discriminação e abusos.

A humanidade não conseguiu eliminar o problema que está o cerne dos crimes cometidos contra a vida. Ou seja, mesmo com o progresso da tecnologia não nos desvencilhamos da negação de que somos plurais e que a sociedade é tecida pelas diferenças. Habilmente, Kramer (2011) descortina este cenário e pergunta: “Se, agora, dirigirmos nosso olhar ao mundo que é dado às crianças, o que vemos?” (p. 103) Não precisamos ir tão longe cronologicamente, estamos vivenciando os horrores de mais uma guerra no ano de 2022. Testemunhamos cenas avassaladoras de escolas bombardeadas, hospitais arruinados e incontáveis famílias abandonando seus lares em busca de algo basal para a vida humana, segurança. Algumas rumaram ao lado de suas famílias outras morreram na guerra. Ele presenciou-se com os animais. Muitos foram deixados para trás, outros tiveram a oportunidade de serem salvos pelo vínculo estabelecido com os humanos. Apresenta-se às crianças uma realidade violenta, desde a dificuldade de escuta ao outro até as mortes causadas por guerras e intolerância. Ler as palavras da autora escritas em 2011, representa ler os dias atuais, a exemplo do seguinte excerto:

E embora se tenha tentado emudecer crianças, jovens ou adultos, numa história de escravidão passada e presente; embora tantos tenham aprendido a aceitar a desigualdade e a miséria, os discursos oficiais têm a hipocrisia de sugerir que a mudança geraria o caos, quando o caos está instalado. As crianças - com quem poderíamos aprender a mudar e a fazer história do lixo

e reinventar a esperança - aprendem com os adultos a aniquilação dos direitos, o medo, a agressão. (Idem, p. 104).

Mesmo diante da realidade é difícil aceitar que a barbárie é presente e que é urgente educar contra ela. Porém, como Adorno alertou só será possível educar contra a barbárie se olharmos para ela, se identificarmos sua forma de acontecer. Para Kramer (2011) o maior desafio é semear a tolerância com a consciência da existência dos totalitarismos do século XX, no entanto considera insuficiente e assevera que o caminho é a educação contra a barbárie. Para tanto, é indispensável uma “perspectiva de formação cultural que assegure sua dimensão de experiência crítica” (p. 105). Isso depende da capacidade de olhar para o passado e o presente em sua face mais crua.

Penso que não corremos o risco de chegar à barbárie; vivemos nela. E devemos educar contra a barbárie, o que significa colocar o presente numa situação crítica e compreender que o passado não precisaria ter sido o que foi, o presente pode ser diferente do que é, e o futuro pode mudar a direção que parece inevitável. Cada um de nós tem diante de seus olhos imagens de maus-tratos, abusos ou violações de direitos humanos de que as crianças são vítimas. Muitos de nós não acreditamos no que vemos, e mesmo diante da realidade ou das fotos de chacinas, de mãos perfuradas, por vezes é difícil acreditar no que vemos, e é difícil aceitar que a barbárie está presente e que é urgente educar contra ela. Isto exige a opressão em ter capacidade de resistência e a utopia de uma sociedade sem discriminação de nenhuma espécie, sem exclusão e eliminação. (KRAMER, 2011, p.106)

A mesma autora ainda direciona possibilidades de ação para educar as crianças sob uma perspectiva de humanização por meio de produção de experiências e socialização pautadas por práticas solidárias entre pares capazes de promover sentido de pertencimento. Escolas e espaços de educação infantil com possibilidades de fazer diferente, bem como a divulgação de outros modelos de educação, bem como outras formas de ser criança. Quando acena para novos modelos a autora ressalta a eliminação de modos perversos oriundos das novas técnicas de propaganda e consumo. Para ela, novos modos convergem para o aprofundamento da dimensão de cidadania da ação educativa e cultural, a via elaborada por Adorno e chancelada pela pesquisadora contra a barbárie: a emancipação e a solidariedade.

Ao longo de sua escrita, a autora enfatiza a importância da experiência e defende a necessidade de uma política de cultura e educação como projeto contra a barbárie. Suas considerações sobre a formação cultural estão pautadas em Adorno (1995) na perspectiva da experiência formativa crítica, de indignação, resistência e

emancipação. De acordo com a autora, a importância da experiência está no seu caráter histórico, ou seja, aquilo que é vivido pode ser pensado, contado e, portanto, endereçado ao infinito. Para ela, a experiência se caracteriza pela produção de uma “reflexão sentida” e pensar uma experiência de cultura quer dizer lançar mão de livros, histórias, filmes, peças, contos entre outras alternativas para viabilizar o compartilhamento de sentimentos e reflexões. “o que torna uma situação uma experiência é entrar nessa corrente onde se compartilha, troca, aprende, brinca³³, chora e ri” (p.113). Nesse aspecto a experiência contribui para refletir sobre a vida individual e coletiva. Kramer (2011) reporta Adorno e esclarece:

Ao falar de educação infantil, destaco as experiências de cultura porque podem ensinar a utopia e favorecer o convite à reflexão, a pensar sobre o sentido da vida individual e coletiva. Isso remete à responsabilidade social que temos e pode provocar – como diz Adorno (1995) – a *autorreflexão crítica*, trazendo situações onde se torne possível *ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria*, de sua consciência coisificada, de sua *indiferença pelo outro*. (p. 113, grifo da autora).

Para ilustrar a ideia de experiência como “reflexão sentida”, do vivido que pode ser pensado e contado trazemos um trecho da entrevista com Andrea Petenucci pautado de muita sensibilidade e vivências compatíveis com o ser criança transformadas em uma narrativa de esperança. O trecho é referente a uma atividade proposta por Andrea em um programa de EAA em escola municipal de São Paulo com problemas de violência. A descrição detalhada da entrevista está em anexo.

Nós criamos uma história que envolvia heróis e vilões e ela teve vários formatos. Criamos uma história, uma narrativa que envolvia heróis e vilões e nós fomos criando junto com as crianças, construindo junto com elas: você vai fazer seu herói, como ele é? É desse mundo? Não é desse mundo? Todos os elementos da narrativa de um herói de um vilão. Como minha linha teórica é socioconstrutivista, a primeira proposta então foi: vamos construir nossos heróis. Explicamos para eles: a gente vai fazer uma história, ela vai ter muitos formatos, em massinha, desenhada, a gente fez

³³ Sonia Kramer lembra que o termo brincar tem significado de representação de teatro, música, criação artística ou prática de esportes em outras culturas.

escrita, a gente formou tirinhas. Usamos muitas linguagens para expressar essa narrativa. Um aluno veio para mim e falou assim: Eu não quero fazer o herói eu quero fazer o vilão primeiro. Eu: Ok! Sem problemas. Então eu explicava o herói e explicava para ele o vilão e ele fez um vilão. Depois ele fez o herói e aí nós fomos construindo. Então primeiro começamos construindo os personagens qual tinha sido o fator motivador da transformação daquela pessoa comum, porque a jornada do herói é isso é aquela pessoa comum que tem um fato transformador então, por exemplo o homem aranha quando ele leva uma picada visitando o museu e ele se transforma. Qual vai ser a ação deste herói? No caso do Homem Aranha era combater a criminalidade. Então nós fomos construindo porque a gente queria conversar sobre violência. A gente queria que eles pudessem ter um espaço de expressividade a respeito disto e este menino então me pediu para começar pelo vilão e depois o herói. Quando chegou na narrativa dele e ele então começa a descrever que a mudança foi que um vilão conhece um cachorro e se transforma em herói. É emocionante mesmo falar porque a possibilidade de um menino de comunidade, de uma comunidade muito violenta entender que ele pode transformar o vilão no herói a partir do contato com o cachorro, quer dizer que vale toda a minha atuação profissional. Este menino vale toda a minha atuação profissional da vida.

Kramer (2011) acredita no potencial do olhar infantil do porvir, na viabilidade de refazer o caminho como possibilidade de outra forma de relacionar-se com o passado. Aposta no papel da linguagem como alternativa capaz de promover mecanismos possíveis de contar histórias vividas para entrelaçar-se com o futuro. A ideia consiste em minimizar o risco de esquecimento, da perda da memória que acomete o homem contemporâneo. Na esteira do diálogo das propostas de Kramer alicerçadas nos ensinamentos de Adorno com a experiência de nossa entrevistada parece provável que a implementação de programas de IAA em ambiente escolar possa promover novos modos de experiências, estabelecer pontes para ressignificar o passado e promover o futuro. É nesse sentido que mencionamos e desenvolveremos a IAA em ambiente escolar com a alegoria da *Alethéia*.

4.2 IAA EM AMBIENTE ESCOLAR COMO ALETHÉIA DA EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE

A literatura nos brinda com histórias que retratam a vida diante da barbárie, como contam os filmes: *O menino de pijama listrado*; *A menina que roubava livros*; *A vida é bela*, *Escritores da Liberdade*, entre outros. Todos os personagens fantasticamente humanos, na arte e na vida. Eis aí uma *Alethéia* - o que não está oculto, o que se desvela, o que se revela. Neste sentido, o conceito de *Alethéia* circunscreve a IAA em ambiente escolar oferecendo através da interação com outra espécie, no caso em questão os cães, recursos para o ensino e aprendizagem e a relação com o outro pautada pelas diferenças favorecendo valores como o respeito. A literatura infantil envolvendo cães favorece a formação cultural, tão cara para Adorno. A leitura assistida por animais favorece a experiência no sentido da “reflexão sentida” de Kramer. Ler na presença de cães é a intervenção assistida por animais mais utilizada e pesquisada.

Alethéia, aqui o sentido da palavra é trazido primeiramente por Martin Heidegger (2008), em sua obra *Parmênides*. Diz o filósofo, “O que os gregos nomeiam com a palavra *Alethéia* ‘traduzimos’ usualmente com a palavra ‘verdade’. Se, no entanto, traduzirmos a palavra grega ‘literalmente’, então ela nos diz, propriamente, ‘desencobrimento’.” (HEIDEGGER, 2008, p 27).

A palavra vem do grego, *létheia* = *lêto* = *léthos*, este o rio entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, tendo esse nome porque ele se escondia em uma bruma que fazia a pessoa esquecer tudo o que havia acontecido com ela. O radical “a”, significando a negação. Portanto, *Alethéia* significa “o não esquecimento”. A verdade é nada mais além da realidade “desvelada” - uma estátua a qual não se conhece porque está coberta em véus, revelando-se na medida em que se retiram os véus que a encobrem. Imagem forte esta, pois que vida e morte são mediadas pela bruma enquanto se luta pelo não esquecimento.

O esquecimento faria a humanidade repetir continuamente os mesmos erros e tornaria impossível a educação, pois esta é, antes de tudo, desvelamento, desencobrimento da consciência humana pelo conhecimento e pela verdade. Por isso mesmo Adorno é enfático ao preconizar a educação contra a barbárie, na tentativa de

que não haja esquecimento da violência contra a humanidade, nas brumas que separam o indivíduo da verdade humana, encobrendo *Alethéia* às novas gerações.

O filósofo ensina que na essência da verdade como do desencobrimento vige uma espécie de luta com o encobrimento e com o retraimento. (...) encobrimento, ao contrário, nós conhecemos, seja porque as próprias coisas e seus contextos se ocultam a nós e para nós, seja porque nós mesmos antecipamos, realizamos e admitimos um encobrimento, seja porque ambos, um encobrir-se das ‘coisas’ e um encobrir-se deste encobrimento ocorrem num jogo mútuo por nosso intermédio” (HEIDEGGER, 2008, p.33).

Adiante, na mesma obra, afirma “‘Verdade’ não é jamais, ‘em si’, apreensível por si, mas necessita ser conquistada na luta.” (p.35) *Alethéia significa*, pois, desencobrimento, desvelamento, no sentido de tirar o véu ou descobrir. Tudo isso traduz as reflexões de Heidegger ao interpretar o poema de Parmênides, filósofo que viveu aproximadamente em 530 a 460 a.C.¹⁰ No poema, Parmênides narra ter ido à morada da deusa Alethéia, a verdade.

Parmênides nos relata acerca de uma deusa. O aparecer de um ‘ente divino’ no pensamento de um pensador nos é estranho. Primeiro, simplesmente, porque um pensador não tem a anunciar a mensagem de uma revelação divina, mas traz à fala, em si mesmo, o próprio interrogado. Também, mesmo quando os pensadores pensam sobre ‘o divino’, como acontece em toda ‘metafísica’, este pensar é *to qeion* (o divino), como Aristóteles diz, um pensar a partir da ‘razão’ e não uma reprodução de sentenças de uma ‘fé’ cültica e eclesiástica. Em particular, porém, causa estranheza o aparecimento ‘da deusa’ no poema doutrinário de Parmênides pelo motivo de que ela é a deusa ‘Verdade’. Pois ‘a verdade’, como ‘a beleza’, ‘a liberdade’, ‘a justiça’, tem valência para nós como algo ‘universal’. Este universal é extraído do particular e atual, do que é cada vez verdadeiro, justo e belo, e é, então, representado de modo ‘abstrato’, num mero conceito. Fazer ‘da verdade’ uma ‘deusa’, isto significa certamente fazer de uma mera noção de algo, ou seja, do conceito da essência da verdade, uma ‘personalidade’” (idem, p. 25).

Obra emblemática da cultura ocidental, o poema de Parmênides se preocupa em dizer o que é pensar e como se deve pensar, portanto, um texto filosófico, escrito poeticamente. O poema, tal como as narrativas míticas, conta sobre uma viagem e seres sobrenaturais e divinos. Naquela época, a verdade deveria reportar aos entes divinos, pois a inspiração por deuses tornaria o discurso verdadeiro e o poeta da

verdade alcançava a credibilidade. Descreve o caminho (o método) para encontrar a deusa verdade. Narra o encontro do jovem (o filósofo), com a deusa conhecimento. As filhas do sol guiarão o jovem até as fronteiras que separam a noite do dia.

A viagem ocorre durante a noite e no fim desta reside a deusa. Trata-se de uma alegoria para elucidar que o conhecimento traz a luz e ilumina a vida. O sol e a luz são alegorias para o ato de conhecer: quando uma pessoa conhece algo, viu ou chegou até a luz. Quando a deusa diz “é preciso que de tudo te instruas” enfatiza que todos os tipos de conhecimentos são importantes, sem fragmentar as áreas ou destacar qualquer tipo de divisão do saber, valorizando a totalidade do saber representado na filosofia. O conhecimento filosófico não se contenta com uma parte das coisas, mas busca o todo.

O poema de Parmênides traduz a complementaridade dos diversos tipos de conhecimento: o conhecimento mítico, valorizando as crenças; o conhecimento literário ou artístico, valorizando os sentimentos e a filosofia, valorizando a razão. Nessa bem-sucedida alegoria, o poema enobrece o próprio ser humano. A verdade originária abordada por Heidegger (2008), é a verdade do ser, a clareira (*die lichtung*) que possibilita clarificar (des-velar) a origem instauradora do comum-pertencer de ser e homem, ao enalço da interpretação grega da verdade como *Alethéia*.

A questão da verdade é em Heidegger hermenêutica ontológica, investigando as palavras geradoras da Grécia arcaica, nos pré-socráticos, explicitando o sentido mais profundo que elas ofereçam para a interpretação do ser. Portanto, nele existe uma retomada crítica do significado de *Alethéia* possibilitando a compreensão do sentido do ser, trazendo a questão da essência do ser ao falar em verdade e destino do ser. Sobre o problema do Ser (*Zur Seinsfrage*), Heidegger afirmava que se diz muito pouco do próprio ser, quando, dizendo o ser omite-se seu apresentar-se para o ser humano. Significa que na compreensão do ser como “presentar-se” encontra o ser do homem (*Dasein*), o seu lugar único e privilegiado de propiciar-lhe o advento enquanto apresentar. Apresentar-se é sempre apresentar-se ao ser humano.

O apresentar-se do ser é sempre um apelo dirigido ao ser humano, o único ente com a capacidade de ouvi-lo, por possuir a abertura como constitutiva do seu ser-aí. É a este ser humano que Adorno (1995) dirige o apelo de movimentar a educação contra a barbárie, ao propor a tese da rememoração do “animal em nós”. Normalmente associamos a presença do animal no comportamento humano de maneira pejorativa, como algo regressivo à razão. No entanto, sob a influência da Psicanálise freudiana,

Adorno (e Horkheimer) vislumbram a sua presença como algo positivo, que não deve ser descaracterizado, pois isso faz parte da infância da humanidade, está na sua gênese, portanto. Ao recusar um olhar sensível para este passado, estamos condenando também a nossa própria trajetória pessoal, no movimento da ontogênese que repete a filogênese. Por isso, a *Alethéia* pode ser uma porta de entrada para desvelar a presença do animal no ser humano sob uma outra perspectiva - a rememoração do animal em nós, diferente da funcionalização racionalista. Assim, por compreender que a infância é a entrada no mundo do saber sistematizado, por entender que este conhecimento não pode ser fragmentado, que afetividade e cognição são dimensões interdependentes, o apelo aqui registrado tem como foco a educação para a sensibilidade, para a percepção de que é o outro que nos media o próprio autoconhecimento e ainda o descentramento de si, desvelando a bruma da divisão, da discórdia, do desentendimento, da disputa, da discriminação.

Ao entender a IAA em ambiente escolar como possibilidade de desvelamento, faz-se um investimento na relação com o outro e com a natureza, no reconhecimento das diferenças por meio da interação entre duas espécies. Incluir o conceito de *Alethéia* nesta tese foi a forma encontrada de compartilhar a sensação sentida ao escutar pela primeira vez tal conceito em uma aula ministrada pelo orientador desta pesquisa. Na memória, a disposição dos colegas em sala, um dia frio “típico de Santa Maria/RS”, sensações de confusão e insegurança balizadas pela esperança de encontrar um fio condutor para propor um tema de pesquisa envolvendo as IAAs, talvez ainda desafiador para a Educação, mas também necessário, visto o aumento do interesse pela área. Quando o professor Amarildo abordou a *Alethéia* a sensação de tranquilidade surgiu e o entendimento que de alguma forma poderia fazer sentido utilizá-la neste estudo.

A *Alethéia* clareou o caminho para IAA em ambiente escolar e com isto, a possibilidade de identificar novos saberes docentes levando em consideração metodologias, relatos de experiência e narrativas, conforme Tardif (2014) considera, uma vez que, entende que o professor ao longo de sua trajetória constrói e mobiliza uma diversidade de conhecimentos, estratégias, habilidades, modos peculiares de ser-fazer que compõem um amálgama de saberes docentes.

4.3 PERSPECTIVAS E LIMITAÇÕES DA IAA EM AMBIENTE ESCOLAR

A Intervenção Assistida por Animais (IAA) é um conceito guarda-chuva que abriga quatro modalidades de atuação de acordo com a Iahaio (2018). A Terapia Assistida por Animais (TAA), Atividade Assistida por Animais (AAA), Educação Assistida por Animais (EAA) e Coaching Assistido por Animais (CAA). Os conceitos que integram o escopo da tese estão devidamente apresentados no capítulo intitulado IAA na atualidade, onde também abordamos os avanços da área até o momento, bem como, pontos que ainda merecem atenção.

No capítulo referido também abordamos aspectos que consideramos fundamentais na IAA. Nesse sentido, há de se ter cautela com a introdução de cães em ambiente escolar sob a perspectiva simplista de ser bom para as crianças ter a presença do cão na escola. Apesar de poder soar como desesperançoso nosso alerta, ele está intimamente ligado aos conceitos de bem-estar único e saúde-única, também já abordados neste estudo. Tais conceitos são indispensáveis na IAA. Podemos inclusive considerar inegociável o bem-estar de todos os envolvidos. Costuma-se fazer uma associação direta entre escola e EAA, ou seja, entende-se (de forma equivocada) que o trabalho com cães nas IAAs em ambiente escolar necessariamente será com a EAA. É bastante comum esta confusão. Atua-se em escolas tanto com EAA quanto AAA. A conceituação das modalidades de IAA de acordo com a Iahaio (2018) prevê para a EAA o registro e mensuração do progresso do aluno, exigência que na AAA não consta, sendo possível então, a elaboração de sessões de AAA com objetivos pedagógicos e psicoeducacionais. Enriqueceremos neste capítulo os conceitos das modalidades recorrendo a pesquisadores da área. Tomaremos como norte a revisão de literatura a respeito da EAA realizada por Correa Duque et.al (2019).

No estudo mencionado os achados apontam que a IAA em ambiente escolar promove impacto positivo em relação a autoestima, motivação, segurança e confiança, socialização, bem como facilitação para expressão de sentimentos (tanto positivos quanto negativos) envolvidos na aprendizagem e na participação na sala de aula. Dessa forma, percebeu-se maior atenção e interação e melhor controle emocional nos alunos. Tais apontamentos estão associados a diminuição da depressão, ansiedade, tédio e solidão. A introdução de cães em ambiente escolar tende a incentivar a leitura, melhora da memória de trabalho e desenvolvimento do vocabulário.

Os estudos que compuseram a revisão de Correa Duque et.al (2019) identificaram que os problemas mais comuns são os problemas de aprendizagem, conduta, dificuldade de comunicação, problemas na leitura, escrita, atenção e concentração entre outros. A revisão apontou como limitação os desconhecimentos a respeito da IAA como uma estratégia possível em ambiente escolar por parte dos profissionais envolvidos com a escola, pedagogos, educadores, e os próprios alunos. Neste estudo chamaremos os profissionais da escola de equipe local³⁴. A respeito desse aspecto as palavras de Andrea são esclarecedoras:

Olha como você já antecipou quando a gente está falando de educação, a gente está falando de uma multiplicidade de saberes. Então eu acho que primeiro, esse profissional precisa saber muito bem o seu lugar dentro do escopo da educação. No meu caso eu quis trabalhar com a área da linguagem, da leitura. Este é meu foco. Então primeiro qual é o meu escopo? Qual é a minha abordagem? Quais são minhas referências teóricas? Veja que é uma atitude de decisões técnicas. Então primeiro eu me decido tecnicamente, como será desenvolvido o processo de ensino e aprendizagem. Este é o primeiro passo dentro dessa decisão. Você pode incluir a intervenção assistida. Então você deseja que seja a educação assistida dentro da sua visão do processo de ensino e aprendizagem que vai ser proposto para o aluno, para a classe, para o grupo no contraturno.

Ao relatar os benefícios da EAA as autoras supracitadas consideram que esta modalidade de IAA favorece a motivação, reforça e dinamiza os processos educacionais. Os objetivos educacionais são alcançados por meio de um elemento motivador, no caso o animal devidamente selecionado e treinado. Tais objetivos devem ser estabelecidos pelo profissional da educação envolvido. Também se reconheceu que a EAA gera confiança no aluno mais rapidamente, e dessa forma a vinculação com o animal pode harmonizar o ambiente e por consequência facilitar o vínculo com o profissional.

³⁴ Entende-se por equipe local os profissionais da escola que estarão diretamente ligados ao programa de IAA como direção, coordenação e professores. A participação destes é indispensável tanto para a elaboração do programa quanto para autorização e execução.

A TAA segue sendo a principal aplicabilidade das IAAs, porém o aumento do interesse e atuação com EAA têm sido percebidos. Reconhecer as diferenças entre as modalidades é importante para a sua utilização ética e técnica, bem como para o avanço da área. Andrea Petenucci fez referência a este aspecto na entrevista. No trecho mencionado e a seguir apresentado ela também aborda a importância de compreender as IAAs. Retomando o exposto no capítulo que tratou da IAA na atualidade, enfatizamos que na IAA há uma intencionalidade que se beneficia da IHA. Nas palavras de Andrea:

Eu comecei a atuar antes do encontro da IAA no Rio de Janeiro quando se falou pela primeira vez desse desmembramento³⁵. Ufa! Aleluia! Foi um presente recebido. Eu entendo que historicamente a educação, assim como a área das intervenções de maneira geral, veio dentro da área da saúde, se desenvolveu principalmente dentro da saúde mental, historicamente lá fora e aqui. Só que nós não tínhamos claramente estes desdobramentos. Veja, aqui a gente diz muitas vezes por exemplo que Dra. Nise da Silveira é a patrona das intervenções. Porém a Dra. Nise trabalhava na área do vínculo humano-animal, da interação humano-animal e não da intervenção assistida. A intervenção pressupõe que ela é estruturada, ela é intencional, o uso do animal é intencional, na intervenção e nela a gente está colhendo os frutos da interação. Então tudo isto ficou confuso na área e criou aí uma nuvem que faz essa nebulosa em relação à compreensão. Então como você disse os cães não são terapeutas, os humanos são. Porém até hoje as pessoas confundem os benefícios terapêuticos de, por exemplo, o contato com um filhote com um gato ou um cão, com os animais, com a natureza de maneira geral. Se você fica contemplando o mar é terapêutico, você vai acalmar, a natureza é terapêutica, não só os cães, não só os animais. Mas eu não posso dizer que se eu colocar uma criança contemplando o mar, ensiná-la a escrever as letras M A R, eu estou alfabetizado efetivamente, ela pode ficar mais aberta a escrever as letras num processo muito lúdico.

³⁵ Andrea faz menção ao desmembramento da TAA e EAA.

Alguns autores acenam para a possibilidade de trasladar benefícios já evidenciados da TAA para a EAA. No entanto, o aprofundamento com pesquisas no âmbito da IAA na educação se faz necessário.

Dado que el uso de animales facilita los procesos de enseñanza y aprendizaje, y estimula actividades físicas y terapéuticas, es posible trasladar el conocimiento de la experiencia aportada por la Terapia Asistida con Animales (TAA) para la implementación de un modelo educativo que impacte de manera significativa algunos desarrollos específicos en la infancia, pues la relación que establece el niño(a) en la interacción con los animales es bastante diferente a la interacción con muñecas u otro ser inanimado. (p. 4)

A revisão em questão aponta dados concernentes com a discussão a respeito da educação contra a barbárie aqui proposta com base nas orientações de Adorno (1995) e Kramer (2011). As autoras incluíram estudos de Ortiz Jiménez, Landero Hernandez & Gonzáles Ramírez (2010), que descrevem a melhora da socialização e comunicação, redução de condutas desadaptativas e comportamentos abusivos por parte de alguns estudantes. Dessa forma a implementação de programas de IAA em ambiente escolar tem potencial para colaborar com a melhoria do estado de ânimo, memória de trabalho, foco atencional e concentração. Evidenciam ainda que pode contribuir com a cooperação e resolução de problemas entre pares, pois favorece a capacidade de expressar emoções. Os participantes da pesquisa tiveram a oportunidade de aprender a controlar e modular as emoções. Neste sentido aponta-se para uma melhora nas interações sociais, expressão emocional e responsabilidade. Os mesmos autores relatam que os alunos participantes do estudo aprenderam sobre o cuidado com o outro a partir do cuidado do animal. Porém, é importante salientar que este achado está correlacionado com o fato desses alunos terem uma relação prévia com cães. Já temos evidência na literatura científica que descreve que pessoas demonstram mais empatia por outras pessoas, melhor autoestima e melhores habilidades sociais devido a relação com animais em comparação aos alunos que não tinham relação com animais. A discussão que apresentamos no capítulo que tratou da atualidade na IAA sublinhou a preocupação que por ora pode-se considerar uma limitação do conhecimento da área neste aspecto, ou seja, não podemos afirmar que a IAA é de fato a causa de melhorias, mas podemos evidenciar que sua aplicabilidade viabiliza benefícios.

Cabe lembrar que a IAA é um campo de estudo em desenvolvimento. Portanto, em alguns anos estas considerações podem ter sido superadas. Registramos este

apontamento, também no sentido de assegurar a não idealização da IAA em ambiente escolar como solução. O cuidado com a interpretação desses dados se faz necessário para proteção dos cães e pessoas envolvidas nas IAAs. Nossa intenção de fato é estimular a elaboração de programas de IAA em ambiente escolar de forma ética, segura e técnica. As investigações de Ortiz et al (2010); Chandler (2001), de acordo com Correa Duque et. al (2019) demonstram que a vivência da relação humano-animal em sala de aula facilita o estreitamento de vínculos com o profissional, seja o docente ou psicólogo escolar.

As pesquisas de Friesen, (2010) e Beetz (2013) incluídas na revisão referenciada corroboram evidências de que os cães em sala de aula proporcionam apoio emocional às crianças, colaborando com a autoestima e capacidade de expressão. Cabe lembrar aqui que Andrea Petenucci considera o cão como um interlocutor complacente, conforme esclareceu na entrevista. Beetz (2013) identificou que a presença do cão em sala de aula colaborou com a redução da tensão em estudantes, apontando para a melhora a curto prazo nas funções executivas e, portanto, no melhor rendimento em provas. Demonstrou também que há influência no controle de impulsos, especialmente impulsos agressivos, ao passo que atitudes positivas em relação à escola e emoções positivas em relação a aprendizagem também foram percebidas.

Tanto Beetz (2013) quanto Petenucci e Cunha (2020) consideram que a leitura apesar de fundamental para o desenvolvimento infantil é um problema importante na aprendizagem. Em 2020 dados disponíveis na Agência Brasil³⁶ relatam que o país perdeu, nos últimos quatro anos, mais de 4,6 milhões de leitores, segundo dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, resultando numa queda de 56% para 52% de leitores entre 2015 e 2019. Os brasileiros considerados não leitores, ou seja, aqueles com mais de cinco anos que não leram nenhum livro, nem mesmo em parte, nos últimos três meses, representam 48% da população, o equivalente a cerca de 93 milhões de um total de 193 milhões de brasileiros. As dificuldades de leitura vão desde aspectos econômicos limitantes para a aquisição de livros a dificuldades de concentração e a analfabetismo, de acordo com a pesquisa.

³⁶ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos>>. Acesso em 15 de julho de 2022.

Salienta-se que a leitura é uma habilidade primordial na sociedade moderna pois permite a relação entre aluno e acesso ao mundo e às transmissões socioculturais. Por ser um dos elementos fundamentais na educação para a aquisição de novos conhecimentos, estimulação do pensamento e formação de leitores críticos e conscientes, a compreensão da leitura é um dos fatores que determinam desempenho escolar adequado. (PETENUCCI; CUNHA, 2020, p. 427).

Os estudos de IAA em contextos educacionais têm demonstrado esforço para proporcionar uma perspectiva inovadora com a utilização de cães em ambiente escolar. Nesse sentido, percebemos um investimento contundente por parte de profissionais e pesquisadores da área para facilitar experiências significativas nos processos de ensino e aprendizagem³⁷.

O Trabalho de Correa Duque et. al (2019) também relatou achados que demonstram que crianças envolvidas em programas de leituras com cães melhoraram a leitura e evidenciaram outros benefícios como aumento da segurança, confiança e motivação para leitura, visto que não se sentiram julgadas. Para Beetz (2012, 2013) alunos se sentem mais confortáveis conversando com cães, pois eles transmitem uma aceitação incondicional. Dessa forma, as crianças não se sentem julgadas e os cães também atuam como distratores de problemas e catalisadores nos processos de ensino e aprendizagem. A pesquisadora lembra ainda que novos estudos devem ser realizados em escalas maiores para medir as variáveis a longo prazo. Para Petenucci e Cunha (2020, p.430):

Os relatos segundo a autopercepção de todos os sujeitos, suas habilidades de leitura melhoraram após as sessões. A maioria deles, 4 dos 6 participantes, passaram a ler com mais frequência. Além disso, os sujeitos perceberam o cão como um elemento que impacta de forma positiva o ambiente onde acontece a leitura e/ou o próprio ato de ler, tornando-os mais agradáveis.

Os achados de Beetz anteriormente mencionados remetem à importância da compreensão da intencionalidade na IAA. Nesse sentido, deve-se ter claro os objetivos e a função que o cão exercerá na sessão de IAA. O cão nem sempre precisa

³⁷ A Afago & Afeto possui em seu braço social o “Projeto Ler é bom pra cachorro” coordenado pela Pedagoga Andrea Petenucci. A autora deste estudo atua como voluntária e parceira na gestão do projeto. Atualmente ele está pausado por conta da Pandemia da Covid-19, porém será retomado. O projeto conta com voluntários humanos e cães no Brasil, Argentina e Portugal.

e até mesmo deve ficar à disposição dos alunos. Esta é uma medida de manejo de bem-estar animal bem como de assertividade, quanto a melhor forma de utilizar o cão em benefício dos objetivos traçados. Quanto a estes aspectos Andrea Petenucci é bastante clara no sentido de que sua experiência demonstra a importância de atentar para isto:

O cão vem como um bônus, é como um dispositivo a mais como algo que você traz para sua prática para ter o impacto comportamental, para ter a abordagem lúdica, mas ele vem para o contexto que já existiria sem a presença dele. Primeiro as abordagens vão seguir se estruturando como elas devem ser, a adaptação deste cão precisa ser respeitada a partir dessas premissas de saúde-única e bem-estar único nos dias de hoje. Então não dá para a gente dizer, quantificar. Dá para a gente dizer é possível desde que todos estes elementos sejam verificados durante a construção desta ação. Dentre elas está a forma de usar o cão, recursos para este cão. Por exemplo, eu trabalhava com caixa de transporte em sala de aula por dois motivos: um para eu fazer as trocas de turno de descanso dos meus cães para manter o bem-estar deles durante a sessão. Então, se uma sessão um pouco mais longa meu cão não precisa estar ativo durante toda a sessão. Não só do ponto de vista do bem-estar do cão, isso é útil também do ponto de vista pedagógico porque certas tarefas, certas atividades requerem por exemplo foco e atenção e o cão está ali para distrair. Ele vai distrair, porque ele é vivo e se mexe, ele é fofo. A gente tem aí a questão da biofilia, a gente tem uma questão biológica que nos animais nos atraem. Os seres humanos têm uma pré-disposição a prestar atenção nos animais biologicamente falando. Então se eu deixar este cão o tempo todo ali, em algumas situações pedagógicas ele vai concorrer negativamente para que eu alcance os meus objetivos.

Beetz (2013) orienta atenção a interpretação de dados em pesquisas que envolvam cães na escola em função das variáveis ao descrever que:

Embora tenhamos encontrado diferenças estatisticamente significativas na mudança das experiências socioemocionais escolares e nas estratégias de regulação emocional entre as duas turmas, é preciso ter em mente que

muitos outros fatores além do cão, de difícil controle, podem ter influenciado esses parâmetros. Os principais fatores certamente são a personalidade e o estilo de interação dos professores, mas também dos diferentes alunos em cada turma. Os efeitos da presença do cão escolar não podem ser desvinculados de sua influência conjunta com o professor por meio de um desenho de pesquisa como o utilizado neste estudo. No entanto, pesquisas experimentais comparando as mesmas crianças com o mesmo professor com e sem o cão presente não podem capturar efeitos de longo prazo nas experiências ou competências socioemocionais da escola. Apenas estudos em larga escala com um número suficiente de aulas com e sem um cão escolar presente e dados adicionais sobre o estilo de ensino, personalidade e também relacionamento humano-cão dos professores permitiriam uma interpretação mais clara das mudanças como efeitos dos cães escolares. Mas mesmo assim, o cão da escola e o professor sempre afetam o clima da turma como uma equipe. Muito provavelmente a presença do cão também influencia o professor em seu comportamento em relação aos alunos e na regulação do estresse. (p.6, tradução nossa).

Até o momento mencionamos os benefícios da introdução de cães de IAAs em ambiente escolar. Faz-se necessário registrar que a EAA é a modalidade menos pesquisada até o momento. A experiência da nossa entrevistada aponta para o reconhecimento dos benefícios biopsicossociais aos humanos, da potencialidade da IAA em ambiente escolar, bem como a atenção ao bem-estar animal. Pois, como Andrea mencionou, o nível de ruído do ambiente escolar pode ser estressor ao cão. Para driblar a intensidade dos ruídos e contemplar o bem-estar dos cães na atuação em escolas propomos um protocolo de introdução de cães em ambiente escolar em anexo. A intenção, portanto, é a de colaborar com a conscientização do bem-estar único e despertar para a necessidade de mais estudos referentes ao bem-estar dos cães em ambiente escolar. Andrea explica que:

Vamos pensar que a escola é um ambiente estressor até para os humanos. Vou trazer um quesito específico que para mim, ele é o marcador mais importante dentro da escola: o ruído, o nível de ruído. Na minha pós-graduação, como eu fui para a área da fonoaudiologia e tive contato com a professora, que é uma pesquisadora de saúde vocal de profissionais da área da educação, de professores, e ela então me trazia muito desta informação a respeito dos níveis de ruído da escola e do impacto para voz, para audição etc. dos humanos. Quando a gente vai transportar essa informação, que já é reconhecido um impacto no humano, a gente transporta para um animal que tem uma audição muito mais apurada do que a nossa, o quanto de impacto pode gerar neste cão. As adaptações

para o ambiente escolar são diferenciadas das outras áreas das intervenções para o escolar. Eu não estou dizendo de todos os ambientes da educação, porque você vai ter ambientes como o contraturno como outros espaços que são mais agradáveis para os cães do ponto de vista do ruído especificamente, aqui eu estou fazendo um recorte sobre o ruído. A escola tem um nível de ruído, é o sinal que marca o fim e começo das aulas, no recreio, são as crianças descendo as escadas gritando. Enfim o nível de ruído da escola é muito alto.

Apresentamos os achados de pesquisa com intuito de corroborar nossa intenção de propor a IAA em ambiente escolar como adjuvante a educação contra a barbárie, mote deste capítulo. Com isso, percebemos que os estudos mencionados dialogam com nossa proposta e pode-se correlacioná-los com as preocupações e orientações de Adorno (1995) e Kramer (2011). Partindo para o encaminhamento final das reflexões, apresentaremos os Saberes da *Alethéia*.

4.4 SABERES DA ALETHÉIA

O aspecto formativo da experiência docente em novos contextos de docência não pode passar despercebido. O desafio de participar ativamente em programas de IAA em ambiente escolar possibilita ao professor pensar propostas inusitadas de atividades que permitam a interação não somente em momentos lúdicos, mas também em situações de aprendizagem, em que a criança, por exemplo, poderá ler para o cão ou ainda, considerá-lo um parceiro na busca de respostas a situações-problemas. Importante destacar que este tipo de atividade pode tornar-se desenvolvvente, conquistando persistência em diferentes momentos e situações de aprendizagem e significância para o desenvolvimento das crianças.

A IAA em ambiente escolar envolve momentos pedagógicos que se inter-relacionam entre si, e se comunicam em conexões motivacionais, estabelecendo um processo de mediação entre pares ou estimulado pelo professor das atividades propostas. Interpretando Maciel (2006) explicita-se que os cenários de interação vão se articulando na complexidade do biosistema humano-cão e sua evolução, provocando uma construção colaborativa entre as crianças e professor. Manifesta assim, novos conhecimentos na interconexão e transcendência de experiências e

ideias. Nessa perspectiva, a educação como desbarbarização evolui significativamente, transformando a pessoa (criança e professor) em ser afetivo e reflexivo também, contribuindo com novos valores humanizadores para a sociedade. Como promotora para o desenvolvimento educacional e social, a IAA em ambiente escolar pode criar condições para que se estabeleçam novas relações com o outro, a natureza e a sociedade: o conhecimento de si e de suas potencialidades a serem desenvolvidas; o aprender a ser (subjatividade); a conviver (intersubjatividade); a evoluir intelectualmente, afetivamente e espiritualmente, reconectando-se ao *holos* (todo).

A escola é prioritariamente uma ambiência de formação (*Bildung*) que precisa ser alinhada à causa da humanidade como desbarbarização, promovendo o desenvolvimento humano e a construção da cidadania. A escola contemporânea necessita assumir a sua função social, envolvendo a pessoa como ser biopsicossocial, de modo a proporcionar condições intersubjetivas de confiança e autonomia e também, iniciar com interações positivas para que a aprendizagem abrace dimensões cognitiva, afetiva e social, na singularidade de cada sujeito.

A prática docente mobiliza diferentes saberes, os quais apresentam diferentes utilidades e importância. Sendo assim, analisar e investigar tais saberes é tarefa indispensável para a melhoria da compreensão da prática. Pimenta (2012) considera um desafio conviver com diferentes linguagens e saberes por parte dos professores e diferenças de seus campos específicos, ao passo que refere ser importante para o trabalho interdisciplinar e coletivo na escola. Como já mencionamos, o conhecimento acerca da IAA em ambiente escolar está em desenvolvimento, porém sabe-se que é uma prática interdisciplinar e que à medida que o tempo avança tem sido cada vez mais utilizada.

No entanto, parece oportuno levantarmos a questão, a qual não pretendemos respondê-la de pronto neste estudo, mas lançar luz as possibilidades: quais saberes docentes podem ser necessários para a implementação de programas de IAA nas escolas? Um dado importante encontrado na revisão de literatura de Correa Duque et. al (2019) é o fato de os profissionais da educação não conhecerem a respeito da IAA como prática complementar possível de lançarem mão. Portanto, não desejamos definir saberes, mas levantar possibilidades embasados na experiência da entrevistada. Consideramos indispensável a participação ativa da equipe local da escola nos programas de IAA. Para tanto, há de se ter clareza da necessidade de

prepará-la para o recebimento e aproveitamento da presença dos cães de IAAs. Isso requer conhecimento e planejamento com a escola. Aspectos relacionados à introdução dos cães de IAAs na escola, estão descritos no protocolo em anexo. Porém, aqui desejamos lembrar que a IAA em ambiente escolar demanda a participação dos docentes e, portanto, tem potencial para despertar saberes advindos da *Alethéia*, os quais nomeamos de Saberes interacionais. Para corroborar nossa proposta recorreremos a Pimenta (2012) quando alude:

Os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática, mediatizada pela de outrem – seus colegas de trabalho, os textos produzidos por outros educadores. (p. 22)

A experiência de mais de uma década de atuação com IAA em ambiente escolar de Andrea Petenucci alude para dois saberes possíveis a serem desenvolvidos com a implantação de programas de IAA nas escolas: saber-criar e saber-interagir. Nossa proposta encontra-se situada na categoria de saberes experiencias de Tardif (2014), uma vez que estão relacionados aos tipos de saberes que se aproximam do cotidiano do professor. Eles surgem da experiência e são validados por ela. São saberes desenvolvidos ao longo da profissão, do próprio trabalho, dos limites e impasses do seu cotidiano. Nas palavras de Andrea:

Muitos impactos de modificação de ambiente. E aí a gente pode aqui discorrer sobre vários, mas o mais reconhecido não só que eu reconheço na minha prática, mas que a ciência também já reconheceu em pesquisas da área é a alteração comportamental neste ambiente. Eu lembro de relatos das professoras dizendo: sempre tem aquele aluno com uma certa dificuldade de organização dele no grupo, porque a gente tem aí muitos perfis de personalidades e algumas têm uma dificuldade, eu tinha uma dificuldade. Talvez eu tenha ido para a área da educação porque eu sofri bastante na escola. Eu gosto do movimento. Eu tinha uma dificuldade de ficar parada sentadinha ouvindo, eu queria agitar um pouquinho. Então a gente sempre tem esses que agitam que são mais difíceis de organizar. Então, o que a gente percebe, a presença do cão mexe com as motivações tanto intrínsecas quanto extrínsecas, isto é um fato. As crianças se

organizam e cumprem combinados de uma forma que sem a presença do cão nós não alcançamos a mesma qualidade de compromisso. Vou dizer assim a mesma performance dos combinados. Então a professora dizia: é tão bom quando eu sei que você vai vir por que daí eu já falo com os alunos, lembra que a gente combinou de se organizar: como você vai ficar gritando ou deixando cair sujeira no chão, vai lá apontar o lápis, por exemplo, joga sujeira no chão. A gente trabalhava uma série de coisas para a introdução desse cão de forma segura. Então, o primeiro e o maior impacto é comportamental, sem dúvida nenhuma. Eu nunca tive problema nenhum de cumprir o combinado com as crianças. As crianças se envolvem, as crianças se comprometem em relação aos cães. Obviamente, isto era construído e aqui de novo, a grande fala é: não dá para esperar que as crianças na presença dos cães simplesmente se organizem naturalmente sem a orientação técnica. Por isso a intencionalidade do uso? Isto é um facilitador na hora de você fazer esta troca com os combinados. Para mim, que sou de uma linha socioconstrutivista, precisa ser construído em conjunto. Eu não posso chegar lá e colocar um cartaz com leis, daí não seriam combinados, são leis: vocês vão seguir isto aqui e acabou, não funciona para mim. São combinados, então, primeiro, entro eu na escola com cães de pano para fazer os combinados e a partir desses combinados que são feitos na interlocução professora - alunos em prol do bem comum deste grupo. Eu entro com os cães de tecido que representam os meus cães conversando sobre os cães, sobre o seu bem-estar, quais são os manejos adequados, a gente constrói juntos. Então veja, os cães começam com um impacto comportamental antes de serem introduzidos. Quando eles são introduzidos, essas crianças sabem, elas já têm um norte de como se comportar. E aí tudo é facilitado. Dentro de uma seção de educação assistida eu percebo que o cão facilita os processos de ensino aprendizagem porque realmente é uma delícia. É uma delícia para mim, eu não sei como seria ser professora, estar com as crianças sem cachorro seria tão sem graça, eles são maravilhosos, são companheiros maravilhosos do processo de ensino e aprendizagem, desde que tudo isso seja entendido de forma intencional e técnica. Minha fala não é uma fala

frouxa porque é maravilhoso mesmo. Mas está no pano de fundo, em qualquer fala minha é a intencionalidade e o preparo técnico para isso.

A entrevista com Andrea permitiu captar que a introdução de cães de IAAs pode facilitar a interação entre profissionais da equipe local. O docente pode interagir com os alunos utilizando os combinados³⁸ sobre a interação respeitosa com os cães e fazer uso dos resíduos³⁹. No relato permeado de sensibilidade sobre a atividade que desenvolveu envolvendo heróis e vilões Andrea mencionou as múltiplas possibilidades de linguagem a serem utilizadas. É com base nesse relato que propomos o saber criar. A introdução de cães de IAAs nas escolas facilita inúmeras possibilidades de utilização de sua presença e de sua ausência também. Como Andrea explicou, a temática cão poderá ser associada as diversas disciplinas, citou como exemplo a geografia: *vamos falar de países então vamos buscar quais raças de cães são desse país ou dessa região ou enfim de coisas diferentes então, por exemplo, você tem cães de busca e resgate como São Bernardo na neve.*

Sabendo criar e interagir, o docente terá infinitas oportunidades para dar novos sentidos a sua prática e facilitar o processo de ensino e aprendizagem de seus alunos, pois a experiência de Andrea mostra que *não existe nenhuma temática que não dê para você aproveitar estes paralelos em relação a essa outra espécie ou a própria presença e a discussão. Daí, com ou sem a presença do cão, a temática segue sendo explorada.*

³⁸ A descrição dos combinados está no protocolo e é referenciada na transcrição da entrevista no anexo.

³⁹ Prática utilizada pela entrevistada descrita na transcrição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi com alusão a um vídeo intitulado “Como lobos mudam rios” que apresentamos a nossa pesquisa na introdução. Da mesma forma queremos encaminhar-nos para a parte final.

Como já registrado, esta tese foi escrita com o objetivo de contribuir para uma olhar crítico-filosófico à IAA em ambiente escolar, bem como apresentar uma perspectiva para a educação contra a barbárie. Para tanto, discorreu sobre a história da IAA e os desafios que enfrentamos na atualidade, inicialmente.

Nossos questionamentos circularam em torno da IAA em ambiente escolar ser uma referência para a criação de processos educativos que perspectivam a educação contra a barbárie. Nesse sentido, o curso do nosso rio foi direcionado a fundamentar a IAA em um marco teórico de caráter filosófico e humano e promover debates com base nos documentos consultados para propor aperfeiçoamentos. Identificamos a necessidade da conscientização da atenção ao bem-estar de todos os envolvidos em um programa de IAA em ambiente escolar. Nessa perspectiva, discutimos a IAA como adjuvante à educação contra a barbárie. Cunhamos o termo recurso incremental para a compreensão didática do papel do cão e com a intenção de colaborar e despertar a conscientização acerca da introdução de cães em ambiente escolar e propomos um protocolo elaborado a partir da experiência da entrevistada nesta tese e da pesquisadora.

Situamos a temática, uma vez que as próprias revisões de literatura da área apontam para comunicações escassas a respeito do que se trata a IAA em ambiente escolar, fato que é identificado como limitante à implantação de programas de IAA, uma vez que uma parcela importante de profissionais da educação ainda não sabe a respeito do potencial da IAA.

Da mesma forma ainda se entende a IAA sob uma ótica fantasiosa, aspecto que também abordamos com o intuito de desmobilizar tais entendimentos em prol de programas éticos e seguros. Então, neste primeiro momento direcionamos nossa reflexão as premissas indispensáveis para a elaboração e implementação de programas de IAA.

Neste interim, a tomada de decisão do responsável pelo programa deve ser pautada por uma visão holística da IAA e não somente no benefício ao humano. Não é mais possível que o animal participante da IAA seja percebido somente como meio para alcançar um fim, uma ferramenta. O animal é um ser vivo e merece ser tratado com carinho e reconhecimento.

Dessa forma, buscamos no diagnóstico de Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, um diálogo possível com estudos da IAA para o entendimento filosófico dela. Além disso, na obra de Adorno “Educação e Emancipação” buscamos alguns indicativos de como lutar contra a barbárie já instalada.

E, se não haveria possibilidades de introduzir o trabalho com cães em ambiente escolar nessa perspectiva, fazendo jus assim à sua recomendação de que um trabalho educativo dessa natureza deveria iniciar já na primeira infância. Cabe ressaltar que foi necessário abordar uma área que demanda aplicabilidade, mas que depende ser pensada previamente para ser bem aplicada, ou seja, valer-se da cooperação de um ser vivo de outra espécie para colaborar com o desenvolvimento biopsicossocial humano.

Percorremos o conceito de IAA e suas três modalidades de atuação, seguindo o consenso terminológico da área publicado pela Iahaio e refletimos sobre o mesmo e sobre a importância de tratarmos sobre o termo a ser utilizado para os cães participantes. Nesse sentido, visto que a EAA foi reconhecida como modalidade de atuação sendo desligada da TAA e a ideia de conceito guarda-chuva de IAA orientamos o termo cão de IAAs.

Na sequência, apresentamos o nosso entendimento didático a respeito do papel do cão como recurso incremental, para dessa forma realocarmos a responsabilidade da IAA no humano. Entendemos também, que ter claro qual o papel do cão pode contribuir para o de bem-estar dele no trabalho, uma vez que o humano toma consciência de sua responsabilidade sobre a condução do cão, a qual está prevista pela Iahaio.

A base teórica escolhida para esta tese tem em Theodor Adorno e Max Horkheimer o alicerce do estudo e reflexões registradas ao longo dos capítulos. Seus ensinamentos contidos na *Dialética do Esclarecimento* ofereceram substrato para florescer as ideias e conduzir a reflexão.

Trouxemos pesquisadores de áreas afins para dialogar e elaborar acerca da instrumentalidade nas IAAs. A humanidade ainda “não esclarecida” está atravessada

pela razão instrumental diagnosticada pelos frankfurtianos. Federic Zuolo (2017) é doutor em Filosofia pela Universidade de Pavia e atribui a existência da instrumentalidade na relação humano-animal conforme descrevemos. Neste diálogo entendeu-se que podemos nos aproximar mais de uma razão humanitária ao nos conscientizarmos da responsabilidade humana nas IAAs e conceber então a noção de cooperação humano-animal, como Zuolo propôs em sua taxonomia.

Além disso, por orientação de Glenk e Foltin (2021) pautamos o nosso estudo nos conceitos de Saúde-única e Bem-estar único, pilares tão caros à IAA. Recorremos a estudiosos da *Dialética do Esclarecimento* como apoio reflexivo a tarefa desafiadora a qual nos propusemos. Portanto, os encaminhamentos frankfurtianos consideram que a racionalização é a responsável pelo rompimento com a tradição, extinguindo o pensamento e favorecendo uma lógica imediatista.

Além disso, promove o conflito do homem com a natureza através de sua dominação estendendo este domínio ao humano pelo humano. Esse distanciamento da natureza faz com que o homem se afaste das experiências de vida, diminua sua fé, criando um império da razão experimental. Ao extinguir o pensamento, desqualifica a filosofia em nome de uma lógica utilitarista. Ao relacionar-se com o modo de produção dominante, o esclarecimento empenha-se em disfarçar a ordem repressiva, encontrando fim em si mesmo.

Segundo Adorno e Horkheimer, ao esclarecermos a humanidade estamos capacitando-a a promover guerras, devastação da flora, além da extinção dos animais. Foi neste cenário delineado pelos filósofos que tecemos as considerações anteriormente mencionadas e discutimos sobre a orientação dos autores a respeito da rememoração da natureza no homem. Foi o diagnóstico realizado que contribuiu para as preocupações de Adorno para que Auschwitz não se repita concebendo então, orientações para a educação contra a barbárie.

Para ele, é indispensável educar contra a barbárie, assim como para Sonia Kramer. Comungamos dessa orientação e endereçamos nossos esforços para identificar a IAA como adjuvante a educação contra a barbárie. Este estudo não trata de uma abordagem simplista, pelo contrário procuramos ao longo da escrita resguardar qualquer possibilidade de entendimento de solução fácil para problemas complexos com a IAA. Por isso, ao longo dos capítulos enfatizamos as limitações e riscos da IAA, que existem e devem ser levadas em consideração. A clareza disso também colabora para atuações mais assertivas e protege todos os envolvidos.

Nossa contribuição para a área da IAA em ambiente escolar pode ser identificada em três perspectivas. A primeira foi uma revisão crítica e atualizada dos documentos norteadores, onde chamamos a atenção para a importância do bem-estar de todos os envolvidos em um programa de IAA em ambiente escolar e a compreensão didática do papel do cão como recurso incremental. A segunda consiste em propôr um debate ligando a elementos teóricos caros a corrente teórica que embasou o estudo como a dialética, civilização e barbárie. Ainda enfatizamos o cuidado ao atravessamento da razão instrumental na tomada de decisão na IAA no que tange a relação do homem com a natureza nos marcos do esclarecimento. A terceira contribuição é a proposta de um protocolo de introdução de cães em ambiente escolar visando a contribuição com os pares e o bem-estar do cão de IAAs.

Lembremos que a IAA é um rio que está em curso com lobos reinseridos em seu habitat para reestabelecer o equilíbrio perdido. Estamos trabalhando para harmonizar um desequilíbrio que foi direcionado para um olhar focal aos benefícios exclusivamente do humano, num primeiro momento. Como ressaltamos, nos últimos anos as organizações internacionais e pesquisadores estão imbuídos de esforços para o estudo do bem-estar animal nas IAAs, pautados pela saúde única e bem-estar único, assim como este estudo. Por isso, consideramos a reflexão filosófica das IAAs pertinente ao momento.

Nossa intenção, então é despertar o pensar as IAAs antes do fazer as IAAs. Por isso a *Dialética do Esclarecimento* esteve no alicerce, visto que é caracterizada pelo pensamento crítico e reflexivo a respeito da sociedade moderna. Ela enfatiza o empobrecimento do pensamento e a equivocada utilização do conhecimento como instrumento de um progresso útil apenas para alguns. Tiburi e Duarte (2009) ainda lembram que a dialética é tratada como o pensamento que elabora a tensão entre o peso do passado e a invenção atenta do devir. Por isso recorreremos também a experiência de mais de uma década da Pedagoga Andrea Petenucci. Os esclarecimentos de Andrea foram cruciais para o entrelaçamento entre teoria e prática.

O interesse pelas IAAs tem crescido muito nos últimos anos. Ao passo que os pesquisadores identificaram tal interesse também perceberam um crescimento desordenado, por isso mais pesquisas precisam acontecer. Nesse sentido, considerando uma tese em educação um solo fértil para a autocrítica, reflexão e evolução que escolhemos a temática de estudo.

Além disso, ao discutir as perspectivas e limitações da IAA como adjuvante a educação contra a barbárie elaboramos os saberes interacionais para a implantação de programa de IAA em ambiente escolar tendo como alegoria a *Alethéia*. Uma vez que, dentre o crescente interesse pelas IAAs percebemos também o interesse na introdução de cães na escola; um ambiente que ainda carece de pesquisas sobre o impacto no animal e como discutido com potencial estresse para os cães. Portanto, com o intuito de promoção do bem-estar único ao final do estudo, em anexo, apresentamos um protocolo.

Como últimas palavras, identificamos então que a IAA, se bem conduzida e respeitando os preceitos de bem-estar único e saúde-única, identificamos a IAA com potencial para a criação de processos educativos capazes de promover uma educação contra a barbárie.

O rio segue andando, mas é preciso desvelar as nuvens que mantêm o seu curso (do pensamento) envolto nas brumas, não conseguindo trazer a clareza da *Alethéia* para o primeiro plano, em função do privilégio dado à racionalidade instrumental pelo sistema. Cremos que uma racionalidade emancipatória *in totum* não vai existir, a menos que seja desreprimida com pequenos gestos, como esses aqui propostos. Se cada um fizesse o seu trabalho educativo nesse sentido, a humanidade não estaria mergulhada nas guerras, violência e na barbárie generalizada. Porém, sempre é tempo de *Alethéia*, pois o ser escondido se mostra às vezes em pequenos gestos, que fazem toda a diferença, posto estar sinalizando para uma nova relação do humano com a natureza, algo implícito no olhar de um cão feliz.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ANGELO, Fabiane B. **O professor na crise: os saberes da docência diante da dor do outro**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Maria. UFSM, Santa Maria, 2016.

Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em <<https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>>. Acesso em 10 de julho de 2022.

BEETZ, A. Socio-emotional correlates of a schooldog-teacher-team in the classroom. *Frontiers. In: Psychology*, 4, 1-7. Disponível em: <<file:///C:/Users/Fabiane/Downloads/fpsyg-04-00886.pdf>>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

CORREA DUQUE, M. C. CÁRDENAS LOZANO, A. M. RIVERA CASTRO, H. D. CADAVID MARÍN, A. Educación asistida con perros: aplicaciones pedagógicas en contextos educativos. *IyD*, 6(2), 15–23, 2019. Disponível em: <<https://revistas.uniminuto.edu/index.php/IYD/article/view/1946>>. Acesso em: 05 de julho de 2022.

COSTA, Suzana. TEIXEIRA, Ivana. O papel da multidisciplinaridade e do antropomorfismo nos estudos animais. Entrevista com James Serpell. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/14582>>. Acesso em 15 de Julho de 2022.

DÍAZ VIDELA, M. OLARTE, M. A. Antrozoológia. ¿Por qué interesa a los profesionales de la salud?. En DÍAZ VIDELA, M. OLARTE, M. A. (Eds). **Antrozoológia**. Potencial recurso de intervención clínica (pp. 1-14), 2019. Buenos Aires: Editorial de la Universidad de Flores. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/326190342_Antrozoologia_Potencial_recurso_de_intervencion_clinica>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

DÍAZ VIDELA, M. Proximidad en el vínculo humano-perro: el rol del antropomorfismo y el antropocentrismo. **Tabula Rasa**, 40, 279-299, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.25058/20112742.n40.12>>. Acesso em 10 de Julho de 2022.

DÍAZ VIDELA, Marcos. **Antrozoológia y la relación humano-perro**. (Spanish Edition) (p. 3). I Rojo Editores. Edição do Kindle.

DIAZ VIDELA, Marcos. Proximidad en el vínculo humano- perro: el rol del antropomorfismo y el antropocentrismo. **Tabula Rasa**. Bogotá, n. 40, p. 279-299, dez. 2021. Disponível em<

http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-24892021000400279&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 jul. 2022. Epub 11-Abr-2022.

Dicionário online da Língua Portuguesa Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>> Acesso em abril de 2022.

DUARTE, Rodrigo, Sobre o conceito dialético de esclarecimento. In: TIBURI, Marcia. DUARTE, Rodrigo. (Organizadores) **Seis leituras sobre a dialética do Esclarecimento**. Ijuí: Unijuí, 2009.

FILATRO Andrea. CAVALCANTI Carolina C. **Metodologias inova-ativas na educação presencial, a distância e corporativa**. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAG, Barbara. **A Teoria Crítica ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

GLENK, Lisa Maria. FOLTIN, Sandra. 2021. "Therapy Dog Welfare Revisited: A Review of the Literature". **Veterinary Sciences** 8, no. 10: 226. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2306-7381/8/10/226>>. Acesso em 10 de julho de 2022.

HEIDEGGER, Martin. **Parmênides**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HERMANN, Nadja. A Indústria Cultural. In: TIBURI, Marcia. DUARTE, Rodrigo. (Organizadores) **Seis leituras sobre a dialética do Esclarecimento**. Ijuí: Unijuí, 2009.

IAHAIO. International Association of Human-Animal Interaction Organizations. White Paper—Definitions for Animal Assisted Intervention and Guidelines for Wellness of Animals Involved, 2018. Disponível em: < <https://iahaio.org/best-practice/white-paper-on-animal-assisted-interventions/>>. Acesso em 05 de julho de 2022.

KRAMER Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie In: BAZÍLIO, Luiz C. KRAMER, Sonia. (Organizadores). **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2011.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, Luiz C. KRAMER, Sonia. **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LÓPEZ-CEPERO, J. Current Status of Animal-Assisted Interventions. In **Scientific Literature: A Critical Comment on Their Internal Validity**. *Animals*. 2020; 10(6):985. Disponível em: < <https://www.mdpi.com/2076-2615/10/6/985>>. Acesso em: 10 de julho de 2022

LÜDCKE, Menga. ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Rio de Janeiro: EPU, 2014.

MACIEL, Adriana M. da R. Verbete. In: MOROSINI, Marília Costa. (Editora-Chefe). **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**: glossário, Brasília: INEP, v. 2, 2006, p. 386.

NOBRE, Marcos. Max Horkheimer e a teoria crítica entre o Nazismo e o Capitalismo tardio. In. NOBRE, Marcos (Org.). **Curso livre de Teoria Crítica**. Campinas, SP: Papyrus, 2008. Disponível em: < <https://pt.br1lib.org/book/2521596/aee25b>>. Acesso em: 05 de julho de 2022.

PETENUCCI, Andrea Lorezon; CUNHA, Maria C. Efeitos da educação assistida por animais na leitura com um grupo de alunos do ensino fundamental. 2020. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/index>>. Acesso em 10 de julho de 2022.

PIMENTA, Selma G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

SERPELL, James A.; KRUGER, Katherine A.; FREEMAN, Lisa M., GRIFFIN, James A. ZENITHSON, Y. Ng. **Therapy Dog Welfare Revisited: A Review of the Literature**, 2021 Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2306-7381/8/10/226>>. Acesso em 10 de julho de 2022.

SERPELL, James. Animal-Assisted Interventions. In: **Historical Perspective**. 10.1016/B978-0-12-381453-1.10002-9. 2010. Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/279718893_Animal-Assisted_Interventions_in_Historical_Perspective>. Acesso em 10 de julho de 2022.

SERPELL, James. Anthropomorphism and Anthropomorphic Selection—Beyond the "Cute Response". **Society & Animals**, 11(1), 83-100, 2003. Disponível em: <https://brill.com/view/journals/soan/11/1/article-p83_7.xml>. Acesso em: 05 de julho de 2022.

SERPELL, James. MCCUNE, Sandra. GEE, Nancy. GRIFFIN, James A. Desafios atuais para pesquisa em intervenções assistidas por animais. **Ciência do Desenvolvimento Aplicada**, 21:3, 223-233, 2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/10888691.2016.1262775?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

SIMONATO, Martina. DE SANTIS, Marta. CONTALBRIGO, Laura. MORI, Barbara. RAVAROTTO, Licia. Farina, Luca. (The Three Rs as a Framework for Considering the Ethics of Animal Assisted Interventions. **Society & Animals**. 28. 1-25, 2020. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/342638753_The_Three_Rs_as_a_Framework_for_Considering_the_Ethics_of_Animal_Assisted_Interventions>. Acesso em 05 de julho de 2022.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TIBURI, Marcia. DUARTE, Rodrigo. (Organizadores) **Seis leituras sobre a dialética do Esclarecimento**. Ijuí: Unijuí, 2009.

TIBURI, Marcia. HERMANN, Nadja. **Diálogo/Educação**. São Paulo: Senac, 2014.

TREVISAN, Amarildo L. A Filosofia da Educação no Passo de Gradiva. **Educação & Realidade** [online]. 2022, v. 47, e117203. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-6236117203vs01>>. Acessado 20 Julho 2022.

TREVISAN, Amarildo L. **Filosofia da Educação**. Mímesis e Razão Comunicativa. Ijuí: Unjuí, 2000.

TREVISAN, Amarildo L. O Amor ao Saber em Tempos de Hamartia / The love of knowledge in times of hamartia. **Roteiro**, [S. l.], p. 49–70, 2014. Disponível em: <<https://unoesc.emnuvens.com.br/roteiro/article/view/6353>>. Acesso em: 10 de jul. 2022.

TREVISAN, Neiva V. TREVISAN, Amarildo L. **Metodologia da pesquisa I** [recurso eletrônico] 1. ed. – Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2021. 1 e-book : il. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2021/09/Metodologia-da-Pesquisa-I.pdf>>. Acesso em: 05 de julho de 2022.

WIGGERHAUS, Rolf. A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico e significação política. **Difan**, 2001. Disponível em: <<https://pt.br1lib.org/s/Wiggerhaus%20>>. Acesso em: 05 de julho de 2022.

WINKLE, Melissa; ROGERS, Jennifer; GORBING, Peter; VANCOPPERNOLLE, Danny. **Animal Assisted Intervention International Public Document: Standards of Practice and Competencies for Animal Assisted Interventions**. 2022. Disponível em: <<https://aai-int.org/wp-content/uploads/2022/07/AAll-Standards-and-Comp-June-24-2022-.pdf>>. Acesso em: 05 de julho de 2022.

ZUOLO, Frederico. **Human-Animal Relations and the idea of cooperation**, 2017 Disponível em: <<https://www.centroeinaudi.it/lpf/working-papers/wp-all/196-wp-lpf-2017/9174-human-animal-relations-and-the-idea-of-cooperation.html>>. Acesso em 05 de abril de 2022.

ANEXOS

ANEXO A: PROTOCOLO DE INTRODUÇÃO DE CÃES EM AMBIENTE ESCOLAR

Em primeira instância é fundamental ter em mente que as IAAs devem ser desenvolvidas embasadas nas cinco liberdades, as quais constituem os direitos básicos de todos os animais. Esta orientação está prevista no documento de Normas Práticas da AAIL, o qual cita Grandgeorge & Hausberger, 2011; Milani, 2016; Kndom, U.2017 e em artigos recentes da área.

As cinco liberdades são:

1. Livre de sede, fome e desnutrição por meio do fácil acesso a água potável e a uma dieta que lhe garanta manter plena saúde e vigor;
2. Livre de desconforto, proporcionando um ambiente adequado, incluindo abrigo e uma área de descanso confortável;
3. Livre de dor, lesão e doença através da prevenção e/ou diagnóstico e tratamento rápidos;
4. Livre de medo e aflição, garantindo condições que evitem o sofrimento mental;
5. Liberdade para expressar o comportamento normal, fornecendo espaço suficiente, instalações adequadas e companhia da sua própria espécie.

Assim como a educação transborda os muros da escola e a interação com o cão nas sessões de IAAs pode colaborar neste aspecto, pois também visa ensinar o manejo e relacionamento correto das crianças com os cães auxiliando no convívio social entre as espécies, gerando segurança nos encontros que ocorrem em outros espaços. Por isto, consideramos esta etapa básica e indispensável para a introdução de cães de IAAs em ambiente escolar. Este gesto por parte do condutor do cão e/ou responsável pela intervenção promoverá uma intervenção segura, técnica e ética configurando uma prática baseada no bem-estar único.

Este protocolo é indicado para a introdução de cães em ambiente escolar tanto na realização de AAA – Atividade Assistida por Animais, quanto na EAA – Educação Assistida por Animais. Em ambas as modalidades, é fundamental que as crianças sejam ensinadas a interagir de forma respeitosa com os cães. Sendo assim, o ponto

de partida para qualquer ação em ambiente escolar que utilize cães de IAAs será o que chamamos de combinados.

O trabalho de IAAs em ambiente escolar deve começar sem a presença do cão, uma vez que um pilar indispensável para a realização, seja de um programa de EAA implantado com duração pré-estabelecida, seja de AAA demanda a garantia do bem-estar do animal. Neste sentido, é indicado que se realize os combinados com as crianças, que consiste em ensiná-las o modo adequado e respeitoso de interação com os cães. Por exemplo: é importante orientar as crianças a não se aglomerar em volta do cão, a respeitar a vez de fazer carinho, a cuidar para não deixar resíduos seja de alimentos ou material escolar no chão, que os cães não gostam de abraços – mesmo que os cães de IAAs sejam treinados a tolerar este comportamento da espécie humana, deve-se orientá-las e desencorajá-las, visto que irão ter contato com outros cães ao longo da vida.

É indicado ter em mente que a despeito do treinamento do cão ele não deve ser submetido a interações inadequadas, como apertões em qualquer parte do corpo, não deve ser montado, puxões nas orelhas ou cauda etc. O fato de ser treinado para as interações com humanos não deve ser entendido como ausência de critérios ou permissividade que submeta o cão a interações desrespeitosas, ou seja não deve ser entendido como permissividade à interação e cabe ressaltar que isto é responsabilidade do condutor.

Para a realização dos combinados com as crianças utilize representações dos cães, sugerimos, por exemplo os cães de pano conforme foto em anexo. Podendo ser também de pelúcia, um totem de cão etc. Esta etapa viabiliza a construção dos combinados de forma simbólica e assim preservar os cães nas interações.

Este protocolo é destinado a cães de IAAs que já passaram pelo processo de treinamento para o trabalho que consiste em: seleção/avaliação, socialização e treinamento por profissional do comportamento. Não há nenhuma indicação nos *guidelines* de introdução de cães sem preparo prévio. As três renomadas instituições que pesquisam e orientam as interações humano-animal e as IAAs, cita-se a Pet Partners, a Iahai e a AAIL orientam a respeito da preparação do cão para a atuação nas IAAs. Este protocolo está embasado nas Normas de Práticas da AAIL, documento exclusivo para cães revisado em 2019, instituição a qual a autora é membro através da certificação de sua empresa Afago & Afeto.

A existência de *guidelines* viabiliza condutas mais assertivas e a minimização de possíveis erros. Uma vez que estamos tratando da interação com outra espécie é indispensável que tenhamos um norteador a fim de balizar as reais condições de trabalho a que os cães serão introduzidos, assim como a formação do profissional responsável pela IAA.

Feita esta introdução vamos a lista de itens que consideramos indispensáveis para a introdução do cão em ambiente escolar:

1. EM RELAÇÃO AO CÃO:

1.1 Ajuste o horário de início e saída do cão de forma a evitar horários de entrada, recreio e saída da escola. Desta forma, você previne aglomerações inadequadas em torno do cão e expô-lo ao aumento de ruído desses horários, além das aglomerações. Além disso, avalie a condição do cão para ser transportado. Uma recente revisão de literatura realizada por Glenk e Foltin, (2021) apontou que “um problema que foi levantado em várias publicações foi o transporte. A duração do transporte entre 50 e 60 minutos foram relacionados ao aumento da excitação fisiológica recomenda-se cuidado se os cães apresentarem problemas de transporte, como medo de passeios de carro.”

1.2 Filhotes não podem atuar nas IAAs, assim como cães no processo de envelhecimento devem ser avaliados e ter sua aposentadoria preparada.

1.3 O protocolo vacinal e de controle de parasitas deve ser respeitado com a devida orientação de profissional da medicina veterinária.

1.4 O condutor é o responsável pelo bem-estar do cão. Sendo assim, deve ter vínculo seguro estabelecido, não sendo indicado empréstimos e aluguel de cão. 1.5 Quando os cães participam de equipes com outros cães e humanos é importante que a socialização entre eles seja feita por profissional do comportamento, assim como o estabelecimento de vínculos com outros humanos da equipe.

1.6 A agenda de trabalho deve prever pausas entre os atendimentos. Sugerimos que o protocolo Afago & Afeto – Antes, durante e depois – seja implantado. O protocolo consiste em:

Antes – O cão deve fazer suas necessidades fisiológicas e vestir o colete ou bandana. O cão deve estar descansado e bem de saúde. Qualquer sinal de alteração que o cão apresente fora do padrão de normalidade como diarreia, vômito, estar mancando etc.

deve-se remarcar a sessão caso só haja um cão apto ao trabalho e tomar os devidos cuidados com a saúde do cão.

Durante – refere-se ao manejo dos sinais de estresse que o cão porventura emita, assim como a orientação dos alunos quanto aos lembretes sobre os combinados sempre que necessário. Caso a situação demande, finalize a sessão para garantir o bem-estar do cão. A caixa de transporte poderá ser útil para um manejo intermediário entre o lembrete dos combinados e a finalização da sessão quando necessário. Por exemplo: o cão poderá receber o comando de “caixa” para que o condutor possa reestabelecer a organização das crianças a fim de continuar a sessão. Situações como esta podem acontecer e condutor deverá estar preparado para o melhor manejo. Depois: o cão deverá receber hidratação, um passeio para relaxar podendo farejar a vontade e um item de roer específico para a espécie e descansar. Afinal é hora de relaxar após o trabalho.

1.7 As normas de práticas da AAIL orientam a utilização da metodologia de treinamento de cães com abordagem positiva (LIMA). Este é um requisito importante para a contratação do profissional do comportamento que será responsável pelo preparo do cão.

1.8 Cães que estão em processo de finalização de treinamento (aqui chamados de estagiários) deverão ser introduzidos em ambientes reais de trabalho de forma gradual e com acompanhamento profissional. Sendo assim, há a necessidade de um segundo condutor, ou seja, o profissional que estiver conduzindo o cão profissional deverá manter sua atenção a ele e o cão estagiário ficará sob responsabilidade do condutor em questão, respeitando a necessidade do vínculo seguro. A entrada do cão estagiário deverá cumprir um planejamento feito pelo profissional do comportamento e os combinados com as crianças. Prepare-as para a visita de mais um cão. Não o leve de surpresa, isto poderá desorganizar o que já foi construído.

1.9 O protocolo para ambiente hospitalar prevê banho até 24h antes da sessão de IAA. No caso de ambiente escolar, o banho poderá ser realizado ao longo da semana da sessão. No entanto, atente para uma boa escovação e que as unhas estejam aparadas e a possibilidade de banho a seco (cuidado com produtos muito perfumados). O cão deverá estar asseado para o trabalho. Procure introduzir na rotina de banho do cão o manejo low stress e agende um horário que possibilite o cão ter um período de descanso de um turno pelo menos após o banho e antes da sessão. É

fundamental que o cão tenha sido habituado previamente ao banho ao longo do período de treinamento para o trabalho.

1.10 Em caso de adoecimento do cão respeite a orientação do médico veterinário responsável e organize a agenda de forma a permiti-lo se reestabelecer adequadamente. Somente retome o trabalho com a liberação do veterinário.

1.11 Estabeleça o local de estacionamento o mais próximo possível do local de desembarque do cão. Em dias de chuva isto será de grande valia. Caso o cão vá se molhar muito é indicado que a sessão seja remarçada.

1.12 O tempo de atuação pode variar entre os cães. No entanto, lembre-se que a escola é um ambiente com ruídos variados e isto pode diminuir o tempo que o cão suportará. Planeje as sessões com a anuência do profissional do comportamento. O tempo da sessão está intimamente ligado ao quanto o condutor conhece o cão, ou seja, ao vínculo seguro da dupla, assim como o manejo que fará durante a sessão. Lembre-se também que o cão não precisa ficar à disposição das crianças durante todo o tempo. Não é recomendado que a sessão passe de 60 minutos.

1.13 Cães de pequeno porte devem trabalhar sob superfícies como mesas e não devem ficar à disposição das crianças para o pegarem no colo. A atuação em superfície facilita este manejo, uma vez que o cão estará no nível da criança. O cão não pode permanecer na superfície sem supervisão. A supervisão desses cães deve ser total e ininterrupta. Esta habilidade deve ser treinada previamente com orientação profissional.

1.14 O uso lúdico de ração ou petisco poderá ser feito desde que o cão tenha uma pegada gentil e a criança seja orientada sobre a forma adequada para a entrega deste. A utilização de alimento nas sessões de IAAs é tanto um reforçador, quanto promotor de vínculo e interação, ainda que seja divertido para as crianças.

1.15 Apresente o ambiente previamente ao cão. Ambientes familiares facilitam a atuação do cão e contribuem para o bem-estar.

1.16 Procure organizar as crianças em semicírculo, isto facilitará para o cão afastar-se sempre que necessário apoiando o bem-estar do animal.

2. EM RELAÇÃO AOS EQUIPAMENTOS PARA O CÃO:

2.1 Respeite a legislação local quanto ao uso de equipamentos.

2.2 A AAI não permite o uso de equipamentos aversivos que causem desconforto ao cão, como enforcadores e colar de choque. Portanto, utilize o equipamento que o cão está habituado e utiliza durante o treinamento.

2.3 O treino de caixa de transporte é importante na vida de um cão de IAAs, ela servirá como um espaço seguro e de conforto para momentos de descanso. Existem caixas de transporte de nylon e desmontáveis fáceis de carregar. Lembre-se de treinar neste tipo de caixa também. A utilização da caixa também pode ser intencional, assim como a retirada do cão para colaborar com abordagem técnica, voltada para a facilitação do processo de aprendizagem. Haverá momentos definidos pelo profissional responsável da intervenção que o cão não terá participação direta e poderá aguardar na caixa de transporte.

2.4 Vivemos em um país com clima tropical e os cães podem se sentir desconfortáveis com o calor. Atente para o horário da sessão, garanta um deslocamento livre de calor, dê preferência a ambientes arejados e quando possível com ar-condicionado (sabemos que, infelizmente as condições de muitas escolas brasileiras são precárias, mas o calor pode afetar o desempenho do cão). Utilize tapete e colete gelado (a venda em lojas especializadas) com a devida indicação do médico-veterinário e mantenha-o hidratado.

2.5 O material dos coletes de identificação e de trabalho, assim como bandanas devem ser confeccionados com tecido que minimize o calor. Sugestão: tecido 100% algodão.

2.6 Os equipamentos devem ser mantidos limpos. Respeite as orientações quanto a utilização de produtos específicos aos equipamentos, mas lembre-se que a higienização destes é importante.

3. EM RELAÇÃO AO PROGRAMA/PROJETO:

3.1 O responsável pelo programa necessariamente precisa ter formação em educação e nas IAAs.

3.2 Deve-se apresentar o planejamento à escola que contenha a seguinte documentação: informações do responsável pelo projeto, o período de execução e a frequência das sessões, atestado do médico veterinário a respeito da saúde do cão, atestado do profissional do comportamento responsável pelo treinamento do cão. O programa deve estar alinhado ao Projeto Político Pedagógico da escola e a demanda

do professor responsável pela turma, uma vez que a participação dele é fundamental para a obtenção dos objetivos do projeto.

3.3 É indispensável a presença do professor durante as sessões de EAA. Ele poderá fazer uso subsequente do material trabalhado sem a presença do cão. Esta conduta também é importante no sentido de garantir a segurança e o bom andamento da sessão diante de alguma adversidade e porque é este profissional o responsável pela turma. (Exemplo de adversidade: alguma criança se suja de tinta e precisa ir ao banheiro, o cão apresenta necessidade de se afastar da atividade por algum tempo e o condutor precisará se ausentar, sendo assim as crianças não deverão ficar sozinhas etc.). Além disso, outras funções importantes para a presença e participação do professor são: elo que estabelece a relação entre projeto e escola; integração dos conteúdos abordados nas sessões com o projeto pedagógico; responsabilidade e manejo primário do público.

3.4 Deve-se orientar a escola de comunicar aos responsáveis a implantação de um programa de EAA e colher a autorização por escrito dos mesmos, assim como termos de uso de imagem. O responsável pelo programa poderá auxiliar com esta documentação.

3.5 É indispensável saber a respeito de possíveis alunos alérgicos ou com medo de cães. Isto não inviabiliza a participação dos mesmos na sessão, mas requer atenção e manejo adequado por parte do responsável/condutor do cão.

3.6 É indicado a realização de um projeto piloto com posterior análise e ajustes para dar seguimento ao trabalho na escola.

3.7 Em relação a identificação e equipamento do condutor: A atuação profissional requer conhecimento sobre as IAAs, sobre o comportamento animal além do conhecimento técnico da área de atuação. Aqui estamos referendando a área da educação. Apresentar-se uniformizado faz parte de uma conduta profissional e facilita alunos, funcionários e professores a reconhecerem o condutor do cão e sua marca/empresa caso tenha. A orientação por roupas confortáveis é no sentido do bem-estar único, ou seja, o condutor também necessita estar sentindo-se bem para a condução do trabalho.

3.8 Procure trabalhar com roupas confortáveis e com identificação, como camisetas ou aventais.

3.9 Utilize petisqueira que já esteja habituado e a mantenha sempre limpa.

4. EM RELAÇÃO AO NÚMERO DE ALUNOS PARTICIPANTES:

4.1 O trabalho realizado sobre os combinados será fundamental na tomada de decisão. Por experiência da entrevistada, Pedagoga Andrea Petenucci a sugestão é de um condutor e um cão para cada 7 crianças. A experiência dela orienta que profissionais iniciantes contem com apoio de profissionais mais experientes para a condução do projeto e que seja estabelecida a participação do profissional do comportamento para a avaliação do cão. A revisão da Normas de Práticas da AAll corroborou a experiência de Andrea.

4.2 ENSINAMENTOS DA PANDEMIA QUE DEVEM PERMANECER:

A pandemia ratificou a importância da manutenção das mãos limpas. A presença do cão pode ser um fator motivador para isto. Antes de iniciar a sessão faça uma rodada de limpeza das mãos e o mesmo após a interação. Não permita a interação imediatamente após a assepsia das mãos, especialmente se for com álcool em gel para não causar desconforto ao cão, caso a criança esteja com a mão ainda úmida. Lembre-se que os cães têm um olfato apuradíssimo e devemos prevenir qualquer marcador negativo neste sentido também. A orientação de assepsia das mãos conforme descrição é indispensável em ambiente hospitalar. No entanto, diante do que estamos vivenciando incluímos este item como sugestão para motivação da limpeza das mãos para consolidação de um hábito.

ANEXO B: ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM ESPECIALISTA

- 1) O que levou você atuar nas IAAs, especialmente na EAA?
- 2) Como foi seu processo de formação?
- 3) Diante de mais de uma década de atuação na EAA, quais aspectos você considera importantes na decisão de implementar um programa de EAA.
- 4) Que diferenças você percebeu quando há a utilização do cão em ambiente escolar?
- 5) Toda escola pode implementar um programa? As diferentes linhas da Pedagogia podem interferir na implantação de programas?
- 6) Diante da sua experiência tanto na EAA em ambiente escolar, quanto na formação de voluntários e profissionais você considera necessária a ampliação do olhar a respeito do papel do cão nas sessões de IAAs?
- 7) Como você percebe a utilização do cão nas IAAs?

ANEXO C: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ESPECIALISTA

F: Entrevistadora Fabiane - A: Entrevistada Andrea

F: Olá Andrea tudo bem? vamos seguir os protocolos pois este é um momento oficial para uma entrevista para uma tese de doutorado da Universidade Federal de Santa Maria. A Andrea é uma referência nacional nas Intervenções Assistidas por Animais (IAA), especialmente na Educação Assistida por Animais (EAA), afinal de contas ela é pedagoga e mestra em Fonoaudiologia pela PUC/SP. Teve a sua pesquisa de mestrado na área, com ênfase na leitura assistida tendo seu artigo já publicado e é convidada para compor a metodologia da tese que é a entrevista semiestruturada com uma profissional da área. Muito obrigada.

A: Eu que agradeço é uma grande honra receber esse convite e estou muito feliz de compartilhar com vocês essa jornada maravilhosa.

F: São sete perguntas que vou compartilhar na tela e depois vou te mandar o termo de consentimento esclarecido para anexar no escopo da tese. A entrevista ficará gravada para que eu possa depois fazer a transcrição e fazer a interpretação dos dados que tu vais nos contar a respeito da tua jornada de mais de uma década nas intervenções assistidas no Brasil.

Estou aqui por incrível que pareça nervosa. Muito bem vamos à primeira pergunta. O que levou você a atuar nas Intervenções Assistidas por Animais especialmente na educação assistida por animais?

A: Bom eu nasci numa família cachorreira que hoje seria chamada literalmente uma família multiespécie. Quando nasci a gente já tinha cães que faziam parte da família, treinados inclusive, então essa temática do envolvimento com cães faz parte da minha biografia. No ano 2000 eu empreendi na área de pet shop com uma veterinária amiga minha. E lá na loja, no pet shop, nós fizemos a introdução de uma labrador que ia trabalhar comigo todos os dias, minha parceira de trabalho no pet shop, minha companheira. E quando eu fui escolher a raça e buscar o treinamento dela eu já tinha em mente que eu queria algo diferenciado e tive contato pela primeira vez com adestramento positivo, através da ONG que era composta pelo Alexandre Rossi,

Priscilla Lotufo e Dante Camacho na época. A gente está falando aí de março/abril do ano 2000. Seguimos adestrando-a. Foi a Priscila Lotufo, quando ela já estava adulta e tinha contato semanal tinha um vínculo muito próximo e grande com a adestradora, Priscila Lotufo, foi que ela me perguntou se eu poderia “emprestar” a minha cachorra para que ela fosse fazer algumas visitas a umas casas de passagem de Criança com câncer. Eu falei sim pode, mas o que é isso né?

Ela falou é pet terapia. Na época era assim que se chamava, ela usava esse termo inclusive e ela passou a levar a minha cachorra. Aquilo me chamou muito a atenção. Passados quatro ou cinco anos eu me interessei, como esse tema fazia parte do meu cotidiano. Por conta do convívio com os cães Pet no pet shop. Eu me apaixonei pela abordagem positiva porque nós passávamos, os tutores também passavam, pela experiência do adestramento, então eu me apaixonei e fui fazer um curso com eles na Cão cidadão.

Eu fui aluna, e quatro anos depois quando eu resolvi sair desta sociedade desta área porque fui entendendo que os cães tinham outro propósito, maior na minha vida, eu resolvi que ia me dedicar a esta área e aí já entendia que se chamava Intervenções Assistidas por Animais. Passados alguns anos fui fazer curso na OBIHAC para entender melhor o que era, e o curso era de Terapias Assistidas. Era assim que a gente mencionava o termo. Eu falei poxa é isso mesmo que eu quero e eu fui unindo então paixões. Eu sempre gostei de leitura, sou uma leitora voraz e entendia que leitura faz toda a diferença na vida das pessoas, não só do ponto de vista de te levar para outros mundos através de um bom livro, como interpretação de texto, entender aquilo que é dito, fazer opções, ter um posicionamento crítico como sujeito e eu falei isso que eu vou fazer.

Eu tive uma lesão na coluna e precisei ficar um pouco fora de ação e daí durante esta convalescença eu me decidi, eu vou realmente dar uma guinada e fazer uma trajetória de uma nova possibilidade profissional que envolvesse os cães. E aí então eu realmente fui prestar o vestibular para a área da educação para poder atuar. Primeiro, eu me apaixonei por uma ação da Priscila. Em seguida eu fui aprofundar o que era isso, entender conhecer e a partir do conhecimento da área eu uni então as paixões. Uni qualidades vamos chamar assim competências que já existiam no meu cotidiano em relação à leitura a uma ação profissional, prestei vestibular fiz a faculdade de Educação. Na reta final da Faculdade de Educação começou o treinamento da minha primeira cadela de intervenções assistidas, a Zoah, minha primeira cadela de terapia

porque era assim que nós mencionávamos. Depois, a gente até mapeia não sei como é que vão ser as perguntas, mas também era uma questão minha cachorra mesmo atuando na educação comigo ela levava no colete a alcunha de cão terapeuta. E assim foi. Então quando chegou em 2009 eu já tinha feito curso, já estava no final da universidade, a Zoah já estava sendo preparada, então nós nos formamos praticamente juntas.

F: Agora no finalzinho da primeira questão já entrou um pouquinho na segunda. E como foi o teu processo de formação? Quer acrescentar mais alguma coisa?

A: Eu acho que é bacana dizer sobre isso porque o que eu percebo nesses anos de atuação é que as pessoas se apaixonam e se jogam na área e depois elas penam pela ausência de formação. É bacana essa pergunta aparecer porque o processo de formação dentro de qualquer área quando a gente olha para todas as profissões que existem, ele é um processo gradual. Você teve o desejo de ser psicóloga e não se jogou na psicologia atendendo. Eu quis ser pedagoga, ainda que eu tenha ido para a área da educação por conta das intervenções assistidas, das terapias assistidas na época. A gente não se joga numa área de atuação de forma aventureira porque a gente está na relação com o outro. É uma grande responsabilidade com o outro, quer seja o cão ou o outro seja teus interlocutores na área de formação quer seja o paciente, o aluno.

F: Vou fazer um adendo aqui em decorrência do que tu trazes. Não está previsto. A título de orientação para outras pessoas porque teu processo foi, talvez a gente possa dizer, o inverso. Tu fostes buscar a pedagogia porque queria trabalhar com os cães. Talvez seja uma exceção. Não sei se a gente tem outras exceções no Brasil, se tiver acho que a gente não conhece porque em geral o que acontece é que as pessoas têm uma formação e querem trabalhar com cães nas intervenções assistidas. Quer falar um pouquinho mais sobre isso? Porque falando da tua formação a gente pode lançar uma luz, clarear para outras pessoas que têm interesse em atuar nas intervenções assistidas.

A: Eu penso que independente da rota de como você chega nas intervenções, se você como eu que fez o caminho inverso. Primeiro, eu me apaixonei pelas intervenções e

daí eu fui buscar conhecimento e as pessoas na época me diziam: você vai fazer faculdade de Educação por causa disso, mas vai trabalhar com os cachorros e as crianças lendo você não precisa. Eu falava: gente, a leitura é uma competência mais basal do ser humano, como você vai se aventurar a levar um trabalho que envolva leitura sem conhecimento técnico você pode aí trazer problemas para o processo dessa criança na aquisição da leitura antes de ser educadora, isso já era muito claro para mim, por isso eu fui para a universidade. Mas, independentemente da jornada, da rota, o que eu penso é o seguinte, você trabalhar nas áreas das intervenções é como você criar um foco, uma especialização. Então, de novo a gente precisa fazer o pareamento com quais são as jornadas de formação de um profissional independente de focar nesta ou naquela área. Por exemplo: eu me formei médico e se eu quero ser um oftalmologista, vou me especializar. Então me formei pedagoga eu quero trabalhar com Intervenções Assistidas eu preciso me especializar. Nós temos agora um ou outro curso aparecendo de especialização, iniciando este processo de especialização para a área, mas até então não existia. De qualquer maneira você precisa se instrumentalizar, ampliar as ferramentas para que você possa usar esta abordagem vamos chamar assim ou agregar a presença do animal na sua prática porque a prática profissional não se altera. Ela fica só ampliada com a chegada do cão. No meu caso vou sempre falar só de cães porque foi o único animal que eu trabalhei e trabalho até hoje voltada só para cães.

F: Sim e a tese está direcionada para a atuação de forma assistida com cães. A gente está chamando muito a atenção para a questão do bem-estar de todos os envolvidos, ou seja, afinal de contas a gente tem aí já um movimento das organizações internacionais batendo nessa tecla, levantando essa reflexão a respeito do conceito de bem-estar único. Ou seja, precisa ser bom para todos os envolvidos. Quando a gente diz todos os envolvidos e o óbvio precisa ser dito, é importante que seja dito, a gente está incluindo o cão. Então quando tu falas que tu e as Zoah se formaram juntas foi porque a Zoah também passou por um processo todo para o preparo para a atuação. Ao longo das perguntas a gente vai falar sobre o ambiente escolar e podemos trazer um pouco mais essa especificidade, afinal de contas o ambiente escolar é um dos mais desafiadores para a introdução dos cães. Quer colocar mais alguma coisa ou a gente pode passar com a terceira.

A: Podemos passar

F: Diante de mais de uma década de atuação na EAA, quais aspectos você considera importantes na decisão de implementar um programa de EAA?

A: Olha como você já antecipou quando a gente está falando de educação, a gente está falando de uma multiplicidade de saberes. Então, eu acho que primeiro, esse profissional precisa saber muito bem o seu lugar dentro do escopo da educação. No meu caso eu quis trabalhar com a área da linguagem, da leitura. Este é o meu foco. Então primeiro qual é o meu escopo? Qual é a minha abordagem? Quais são minhas referências teóricas? Veja que é uma atitude de decisões técnicas. Primeiro eu me decido tecnicamente, como será desenvolvido o processo de ensino e aprendizagem. Este é o primeiro passo dentro dessa decisão. Você pode incluir a intervenção assistida. Você deseja que seja a educação assistida dentro da sua visão do processo de ensino e aprendizagem que vai ser proposto para o aluno, para a classe, para o grupo no contraturno. Não importa o formato você pode atender uma criança no contraturno com dificuldade de aprendizagem por exemplo, você pode fazer como eu fiz, muitas rodas de leitura para incentivar a leitura em livrarias e em outros espaços não escolares, ainda em espaços não escolares você pode trabalhar na pedagogia hospitalar como eu trabalhei. Então, a primeira coisa é a estrutura definida do processo pedagógico. No meu caso eu sempre trabalhei de forma assistida. Eu me formei para trabalhar de forma assistida, eu só trabalhei de forma assistida e para mim sempre que eu pensava em educação era educação assistida por animais utilizando os cães. Uma vez que eu decidi o formato, eu preciso olhar para esta minha companhia de trabalho que é o cão. Este cão também precisa ser contemplado neste formato. O formato que eu estou propondo conversa com este sujeito em suas habilidades? Ele está preparado? Foi como você disse e eu falei que nós nos formamos juntas, porque foi exatamente isso. Zoah passou um longo processo para ficar preparada para ser introduzida na educação assistida por animais com cães. Essa introdução dela foi muito homeopática. Primeiro eu comecei atendendo só individualmente dentro do processo de treinamento dela. Então se eu olhei para minhas aptidões técnicas a mesma coisa foi feita para as aptidões técnicas da Zoah enquanto cão terapeuta, como chamávamos na época. Ela uma vez que ela estava preparada e a gente pôde ir ampliando as ações. A primeira estrutura, o que é mais importante é que tudo esteja alinhado no processo de ensino aprendido. Tanto o

formato quanto os sujeitos envolvidos, profissionais porque neste caso eu considero que ambas são profissionais. Tanto eu quanto a Zoah. Então se eu quero formação técnica para atuar na educação a minha companhia de trabalho também tem que ter uma atuação técnica para essa atuação.

F: Naquela época quando tu e outros colegas começaram nomeava-se como Terapias Assistidas por Animais da mesma forma se chamava o cão de cão terapeuta. E isso ainda é uma discussão necessária que a gente precisa ter na área. A gente vê um movimento iniciando para pensar a nomenclatura mais adequada para fazer referência ao cão, uma vez que terapeutas são os humanos e mesmo que quisessem manter a terminologia Therapy dog/Cão terapeuta a gente está falando justamente aqui de uma tese que tem ênfase na IAA em ambiente escolar, ou seja os cães vão atuar em um ambiente que não é terapêutico. Então estou fazendo essa consideração porque a entrevista com a Andrea também é muito importante porque ela vai nos dar a história. A gente também está falando da história das Intervenções Assistidas no Brasil e tomando como referência a tua biografia, evidentemente.

A: Eu comecei a atuar antes do encontro da Iahaio no Rio de Janeiro, pela primeira vez se falou desse desmembramento. Ufa! Aleluia! Foi um presente recebido (porque não faz sentido que a área da educação esteja atrelada a Terapia). Eu entendo que historicamente, a educação assim como, a área das intervenções de maneira geral veio dentro da área da saúde, se desenvolveu principalmente dentro da saúde mental, lá fora e aqui. Só que nós não tínhamos claramente estes desdobramentos. Veja, a gente diz muitas vezes por exemplo que Dra. Nise da Silveira é a patrona das intervenções assistidas. Porém a Dra. Nise trabalhava na área do vínculo humano-animal, da interação humano-animal e não da intervenção assistida. A intervenção pressupõe que ela é estruturada, ela é intencional o uso do animal é intencional na intervenção e nela a gente está colhendo os frutos da interação. Então tudo isto ficou confuso na área e criou aí uma nuvem que faz essa nebulosa em relação à compreensão. Então como você disse os cães não são terapeutas, os humanos são. Porém até hoje as pessoas confundem os benefícios terapêuticos de por exemplo, o contato com um filhote com um gato ou um cão, com os animais, com a natureza de maneira geral. Se você fica contemplando o mar é terapêutico, você vai acalmar, a natureza é terapêutica, não só os cães, não só os animais. Mas eu não posso dizer que se eu colocar uma criança contemplando o mar ensiná-la a escrever as letras M

A R eu estou alfabetizado efetivamente, ela pode ficar mais aberta a escrever as letras num processo muito lúdico.

F: Pode ser um processo facilitado seria isso?

A: Facilitado! Então, a interação sempre vai facilitar e ela tem um aspecto terapêutico, mas ela não tem a intencionalidade técnica da área das intervenções assistidas, e isso é bacana. Esse foi o processo histórico que eu principalmente vivi. Eu vivi exatamente esta evolução e pretendo seguir com estes movimentos que você mencionou, da atualidade. Como você disse a tese prima pela saúde única e são as grandes estruturas atualizadas as intervenções são essas duas, saúde-única e bem-estar o único.

F: Em alguma medida ao longo dessa história foi um pouquinho negligenciado, o bem-estar único.

A: Muito negligenciado! Talvez você ver pouquíssimos profissionais percebiam a importância de você se dedicar a parte de comportamento do seu parceiro. Em alguma medida, ficava muito claro que esses cães estavam prontos por seu comportamento plástico que é muito ajustável às situações, são animais sociais então eles se adequam aos grupos. Isso já era suficiente, já está suficiente pois já gostam da interação. Não é assim! É muito além disso e hoje nós vemos isso. Talvez por uma questão biográfica como eu disse, eu vim de uma casa que numa época em que pouquíssimas pessoas olhavam para adestramento. Eu nasci em 1968 e já tinha um casal de pastores que já tinham sido adestrados, eles já eram um ano e pouco mais velhos do que eu e que já estavam adestrados na época pelo que se chamava Força Pública que viria a ser a Polícia Militar. Então, talvez porque o meu ambiente tivesse um olhar para os cães eu vim carregando isto que hoje eu agradeço. Sem dúvida fez uma diferença na minha performance no meu desempenho e principalmente no bem-estar dos meus cães.

F: E inclusive um dos apontamentos que as revisões sistemáticas feitas por colegas internacionais um apontamento, justamente, é não haver a descrição do bem-estar do cachorro nos protocolos, nas metodologias como o cão foi introduzido. Enfim, os

inúmeros artigos que a gente tem na área e a gente sabe pelas revisões que muitos não são de boa qualidade porque tem a problemática nas metodologias e por isso também nos dão esse indício de uma preocupação com o bem-estar único e com o bem-estar dos cães. Então acho que esse é um ponto importante.

A: Muito importante eu entendo que realmente é uma evolução histórica, porque se a gente for pensar quando começou no século 17, 18 esse uso dos animais trazendo benefícios a gente estava olhando para o benefício de quem? Dos humanos. Nós não tínhamos nesse olhar dos animais como seres sencientes. O foco era no humano e nós não tínhamos esse entendimento dos animais como animais sencientes, a gente ainda tinha de uma forma histórico-religiosa esse lugar de que os animais não sentem. Não tinha este olhar do sujeito para o animal. Então como a gente não tinha historicamente um olhar de sujeito para este animal a gente não se importava historicamente dizendo, para o bem-estar. Vamos pensar que nós não tínhamos nessa época nem o conceito de bem-estar e de estresse para os humanos. Então com a evolução da ciência, a gente tem tanta pesquisa de cognição, que os cães reconhecem nossas emoções, de expressividade de emoções dos próprios cães. É necessário que a gente entenda que este outro sujeito tem um lugar posto dentro das intervenções.

F: Me passou agora uma questão que vou lançar aqui para a tua análise. A gente tem uma evolução em relação à etologia. Inclusive duas grandes pesquisadoras brasileiras à frente de pesquisas muito importantes na área demonstrando a cognição dos cães. Ao mesmo tempo que a gente tem essa evolução na área da etologia da compreensão do bem-estar dos cães, como eles se comunicam quando não estão gostando de alguma interação a gente tem uma certa estagnação nas intervenções assistidas a ponto de a gente ainda considerar pet terapia. É uma lógica possível a gente pensar dessa forma? Então, acho que tem uma certa discrepância na evolução dessas duas áreas que precisam estar interligadas para a atuação nas intervenções.

A: Eu penso que a gente está falando de algo muito parecido com o que acontece com a leitura. Quando eu te contei que as pessoas diziam: você vai fazer uma faculdade, vai fazer uma formação para poder atuar com as crianças para ler com as crianças e cachorros? A leitura faz parte do nosso dia a dia. Então ela é banalizada

do ponto de vista técnico porque se a gente está num ambiente que todo mundo lê, todo mundo letrado e a nossa sociedade é muito letrada no sentido de você precisa saber ler o número, o nome e o número do ônibus e mandar mensagens no celular, enfim o uso das letras permeia o nosso cotidiano de forma banal, então eu vou perdendo um pouco a dimensão técnica, a dimensão científica e técnica da área da educação, do ensino da leitura é a mesma coisa acontece com os cães. Historicamente, é milenar, este animal se desenvolveu conosco. A gente tem aí cientistas dizendo que se nós não tivéssemos a companhia deles nós não teríamos tido as evoluções que tivemos inclusive o cão também é banalizado, assim como a leitura. Todo mundo já viu um cachorro, todo mundo conhece um cachorro. Todo mundo conviveu com o cachorro, todo mundo entende um pouco de cachorro inclusive, mas eu sei eu sempre tive e já tive dois três quatros, vão ficando mais velhos a gente vai ampliando isso. Então como ele é de uso comum, como a leitura faz com que a gente perca a perspectiva técnica. Quando a gente não está falando do nosso convívio com cães a gente está falando da utilização dos cães de maneira intencional visando o desenvolvimento biopsicossocial dos humanos. Perceba, ainda que ele esteja impregnado deste convívio, não isenta da importância técnica e da estruturação técnica. O que eu percebo é isso.

F: Isso que está falando já quebra a ideia: Mas as ele (cão) gosta! Ele está gostando! Acho que cabe muito bem essa tua fala porque a pergunta é está gostando sob o olhar de quem? Ou sobre a compreensão de quem? Compreensão humana ou a compreensão que o humano tem por meio de tudo isso que a gente falou até agora. Ou seja, do conhecimento sobre o comportamento do cão, do que o cão está expressando naquele momento. Acho que é fundamental isso que traz, de extrema valia no sentido de a gente poder contribuir com a área porque quando a gente introduz um cão em qualquer ambiente de trabalho, especialmente no ambiente escolar e este cão não é devidamente preparado como foi a Zoah ou como os meus cães estão sendo preparados para isso é em alguma medida assumir um risco de acidente.

A: Vamos pensar que a escola é um ambiente estressor até para os humanos. Vou trazer um quesito específico que para mim, ele é o marcador mais importante dentro da escola: o ruído, o nível de ruído. Na minha pós-graduação, como eu fui para a área

da fonoaudiologia e tive contato com a professora, que é uma pesquisadora de saúde vocal de profissionais da área da educação, de professores, e ela então me trazia muito desta informação a respeito dos níveis de ruído da escola e do impacto para voz, para audição etc. dos humanos. Quando a gente vai transportar essa informação, que já é reconhecido um impacto no humano, a gente transporta para um animal que tem uma audição muito mais apurada do que a nossa, o quanto de impacto pode gerar neste cão. As adaptações para o ambiente escolar são diferenciadas das outras áreas das intervenções para o escolar. Eu não estou dizendo de todos os ambientes da educação, porque você vai ter ambientes como o contraturno como outros espaços que são mais agradáveis para os cães do ponto de vista do ruído especificamente, aqui eu estou fazendo um recorte sobre o ruído. A escola tem um nível de ruído, é o sinal que marca o fim e começo das aulas, no recreio, são as crianças descendo as escadas gritando. Enfim o nível de ruído da escola é muito alto. Eu trabalhei em hospital, em livraria, em contraturno individual e em grupo, eu tive uma jornada bem eclética de ambientes dentro das intervenções. Para mim não existe nenhum ambiente mais complexo e mais desafiador para se atuar não só para o cão, para uma equipe de intervenções assistida atuar do que a escola.

F: Deixa-me fazer mais dois adendos. Primeiro, que muito provavelmente tu sejas a pessoa que mais implementou projetos de Intervenções Assistidas em ambientes variados com públicos diversos. Então, isto é muitíssimo importante, a tua constatação. Até porque a gente ainda não tem pesquisa sobre trabalhamos com os dados, os teus dados biográficos para que a gente possa subir o degrauzinho da evolução como eu brinco, ou seja que a gente possa ir achando formas e encontrando metodologias para poder fazer pesquisas para corroborar isso no futuro.

A: Até para entender, saber quais são os espaços adequados e talvez com pesquisas robustas, com mais conhecimento em algum momento por exemplo a gente possa chegar a uma situação hipotética, a conclusão de que escola não é um bom espaço para os cães, por exemplo e está tudo bem. Porque na minha opinião a premissa que entrou em vigor que nunca mais poderá ser abandonada é saúde-única e bem-estar único. O que vier a partir disso é lucro para todos.

F: Os filósofos da teoria crítica que embasam a tese estivessem vivos concordariam, imagino. O segundo adendo que eu queria fazer é: isso que a Andrea traz vai ao encontro da importância dos protocolos. E é por isso que a intenção dessa tese é também propor um protocolo de introdução dos cães em ambiente escolar, dentro do que a gente tem de condições, dentro do que a gente tem de conhecimento e de condições para este momento específico, em 2021/2022, nós vamos propor um protocolo de introdução dos cães para minimizar o estresse que os cães podem vir a sofrer se não introduzidos de forma gradual e adequada e isto inclui conhecimento, inclui técnica.

A: É importante e muito útil. Que bom que vocês vão propor.

F: Então vamos lá. Quais diferenças você percebeu com a utilização do cão em ambiente escolar?

A: Total! Muitos impactos de modificação de ambiente. E aí a gente pode aqui discorrer sobre vários, mas o mais reconhecido não só que eu reconheço na minha prática, mas que a ciência também já reconheceu em pesquisas da área é a alteração comportamental neste ambiente. Eu lembro de relatos das professoras dizendo: sempre tem aquele aluno com uma certa dificuldade de organização dele no grupo, porque a gente tem aí muitos perfis de personalidades e algumas têm uma dificuldade, eu tinha uma dificuldade. Talvez eu tenha ido para a área da educação porque eu sofri bastante na escola. Eu gosto do movimento. Eu tinha uma dificuldade de ficar parada sentadinha ouvindo, eu queria agitar um pouquinho. Então a gente sempre tem esses que agitam que são mais difíceis de organizar. Então, o que a gente percebe, a presença do cão mexe com as motivações tanto intrínsecas quanto extrínsecas, isto é um fato. As crianças se organizam e cumprem combinados de uma forma que sem a presença do cão nós não alcançamos a mesma qualidade de compromisso. Vou dizer assim a mesma performance dos combinados. Então a professora dizia: é tão bom quando eu sei que você vai vir por que daí eu já falo com os alunos, lembra que a gente combinou de se organizar: como você vai ficar gritando ou deixando cair sujeira no chão, vai lá apontar o lápis, por exemplo, joga sujeira no chão. A gente trabalhava uma série de coisas para a introdução desse cão de forma segura. Então, o primeiro e o maior impacto é comportamental, sem dúvida nenhuma. Eu nunca tive

problema nenhum de cumprir o combinado com as crianças. As crianças se envolvem, as crianças se comprometem em relação aos cães. Obviamente, isto era construído e aqui de novo, a grande fala é: não dá para esperar que as crianças na presença dos cães simplesmente se organizem naturalmente sem a orientação técnica. Por isso a intencionalidade do uso? Isto é um facilitador na hora de você fazer esta troca com os combinados. Para mim, que sou de uma linha socioconstrutivista, precisa ser construído em conjunto. Eu não posso chegar lá e colocar um cartaz com leis, daí não seriam combinados, são leis: vocês vão seguir isto aqui e acabou, não funciona para mim. São combinados, então, primeiro, entro eu na escola com cães de pano para fazer os combinados e a partir desses combinados que são feitos na interlocução professora - alunos em prol do bem comum deste grupo. Eu entro com os cães de tecido que representam os meus cães conversando sobre os cães, sobre o seu bem-estar, quais são os manejos adequados, a gente constrói juntos. Então veja, os cães começam com um impacto comportamental antes de serem introduzidos. Quando eles são introduzidos, essas crianças sabem, elas já têm um norte de como se comportar. E aí tudo é facilitado. Dentro de uma seção de educação assistida eu percebo que o cão facilita os processos de ensino aprendizagem porque realmente é uma delícia. É uma delícia para mim, eu não sei como seria ser professora, estar com as crianças sem cachorro seria tão sem graça, eles são maravilhosos, são companheiros maravilhosos do processo de ensino e aprendizagem, desde que tudo isso seja entendido de forma intencional e técnica. Minha fala não é uma fala frouxa porque é maravilhoso mesmo. Mas está no pano de fundo, em qualquer fala minha é a intencionalidade e o preparo técnico para isso.

F: Eu vou fazer mais um adendo, mas só para compor um pouco mais a questão cinco que a gente vai falar agora. O adendo é: o cão vai atuar nos dois turnos de uma escola, ele vai de manhã e volta de meio dia? Vai atender todas as turmas? Enfim, tudo isso são coisas que eu estou te perguntando por que é algo que a gente vai incluir na proposta do protocolo também. Então a tua experiência é importante para em alguma medida a gente ter esse protocolo com fundamento de alguém que está atuando há muito tempo já que a pandemia nos impediu de fazer uma validação de protocolo, enfim então a gente está fazendo como é possível de forma reflexiva.

A: Exatamente, de uma forma reflexiva. Eu penso que esta reflexão que antecede é muito útil, porque nada te impede de depois seguir e fazer uma validação se for o caso, é claro. Mas essa reflexão é útil então talvez nesse aspecto isso tenha sido muito benéfico.

F: E também é uma tese na educação. Ela tem esse objetivo que é fazer com que as pessoas reflitam, colaborar e abrir um espaço de reflexão que talvez ao longo dessa trajetória que a gente tem nas intervenções assistidas no Brasil ainda não tenha sido tão pensado por muitas pessoas.

A: Como eu acho que não só não tenha sido pensado como não foi divulgado, de qualquer forma, se foi pensado não foi divulgado. Eu mesmo sou um exemplo disso. Eu implantei, era a minha forma de atuar, mas eu por muito tempo por um pouco mais de uma década eu me dediquei a fazer. Eu fui para o mestrado na reta final. Então, assim você começar tendo este ponto de partida eu fui para o mestrado inclusive porque percebi exatamente essa sua fala. E que era a fala de uma grande amiga minha que é mestre e doutora em fonoaudiologia com pesquisas dentro da área da fonoaudiologia. Ela dizia, Andrea se as pessoas como você que fazem e fazem bem-feito não falarem daquilo que fazem para a ciência a gente não vai ter caminhos. Então, quando você vem e fala e daí o que aconteceu quando eu fui para o mestrado eu já fui com a “mão na massa” de novo. Quando eu te digo que eu acho muito benéfica esta ação gerada pela pandemia de fazer essa estrutura reflexiva primeiro. Porque ela é que vai despertar nas pessoas os seus questionamentos como “de fato não tinha pensado nisso” por exemplo. Cria pontes de interlocução para que esta pessoa minimamente entenda que ela precisa buscar recursos. E aí já é uma contribuição gigantesca para a área. Então sobre a pergunta sobre se a gente pode trabalhar com a turma etc.

F: Une ela com a pergunta cinco. Se toda escola pode implementar um programa e se as diferentes linhas da Pedagogia podem interferir na implantação de programas? Porque é bom a gente lembrar que eu sou psicóloga, apesar de eu estar na educação e a linha de pesquisa que eu estou inserida é na formação de professores. Então é muito importante saber a opinião e análise de uma pedagoga sobre esse aspecto, se

as diferentes linhas da pedagogia podem de alguma forma interferir na implantação dos programas.

A: Primeiro, o tempo de exposição do cão precisa ser ditado pelo próprio sujeito. Vou sempre no mesmo exemplo: fiz Pedagogia Hospitalar, trabalhei em hospital e já te contei até aqui que eu já trabalhei na escola, que eu adoro criança, que eu adoro envolver leitura, crianças e cachorros que é esse é o meu maior foco de atuação. Você me diz então: Olha Andrea eu sou do Hospital A.C Camargo (que é um hospital oncológico referência, um dos grandes nomes da oncologia no Brasil situado em São Paulo onde eu estudei inclusive, estudei na PUC e no A.C Camargo a Pedagogia Hospitalar) e gostaria que você implantasse uma roda de leitura mensal aqui no hospital para as crianças da oncologia e eu vou dizer muito obrigada, eu vou ver quem eu posso indicar para te atender porque a oncologia pediátrica é um lugar que tem um impacto emocional muito forte para mim. Já trabalhei com oncologia com adultos, já trabalhei nos cuidados paliativos com adultos, mas para mim o adoecimento das crianças, não sei se minha prática do cotidiano saudável das crianças tenha um valor emocional muito grande, quando eu as vejo adoecidas enfrentando um tratamento oncológico por exemplo o meu custo emocional é muito alto, então a minha probabilidade de queda de rendimento técnico ou até eventualmente de um adoecimento é muito maior. Não é para mim este ambiente percebe então primeiro é este cão e para o ambiente escolar? O preparo vem mostrando estas avaliações constantes o olhar do responsável do profissional responsável por comportamento tem indicado que realmente é possível o uso dele na escola? Ótimo! Quanto tempo? Primeiro, a gente não vai fazer dois turnos nunca, nenhum cão vai trabalhar todos os dias na escola. Para mim, o cão não vai trabalhar todos os dias na escola, a inserção dele é ocasional e uma vez na semana no máximo. Vamos pensar que quando eu já estava atendendo em escola inicialmente nos projetos em um determinado momento eu tinha quatro cães trabalhando. Então tinha rotatividade de cães em primeiro lugar, segundo, eu não entrava em sala de aula sozinha só com um dos meus cães, mas com dois ou três cães o que também diminui o foco, então a quantidade de cães vai interferir na estrutura deste processo. O tempo deste animal ou destes animais e o formato de utilização deles também vai diminuindo. Eu trabalhava com cães de diferentes tamanhos e tinha um grande e o cão pequenininho, o meu cão pequeno eu não o considerava como um titular no atendimento. Ele era sempre um cão secundário

ainda que, ele tivesse todo protocolo de desenvolvimento de adestramento igualzinho aos outros. Mas ele é um cão pequeno. Se eu focar as minhas ações todas nele ele vai ser muito manipulado, ele é pequenininho então ele é um cão secundário. Aqui a gente começa a falar de elementos que estão envolvidos antes da própria Educação como eu vou introduzir e vou inverter.

Vou responder sobre as teorias. Elas não vão impactar na escolha de trabalhar de forma assistida ou não. O que vai acontecer é que este cão terá funções diferenciadas assim como as abordagens são diferenciadas e assim como deve ser para vocês na psicologia. Uma pessoa que trabalha com uma abordagem psicanalítica difere de uma pessoa que trabalha com uma outra abordagem como a TCC por exemplo. Então quem trabalha por exemplo com uma abordagem da pedagogia Waldorf, o cão é adaptado à ação profissional. Então por exemplo vamos supor que eu trabalhasse num viés mais tradicionalista que tem menos interlocução da construção ao invés de construir um combinado eu poderia levar um cartaz e discutir com as crianças que aquilo será cumprido como norma por exemplo. Por exemplo não vou levar nada e eu vou construir os combinados à medida que eles acontecem. Para que isso ocorra eu vou ter que ter um grupo reduzido porque eu não tenho como fazer isso com 25 crianças na sala de aula de forma muito orgânica. Na pedagogia Waldorf por exemplo as abordagens são mais orgânicas aí as salas são reduzidas já por si só você não tem salas grandes. Percebe que a linha pedagógica permanece ali. Eu sempre digo o seguinte: se eu tirar o cachorro o processo de ensino e aprendizagem vai acontecer? Vai! Então perfeito. O cão vem como um bônus, é como um dispositivo a mais como algo que você traz para sua prática para ter o impacto comportamental, para ter a abordagem lúdica, mas ele vem para o contexto que já existiria sem a presença dele. Primeiro, as abordagens vão seguir se estruturando como elas devem ser, a adaptação deste cão precisa ser respeitada a partir dessas premissas de saúde-única e bem-estar único nos dias de hoje. Então, não dá para a gente dizer, quantificar. Dá para a gente dizer é possível desde que todos estes elementos sejam verificados durante a construção desta ação. Dentre elas está a forma de usar o cão, recursos para este cão, por exemplo, eu trabalhava com caixa de transporte em sala de aula por dois motivos: um para eu fazer as trocas de turno de descanso dos meus cães, para manter o bem-estar deles durante a sessão. Então, se uma sessão é um pouco mais longa, meu cão não precisa estar ativo durante toda a sessão. Não só do ponto de vista do bem-estar do cão, isso é útil também do bem do ponto de vista pedagógico

porque certas tarefas, certas atividades requerem por exemplo foco e atenção e o cão está ali para distrair. Ele vai distrair, porque ele é vivo e se mexe, ele é fofo. A gente tem aí a questão da biofilia, a gente tem uma questão biológica que nos animais nos atraem. Os seres humanos têm uma pré-disposição a prestar atenção nos animais biologicamente falando. Então se eu deixar este cão o tempo todo ali em algumas situações pedagógicas ele vai concorrer negativamente para que eu alcance os meus objetivos.

F: Mas aí o que eu ia complementar puxando a tua fala anterior é que entra a compreensão do uso intencional do cão que é o que você nos trouxe. Você precisa saber por que vai colocar o cão naquela situação e com qual o objetivo. É outra coisa que eu ia te perguntar que também surgiu agora, a questão do que você chama de resíduo. Antes eu quero registrar aqui que muito do que está no protocolo evidentemente foi porque eu aprendi com a Andrea. Então, é importante que isso fique registrado, pois o que eu vou fazer vai ser organizar essas ideias no sentido de facilitar o acesso para as pessoas, uma vez que é ao longo do meu processo de aprendizagem com a Andrea que a gente detectou a importância de colocar essas informações para o mundo, para o acesso dos nossos pares. Então vai acontecer no protocolo.

A: Mas esta abordagem que vai gerar esse protocolo é tão minha quanto tua porque quando você veio para mentoria buscar a ampliação de aprendizagem, a maior parte dessas questões já existiam dentro de você. Você só encontrou eco em mim, mas elas não surgiram a partir de mim então são as construções do sócio construtivismo em ação total.

F: O meu objetivo com a tese é em alguma medida também fazer isso. Eu encontrei acolhida para minhas angústias e questionamentos quando fui fazer mentoria com a Andrea e aí a ideia é justamente compilar isso para facilitar a vida das outras pessoas que talvez possam passar pelas mesmas angústias que eu já passei. Então tendo esse acesso, facilita a vida de todos e promove o que a gente tanto quer e como a gente falou no início é um movimento global, ou seja, as nossas instituições internacionais estão reunindo forças-tarefas para fincar definitivamente essa bandeira do bem-estar único e da saúde-única nas intervenções assistidas. Então, a intenção é nesse sentido de compilar e alcançar esse conhecimento para os nossos pares.

A: Ação técnica e profissional. É o que vai acontecer com a Pet Partners, vem o lançamento de uma nova marca ligada profissionalização. Se até a Pet Partners chegou neste ponto o que dirá o resto do mundo.

F: O que sobra para nós? Seguir, claro. Veja bem quando eu digo seguir as grandes instituições eu não estou dizendo que a gente não tem que refletir sobre. Até porque nas nossas discussões inclusive a gente faz críticas e fez críticas ao conceito de intervenção assistido proposto pela Iahaio. Ou seja, mas a gente tem referência, a questão é essa me parece. Vamos olhar para as nossas referências mesmo que elas sejam internacionais e criar as nossas aqui que é um movimento que a gente tem se esforçado muito para fazer juntas. Mas eu queria que falasse um pouco sobre o que chama de resíduo.

A: Agora mesmo quando a gente falou sobre os combinados com os cães de tecidos, os cães já estão na escola antes da sua própria presença. A mesma coisa se dá de forma inversa. você também pode deixar a presença dos cães atuando mesmo na ausência física desses animais porque eles realmente se tornam personagens do cotidiano daquele aluno, ou grupo de alunos. Então, as produções que são feitas durante, no meu caso os resíduos, eu adoro um resíduo, adoro um varal em escola contraturno um varalzinho com as produções, pode colocar a foto dos cachorros. Adoro explorar a bichografia dos cães dentro da escola e então falar aí sobre a biografia de cada um desses animais. Tudo isso traz o cão, deixar exercícios, toda a parte da educação assistida quando a gente entra como projeto na escola ela precisa estar muito alinhada ao cotidiano dessa sala, o desenvolvimento do programa do projeto político pedagógico da escola deste programa que o professor está implementando totalmente alinhado para o futuro da classe. Toda vez que você está numa instituição e você entra como alguém de fora aquele público não lhe pertence, o público continua sendo da instituição. Por exemplo, se você está numa sala de aula a responsabilidade da sala de aula segue sendo do professor ele tem que estar presente e envolvido. No meu caso, entrava uma vez por semana para uma aula da semana toda daquela classe. Eu e meu grupo, uma equipe nunca entrei sozinha eu trago isso da Pedagogia Hospitalar. Nunca trabalhei sozinha a não ser nos atendimentos individuais de contraturno escolar uma coisa muito controlada. Mas

sempre que você tem grandes grupos é que você tem muito sujeito de espécies diferentes e o ideal é que você tenha alguns humanos na equipe e situações podem acontecer e cada um pode precisar ficar responsável por algo. O que eu penso? Nós temos várias formas desta construção. Nós temos várias formas de introdução deste cão na temática não só da forma de utilizá-lo durante a sessão de Intervenções Assistidas usando o caixa, colocando-o em ação ou não usando roupas deixando as vezes ele livre na interação com a sala para dar um suporte a cada abordagem você vai ter uma intencionalidade do uso desse então e um formato para alcançar sua intenção. Isto é uma coisa e a outra é a gente pode e deve explorar a presença dos cães para tudo deixar o exercício como combinado já com os professores exercícios que envolvam a temática dos cães. Pode ser por exemplo geografia, vamos falar de países então vamos buscar quais raças são desse país ou dessa região ou enfim de coisas diferentes então por exemplo você tem cães de busca e resgate como São Bernardo na neve. Então se você vai falar da região você pode continuar usando, você está falando da geografia se você está falando da alimentação, enfim não existe nenhuma temática que não dê para você aproveitar estes paralelos em relação a essa outra espécie ou a própria presença e a discussão com ou sem o cão presente, a temática segue sendo explorada.

F: Vamos para a próxima? Diante da tua experiência na educação assistida em ambiente escolar e na formação de voluntários e profissionais. Você considera necessária a ampliação do olhar a respeito do papel do cão nas sessões de Intervenções Assistidas?

A: Sim para tudo. Sim para o ambiente escolar, para a formação dos voluntários, para os profissionais que querem adentrar a área ou já atuam. O papel do cão a gente precisa olhar primeiro, obviamente, aquilo que já falamos algumas vezes durante a entrevista que é este mote que você traz lindamente para a tese e a área agradece que é a questão de saúde-única e bem-estar o único que também é a fala não só da sua linha teórica, mas também a fala converge e comunga com a fala das grandes instituições da atualidade. Então, isso precisa, do ponto de vista da atualização da atuação técnica estar alinhado com estes conceitos de fato operacionalmente dizendo. Não só saber o que é bem-estar ou o que é saúde-única, mas como eu promovo isto para o meu cão, o que é protocolo Lima o que é adestramento positivo?

Existe um universo que vai trazer, vai conduzir para o bem-estar único, para a saúde-única. O primeiro ponto que precisa ser amplificado porque se a gente está falando que é único e o único é para todos, pessoas animais e ambiente. Como a gente vem dizendo que historicamente não tinha este olhar para os animais, a gente olhava para o benefício para o humano, mas não olhava para o animal. Isso já precisa entrar numa pauta primordial. Além disso, como eu uso este cão porque a gente fica nesse lugar que é esta banalização. Se eu estou falando deste cão como um recurso, se eu estou falando deste cão como um dispositivo. Eu poderia trabalhar com um tablet, você já me ouviu falar disso muitas vezes. Eu, como educadora trabalhando na área da leitura poderia optar por alfabetizar e trabalhar com leitura numa plataforma digital, num tablet. Então, eu precisaria entender minimamente deste recurso não precisaria? Qual é a quantidade de memória, quais os recursos que este tablet tem, ele serve ou não para aquilo que eu quero eu vou usar vídeos, ele carrega vídeos, ele tem capacidade, o processador está apto para o tipo de vídeo que eu quero? Então se a gente faz esses questionamentos para um objeto por que isto não é feito para um para um ser vivo? Quando você substitui tablet pelo cão, então é preciso entender sobre o cão. Este cão está apto para esta abordagem que eu quero? Para este ambiente e para este público? Eu sei como introduzir este cão para conversar com a minha proposta teórica? Porque daí ficou esta banalização do uso ou de já pressupor que o cão gosta e está ótimo ali ou que eu tenho que deixá-lo ali à disposição o tempo todo. O que se você não tem uma análise técnica e crítica do que você está fazendo em certos momentos, como eu te comentei, pode concorrer com aquilo que você está propondo para o teu aluno por exemplo.

Nossa, esse aluno não está conseguindo fazer essa atividade! Claro ele está distraído olhando cachorro, é muito mais gostoso ficar olhando para o cachorro. O meu organismo é feito para prestar atenção e eu achar fofo algumas raças por conta das estruturas são encantadoras realmente encantadoras. Haja visto as pesquisas hoje em dia da internet a respeito dos vídeos, principalmente de filhotes. Faça o teste, deixa o algoritmo entender que você gosta de filhote e começará a aparecer um monte no seu feed que você gasta uma hora do seu dia rindo feliz olhando para os filhotes. E aí você pois lá o trabalho ou problema de matemática que é o calcanhar de Aquiles do seu aluno e deixou um cachorro fofinho na frente dele. Você está concorrendo contra você mesmo. O teu recurso está te atrapalhando nesse momento, então se você tem este olhar técnico você entende quando o cão potencializa ganhos e quando ele pode

não ajudar. E aí você vai colocá-lo, retirá-lo, às vezes só o deixar por perto para acalmar, para estar ao meu alcance para que eu me sinta ancorado, amparado. Esta é uma percepção das crianças na minha pesquisa tem o autorrelato de como as crianças se sentem na presença dos animais. A gente está quase rodando, percebe que a gente está falando de elementos sempre.

F: Vamos para a última, mas a tua fala final fez me lembrar de algo que eu costumo dizer e que a gente tem conversado bastante também que as Intervenções Assistidas não são universais. Então eu queria que tu falasses um pouquinho sobre isso quando for falar para finalizar a última questão que é como que tu percebes a utilização do cão nas intervenções assistidas.

A: Eu tenho múltiplas percepções dos campos as Intervenções Assistidas. Tenho a percepção dessa negligência do preparo e do conhecimento desses condutores aos sinais, a linguagem dos cães, a forma que os cães expressam stress ou bem-estar. Do ponto de vista da utilização técnica eu percebo que se perde a percepção de que ele é um dispositivo porque quando a gente fala e eu já passei muitas vezes por isso de eu dizer: para mim o cão é como um dispositivo eu podia trabalhar com o tablet, mas eu trabalho com o cachorro. As pessoas se ressentem dessa fala como se eu estivesse objetificando o cão. Não estou, tanto que estou aqui falando repetidamente sobre o quanto é necessário que este cão esteja preparado para a ação. Porém, tecnicamente na ação pedagógica ele é um dispositivo para mim. E quando eu tenho consciência disso eu não me perco mais no uso deste cão. De novo faço com que estas ações se constelem em algo melhor para o todo. Por quê? Se eu entendo a minha ação técnica de que ora eu vou precisar colocá-lo, tirá-lo, se interessa quando eu estruturo uma seção que este cão fique todo o tempo no ambiente ou não. Se tal ou tal aluno precisa de um apoio não precisa de apoio? Uma coisa que é muito comum nas crianças com desenvolvimento atípico, como as intervenções vêm da área da saúde, principalmente da área da saúde mental que está olhando para as emoções das pessoas em relação aos animais eu acho que se eu colocar cachorro tudo vai ficar bom. Só que tem crianças que têm medo por exemplo e você vai ter numa sala com 25 alunos. Na minha penúltima turma tinha uma menina que tinha medo. Veja como um todo que precisa trabalhar em paralelo o tempo todo, estruturação do animal, estruturação da sua ação profissional. A palavra é essa estrutura, se você olha para

tudo de forma estruturada e por isso você propor um protocolo vai auxiliar muito a área porque vai dar no caminho para estruturação. Por exemplo, eu preciso que meus cães me obedçam e não cheguem num aluno que tem medo por exemplo. Tinha uma abordagem técnica no desenvolvimento dos cães para que eles entendam o que é não - não toque, não vá, não faça. E isso é muito útil quando você tem um aluno com medo. Este aluno vai precisar ser contemplado tecnicamente, então, eu vou usar colete, recursos de outras formas que não é deixar o cão à disposição desta criança. Você percebe por que eu preciso fazer com que este aluno evolua junto com seus pares porque eu estou atendendo uma classe escolar, então faz parte da minha postura técnica que eu entenda quais são as características dos meus alunos. Aqui eu falei de medo, mas eu poderia ter alunos que normalmente, nós temos, com necessidades especiais e estes alunos estão dentro da sala de aula. Como eu contemplo estes sujeitos para que eles sejam pertencentes da educação assistida por animais. Então, tudo vai sendo construído a partir deste olhar. De que é um recurso, é um recurso que precisa ter utilização técnica que visa ganhos no caso da educação assistida, ganhos pedagógicos para a sala se a gente estiver falando de uma sala de aula independente da heterogeneidade dos sujeitos alunos. Eu preciso fazer uma construção das minhas competências, das competências do meu cão ou dos cães que irão trabalhar em sala de aula para alcançar esse objetivo. A minha percepção da utilização do cão é que nós temos aí uma falha e quando temos a falha é porque elas residem nessas duas áreas ou em uma delas.

A: O comando “não” vai promover, também, segurança para a gente quando trabalhamos em sala de aula, por exemplo e as crianças jogam restos dos lápis apontados no chão e o cão pode se interessar por pegar porque às vezes esse resto de lápis inclusive está misturado em pedaços de bala. Aí fica muito interessante se você tem esse comando estruturado você mantém a saúde do cão porque você consegue evitar, você controla as ações, você interrompe ações que você não quer deste animal a partir dessa estruturação técnica. Então é isso, se eu vou para uma sala de aula, eu preciso entender que este, por exemplo, é um dos comandos necessários. Na minha opinião é um comando básico para qualquer atuação, é útil para cães pet. Enfim ele é necessário, tem múltiplas utilidades.

F: Quando a gente fala de cão pet a gente está falando aí de categorias talvez. Aqueles cães que convivem conosco apenas em casa e não atuam nas IAAs e os cães de Intervenções Assistidas que até o momento ainda são muito conhecidos como cães terapeutas, que vão ser preparados para o exercício deste trabalho para atuação e é por isso que lá no início Andrea falou que são cães profissionais.

A: São cães profissionais.

F: A gente entende como cães de trabalho, são cães que são nossos parceiros nas nossas atuações profissionais, então eles precisam se desenvolver para serem cães profissionais.

A: O pessoal da etologia, da veterinária enfim alguém que queira conversar com as taxonomias podia realmente fazer este favor de organizar estas categorias. Seria bem interessante.

F: A gente chegou à última questão e eu me lembrei de um relato teu a respeito de uma atividade que é um relato muito lindo. Evidentemente, permeado de tudo isso que tu falaste, de técnica, de segurança e de uma conduta profissional e em relação à introdução do cão que foi a atividade que tu fez sobre os heróis e os vilões.

A: Eu fazia um projeto social num formato que a gente chama de formato dois e meio do ponto de vista da atuação que é captar recurso da sociedade civil e trazer para a estrutura do projeto e poder ofertar para a escola de maneira gratuita. Nós tínhamos pessoas para apadrinhar este projeto e ele acontecia em escola municipal. Esse era o meu desejo enquanto educadora. Que eu pudesse levar a educação assistida às comunidades que não teriam a oportunidade de viver a educação assistida se não fosse através de projetos. E escolhi uma escola de São Paulo pois eu sou paulista, que ficava perto de duas grandes comunidades violentas, com muitos problemas sociais e fui conversar com a escola, pois a gente entende que esta estruturação é feita em conjunto. Fomos entender quais eram as falas da direção, da coordenação e a fala primordial era nós temos um problema com pequenos furtos com violência etc. Fizemos um projeto experimental com os alunos do quinto ano. Nos propusemos a fazer a construção, porque a gente estava trabalhando a escrita, o texto. Nós criamos

uma história que envolvia heróis e vilões e ela teve vários formatos. Criamos uma história, uma narrativa que envolvia heróis e vilões e nós fomos criando junto com as crianças construindo junto com elas: você vai fazer seu herói como é ele, é desse mundo, não é desse mundo, todos os elementos da narrativa de um herói e um vilão. Como minha linha teórica é socioconstrutivista, a primeira proposta então foi: vamos construir nossos heróis. Explicamos para eles: a gente vai fazer uma história, ela vai ter muitos formatos, em massinha, desenhada, a gente fez escrita, a gente formou tirinhas. Usamos muitas linguagens para expressar essa narrativa. Nós explicamos e daí um aluno veio para mim e falou assim: Eu não quero fazer o herói, eu quero fazer o vilão primeiro. Eu: Ok! Sem problemas. Então, eu explicava o herói e explicava para ele o vilão e ele fez um vilão. Depois ele fez o herói e aí nós fomos construindo. Primeiro começamos construindo os personagens, qual tinha sido o fator motivador da transformação daquela pessoa comum, porque a jornada do herói é isso é aquela pessoa comum que tem um fato transformador, por exemplo o homem aranha quando ele é picado visitando o museu e ele se transforma. Qual vai ser a ação deste herói no caso do Homem Aranha era como combater a criminalidade. Nós fomos construindo porque a gente queria conversar sobre vilões e heróis, porque queremos conversar sobre violência. A gente queria que eles pudessem ter um espaço de expressividade a respeito disto e este menino então me pediu para começar pelo vilão e depois o herói. Quando chegou na narrativa dele da construção ele então começa a descrever e, em resumo, é que a mudança foi que um vilão que conhece um cachorro e se transforma em herói. É emocionante mesmo falar porque a possibilidade de um menino de comunidade de uma comunidade muito violenta entender que ele pode transformar o vilão no herói a partir do contato com o cachorro quer dizer que vale toda a minha atuação profissional. Este menino vale toda a minha atuação profissional da vida. E assim os cães são transformadores. Os cães permitem muitas vezes que a gente expresse, que a gente reconstrua espaços que estão arruinados no sentido da convivência humana ali. Ruiu a partir das dores do convívio com o meu par com meu igual. Mas eu posso reconstruir a partir da presença deste animal que não julga, o cão é um interlocutor complacente e um interlocutor complacente está para você independente de quem quer que você seja, independente daquilo que você está expressando. Ele não te julga, ele quer o contato com o seu verdadeiro eu. Este menino pôde ressignificar esta relação através da narrativa na escola. Isso não tem preço. Inicialmente ele não tinha muito apreço pela escrita e nos desenhos, isso é

muito comum. Quando a gente vai chegando na evolução das crianças, elas vão perdendo sua capacidade, os pares, diferente dos cães não são complacentes e começam a apontar que seu desenvolvimento não é igual ao meu, eu sou melhor do que você e então quando você chega num lugar como esse você pode se expressar, é muito transformador. A escrita veio depois só como um bônus.

F: Muito obrigada.

A: Foi um prazer, sem palavras.

F: Agradeço imensamente teu tempo. Quase duas horas, mas certamente vai ser de muita valia para a nossa área de atuação.

A: Não tem nada mais feliz que isso. A educação é sobre isso. A educação não é este lugar de posicionamentos que são hierárquicos, ela é troca o tempo todo. Não existem territórios que são meus ou teus têm as nossas trocas e toda a construção que surge a partir disso. Então eu só tenho que agradecer e me sinto muito honrada, muito mesmo. Boa sorte, essa tese já nasceu de pé direito com um brilho muito especial, parabéns.

ANEXO D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)



Título da pesquisa: Perspectivas para educação contra a barbárie: um olhar crítico-filosófico à intervenção assistida por animais em ambiente escolar

Pesquisadora responsável: Fabiane Bortoluzzi Angelo Munhoz, doutoranda em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Amarildo Luiz Trevisan

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSCar)

Telefone celular da pesquisadora responsável: (55) 99980 9001

Endereço da pesquisadora responsável: Av. Archangelo Sibinel, 639 Jundiá/SP, Cep 13218 714

Você está sendo convidada para participar, como voluntário/a, da pesquisa de doutorado intitulada: Perspectivas para educação contra a barbárie: um olhar crítico-filosófico à intervenção assistida por animais em ambiente escolar, que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSCar). A pesquisa tem por objetivo central contribuir para uma reflexão crítico-filosófica sobre a Intervenção Assistida por Animais (IAA) em ambiente escolar.

1. Participantes da pesquisa: Pedagoga Andrea Lorenzon Petenucci

2. Procedimentos:

2.1 Participação em entrevista semiestruturada remota, com sete perguntas disparadoras em sala de reunião da plataforma Zoom.

3. Dúvidas e esclarecimentos: por meio do envio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar utilizando o e-mail fabianeangel@gmail.com.

Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo. Em caso de retirada de

seu consentimento, todas as informações que você tenha, até então, fornecido serão descartadas.

4. Riscos e desconfortos: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. No entanto, pode haver algum desconforto ou constrangimento da parte do entrevistado ao responder às perguntas da entrevista (riscos mínimos).

5. Benefícios: Os benefícios desta pesquisa trazem contribuições para a comunidade escolar que considere relevante a implementação de programa de IAA sob a ótica orientada na mesma.

6. Pagamento: a participação na pesquisa é voluntária e não gerará nenhum tipo de pagamento.

7. Despesas com a participação: não haverá nenhum tipo de despesa para participar da pesquisa.

8. Confidencialidade: por tratar-se de uma entrevista com especialista deseja-se tornar público o nome a entrevistada, visto sua contribuição para a história da Intervenção Assistida por Animais com mais de uma década de atuação, especialmente com Educação Assistida por Animais.

9. Ética: esta pesquisa está ligada ao desenvolvimento do projeto de pesquisa “Teorias da Violência na Educação: Formação de Professores para atuar em situações de conflito”, registrado no Gabinete de Projetos do CE/UFSM sob nº 045847, aprovado na Chamada MCTIC/CNPq – Edital Universal nº 28/2018 - faixa C com tempo de execução previsto de 18/02/2019 a 17/02/2025 (prorrogado pelo CNPq em função da pandemia da COVID-19) e registrado sob o CAAE 49293021.5.0000.5346.

10. Serão assegurados os direitos previstos nas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do CNS.

Após esclarecimento das informações, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento que está em duas vias originais. Uma delas é sua e a outra será arquivada pela pesquisadora responsável por um período de cinco anos.

Florianópolis, 10 de dezembro de 2021.

Autorizo a utilização de meu nome:

Pesquisadora responsável:

Andrea Lorenzon Petenucci

Fabiane Bortoluzzi Angelo Munhoz